

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**FRANCIELLY GIACHINI BARBOSA**

**PARA ALÉM DA ESCOLA: IDENTIDADE MENONITA E PRÁTICAS  
SOCIOEDUCATIVAS (CURITIBA, 1934-1948)**

**CURITIBA**

**2010**

FRANCIELLY GIACHINI BARBOSA

**PARA ALÉM DA ESCOLA: IDENTIDADE MENONITA E PRÁTICAS  
SOCIOEDUCATIVAS (CURITIBA, 1934-1948)**

Texto apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação, linha de Pesquisa em História e Historiografia da Educação, Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Liane Maria Bertucci

CURITIBA

2010

*À Adelizia Maria Petersen Barbosa, avó querida.  
Inspiração de força e dedicação.  
Fonte de amor e cuidado.*

## **AGRADECIMENTOS**

Escrevo estes agradecimentos com uma sensação de alívio e satisfação, pois como uma mãe que passa nove meses gerando um filho para enfim colocá-lo no mundo, também esta pesquisa foi gerada ao longo de meses, os quais vieram acompanhados de expectativas e ansiedades. A sensação de calma está no fato de lançar o trabalho ao mundo.

Antes de tudo e de todos, meus mais sinceros agradecimentos a Deus que me deu a vida, o fôlego e a inspiração para a realização deste trabalho.

Agradeço a Eli e Wilson, meus pais, que com cuidado e amor sempre me incentivaram e me deram as oportunidades que estavam ao alcance para que eu pudesse tranquilamente me dedicar aos estudos.

Agradeço aos meus irmãos e sobrinhos pelo companheirismo, apoio e incontáveis momentos de intensa alegria. Obrigada Laura, Lu, Bi, Guto, Pipe e Ingri. E a todos das famílias Giachini e Barbosa, que torceram e vibraram comigo nos momentos de conquista.

Agradeço ao Emanuel pela parceria, incentivo, amor e carinho que nunca faltaram.

Também não posso esquecer aqueles com os quais compartilhei os dois anos letivos do Mestrado. Rafael e Fábio, que por motivos maiores não puderam finalizar. Silvana e Silvete, duas “graças” que deram um toque especial à turma. Fernanda, Alexandra, Emanuelle e Fabiana, que desde a iniciação científica foram ótimas companheiras acadêmicas. Obrigado pelo compartilhar de leituras, conhecimentos, tristezas, alegrias e incontáveis conversas.

Agradeço também aos professores da Linha de Pesquisa em História e Historiografia da Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná. Carlos Eduardo Vieira, Marcus Aurélio Taborda de Oliveira, Serlei Maria Fischer Ranzi, Liane Maria Bertucci, Gizele Souza, Dulce Osinski, Nádia Gaioffato Gonçalves, Vera Regina Beltrão Marques e Marcus Levy Bencostta, mestres comprometidos com a pesquisa e o ensino. Obrigada pelas aulas, orientações e o apontar de caminhos.

Com destaque agradeço ao professor Marcus Levy Albino Bencostta, pelo acompanhamento em minha formação desde as aulas na graduação, que perpassaram a orientação na iniciação científica e continuaram no mestrado, tanto

nas disciplinas quanto na leitura do texto de qualificação. Obrigada pelo incentivo à pesquisa e à participação nos eventos acadêmicos, o que em muito enriqueceu minha formação.

Com carinho especial, agradeço à Liane Maria Bertucci, querida orientadora, a qual me ajudou a dar os primeiros passos no mundo da pesquisa, ainda na iniciação científica, e com benevolência e competência aceitou me orientar no mestrado, sem economizar na alegria, motivação e confiança.

Também agradeço às professoras Helenice Rodrigues e Roseli Boschilia, do departamento de História da Universidade Federal do Paraná, as quais me acolheram em suas disciplinas e compartilharam ricas discussões. Agradeço também à professora Rosa Lydia Teixeira Corrêa, pela leitura do trabalho de qualificação e orientações que muito contribuíram para a pesquisa.

Regina Schimmelpfeng, grande incentivadora, que desbravou comigo as primeiras tentativas e projetos desta pesquisa. Muito Obrigada.

Também agradeço os “guardiões da memória” pela disponibilização de seus materiais. Obrigada Karli Friesen, Heinz Egon Philippsen, Egon Robert Enns, Pedro Wiens, Henrique Ens, Helena Ens, Abram Dück, Juli Friesen, Maria Friesen e Maria Koop Friesen.

Agradeço também à Fabiane Vieira, que com muita boa vontade e competência me auxiliou na revisão das traduções do alemão para o português. Da mesma forma agradeço à Karine Porto Lopes, amiga querida, que me ajudou com as traduções do inglês.

Aos funcionários da secretária do Programa de Pós-Graduação em Educação, sempre solícitos com a organização burocrática necessária.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa concedida, o que possibilitou dedicação exclusiva à pesquisa.

Aos funcionários do Arquivo Público do Paraná e da Sessão Paranaense da Biblioteca Pública do Paraná, pela disponibilização dos documentos e competência na prestação de seus serviços. À Dennis Stoesz e Natasha Sawatzky-Kingsley do Historical Committee and Archives Goshen, em Indiana/EUA, os quais me ajudaram com o processo de digitalização e envio das fontes lá encontradas.

Aos amigos queridos que me incentivaram e torceram por mim na realização desse sonho, Juliane, Ligia, Silvia, Karine, Angélica e Camila. Também agradeço pela companhia e o ombro amigo, daquelas que se mostraram mais chegadas que

irmãs, Juliana e Bianca. Obrigada Marina, mineira que com sua simpatia, delicadeza e prestatividade foi uma companhia muito agradável.

Enfim, agradeço a todos que me acompanharam e torceram por mim.

*Se as lembranças dos mais velhos, a inspeção e a exortação tendem a estar no centro da interface do costume entre a lei e a práxis, o costume passa no outro extremo para áreas totalmente indistintas – crenças não escritas, normas sociológicas e usos asseverados na prática, mas jamais registrados por qualquer regulamento.*

*Edward Palmer Thompson, 1998.*

## RESUMO

A presente pesquisa evidencia o processo de tentativa de preservação e reconstrução de elementos identitários do grupo étnico e religioso menonita, que se instalou no bairro do Boqueirão, em Curitiba, no ano de 1934. Partindo do pressuposto que a identidade de um grupo não é algo estático, este trabalho recupera de que maneira em diferentes contextos e situações relacionais, os elementos base para identificações sofrem alterações, preservando, entretanto, elementos tradicionais. Para resgatar esse processo de mudança/preservação, esta pesquisa observa como ao longo de 14 anos, os menonitas construíram patrimônios e também desenvolveram algumas práticas socioeducativas que reforçaram os elementos inerentes à sua identidade idealizada: seu *Mennonitenum*. A baliza temporal é 1948, pois é neste momento que a escola menonita, que havia sido fechada no contexto da Segunda Guerra Mundial e políticas nacionalista de Vargas, passa a ser dirigida novamente pelos menonitas, mas em contexto social e político diverso daquele vivido pelo grupo nos primeiros anos no Paraná. Buscou-se ao longo da pesquisa, não fazer um controle da identidade menonita e negou-se a postura do pesquisador como um inquiridor que daria a sentença do que são e o que não são os menonitas. Pelo contrário, buscou-se clarear e sistematizar como os próprios menonitas se representavam juntamente com a representação que aqueles que estavam de fora fizeram deles no mesmo contexto. Os saberes ensinados nas práticas e costumes dos menonitas foram não só prescritos, mas vividos, experienciados por toda a comunidade, saberes que, muitas vezes de maneira não escolarizada, nos batismos, festas variadas, velórios, estiveram estritamente ligados aos processos identitários do grupo.

Palavras-chave: Menonitas. Identidade. *Mennonitenum*.



## ABSTRACT

The present research evidences the process of attempting to preserve and reconstruct the identity elements of the ethnic and religious Mennonite group, who settled in the neighborhood of Boqueirão, in Curitiba, in the year 1934. Admitting that the identity of a group is not something that remains unchanged, this project shows the manner in which, for different contexts and situations, the basic elements of identification go through alterations, preserving, however, traditional elements. In order to recover this process of change/preservation, this research also observes how, during 14 years, the Mennonites constructed their patrimony and also developed social-educational practices that reinforced the inherent elements of their idealized identity: their *mennonitenum*. The time limited is 1948, since this is when the Mennonite school, which had been closed in the contexts of World War II and Vargas' nationalistic policies, is once again under the Mennonites' direction, although in a different social and political context than the one experienced by the group in preceding years in Paraná. Throughout the research process the attempt was not at maintaining a catalog of the Mennonite identity but to deny the position of an inquiring researcher that would decide what are, and what are not, Mennonites. On the contrary, there was an attempt at clearing up and systemizing how the Mennonites represent themselves as well as systemizing the representation of those outside of their group did of them in the same context. The knowledge passed on in the practices and habits of the Mennonite were not only prescribed, but lived, experienced by the entire community, knowledge that, many times was taught outside of school, in baptisms, at varied celebrations, at wakes, etc., was strictly tied to the identity elements of the group.

**Keywords:** Mennonites. Identity. *Mennonitenum*.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 -	CONFIGURAÇÃO DA PRÚSSIA NO PERÍODO DE FIXAÇÃO DAS COLÔNIAS MENONITAS.....	23
FIGURA 2 -	ASSISTÊNCIA DA CRUZ VERMELHA NA DIVISA DA RÚSSIA.....	26
FIGURA 3 -	CENTRO DE REFUGIADOS VINDOS DA RÚSSIA PARA A ALEMANHA, MÖLLN – 1929.....	27
FIGURA 4 -	IMIGRANTES EM MÖLLN – 1929.....	27
FIGURA 5 -	GRUPO NA ILHA DAS FLORES/RJ – 1930.....	30
FIGURA 6 -	TRANSPORTE DO LEITE PARA O CENTRO DE CURITIBA.....	33
FIGURA 7 -	BEBEDOURO PARA CAVALOS NO LARGO DA ORDEM, CENTRO DE CURITIBA.....	44
FIGURA 8 -	COOPERATIVA DO BOQUEIRÃO, 1947.....	47
FIGURA 9 -	PRIMEIRA CONSTRUÇÃO DA ESCOLA DO BOQUEIRÃO.....	66
FIGURA 10 -	CASAMENTO MENONITA [194 -].....	68
FIGURA 11 -	TURMAS DO 1º, 2º, 3º, 4º E 5º ANO, PROFESSORES OLDEMAR DIETER E AFONSO DESCHAMP, AGOSTO DE 1949.....	83
FIGURA 12 -	CASAMENTO MENONITA, JAKOB GOERZ E KÄTE GOERTZ, 1936	90
FIGURA 13 -	ZWIEBACK.....	91
FIGURA 14 -	FESTEJOS DO CASAMENTO DE BERNHARD E SUSANNA FRIESEN -1944.....	94
FIGURA 15 -	CASAMENTO MENONITA, [194-] .....	95
FIGURA 16 -	ANA E JAKOB SIEMENS (BODAS DE OURO) E BERTHA E PETER KLASSEN (BODAS DE PRATA), 1939.....	97
FIGURA 17 -	DIA DAS CRIANÇAS NO BOQUEIRÃO – 1948.....	99
FIGURA 18 -	FESTA DA CRIANÇA NO BOQUEIRÃO - 1948.....	100
FIGURA 19 -	SISTEMA DE CIFRAS (ZIFFERNSYSTEM).....	101
FIGURA 20 -	FESTIVAL DE CORAIS MENONITAS NO BOQUEIRÃO - 1948.....	102
FIGURA 21 -	FESTIVAL DE CORAIS MENONITAS NA VILA GUAIRA – 1948.....	103
FIGURA 22 -	GRUPO DE PESSOAS APÓS CULTO NA IGREJA DO CRISTIANISMO DECIDIDO.....	105
FIGURA 23 -	CONSELHO DA IGREJA MENONITA DE CURITIBA [194?].	107
FIGURA 24 -	BATISMO POR IMERSÃO NUM TANQUE.....	113

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CCM - Comitê Central Menonita

MES - Ministério da Educação e Saúde

VDA - *Verein für das Deutschtum im Ausland* (Sociedade para os Alemães no Exterior)

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	13
<b>1 MENNONITENTUM: A TRAJETÓRIA E OS PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO</b>	21
1.1 OS MENONITAS NO BRASIL E ORIGENS EUROPEIAS	21
1.2 GERMANIDADE, TRABALHO, ESPÍRITO COMUNITÁRIO E FÉ	36
1.3 IDENTIDADES EM CONFLITO: <i>MENNONITENTUM</i> X NACIONALISMO BRASILEIRO	50
<b>2 A ESCOLA DO BOQUEIRÃO</b>	62
2.1 ISOLAR OU INTEGRAR: EIS A QUESTÃO	62
2.2 UMA ESCOLA PARA SERVIR A IGREJA?	65
<b>3 OUTRAS PRÁTICAS: PARA ALÉM DA ESCOLA</b>	87
3.1 CASAMENTOS E FESTAS	88
3.2 MÚSICA	101
3.3 CULTOS	104
3.4 LEITURAS	109
3.5 BATISMOS	110
3.6 NA ETERNIDADE COM O SENHOR	114
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	118
<b>FONTES</b>	122
<b>REFERÊNCIAS</b>	128

## INTRODUÇÃO

Quanto aos estudos acerca de empreendimentos educacionais de teuto-brasileiros, o sul é uma região que tem se destacado com produções geralmente atreladas ao processo de imigração, instalação e desenvolvimento do grupo germânico no Brasil. No entanto, pesquisas abordando a temática da história da educação de minorias étnicas são ainda pouco expressivas no campo educacional brasileiro.

Os menonitas,<sup>1</sup> como minoria étnica, são ainda pouco estudados nos programas de pós-graduação do Brasil. Especificamente sobre os menonitas no Brasil foram encontradas apenas uma tese de doutorado de cunho sociológico, três dissertações de mestrado de cunho historiográfico e duas de cunho linguístico.<sup>2</sup> E para afunilar ainda mais, apenas um desses trabalhos aborda a questão educacional menonita. Trata-se de uma dissertação que divide o estudo acerca de duas escolas: uma menonita e outra adventista, ambas na cidade de Curitiba, abordando, em especial, a questão do ensino religioso nestas instituições.

Com a intenção de colaborar para a ampliação dos estudos sobre o grupo menonita do Brasil, nossa análise foca-se no núcleo que se estabelece no bairro do Boqueirão<sup>3</sup> na cidade de Curitiba no ano de 1934. A baliza temporal vai até o ano de

---

1 Menonitas, o nome que se dá a um ramo do anabatismo protestante, que tem suas origens na Europa protestante do século XVI, deriva de seu principal líder, Menno Simons (1496-1561).

2 MINNICH Jr., Reynolds Herbert. **A sociological study of the mennonite immigrant communities in Paraná**. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade da Flórida, Flórida, 1966. DÜCK, Elvine Siemens. **Witmarsum, uma comunidade trilingue**: Plautdietsch, Hochdeutsch e Português. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005. GUSSO, Sandra de F. K. **Educação e evangelização, principais motivos para o surgimento das escolas protestantes de origem étnica alemã em Curitiba**: um estudo de caso do Colégio Internacional e da Escola do Boqueirão. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba 2000. LOYOLA, Rosita Cordeiro. **A formação de grupos de dominação**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1979. MASKE, Wilson. **Bíblia e arado**: os menonitas e a construção do seu reino. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1999. SIEMENS, João Udo. **Variedades linguísticas entre os menonitas de Curitiba**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 1983.

3 É importante ressaltar a participação ativa de menonitas que se estabeleceram no Boqueirão e no Xaxim, bairros vizinhos, pois a fronteira territorial que separava os dois bairros não separava a interação, circulação e participação dos moradores do Xaxim nos eventos menonitas no Boqueirão, visto que tanto igreja quanto escola estão localizadas no bairro do Boqueirão.

1948, pois é neste momento que a escola menonita, que havia sido fechada no contexto da Segunda Guerra Mundial e também das políticas nacionalista de Getúlio Vargas, reabre e passa a ser dirigida novamente pelos menonitas. A reabertura da escola é a expressão de um novo contexto social e político diverso daquele vivido pelo grupo nos primeiros anos no Paraná, no qual a repressão e políticas limitadoras das ações dos imigrantes passam a ter uma nova configuração, com o processo de redemocratização e do pós-guerra. Acrescenta-se ainda o fato de que neste novo contexto muitos dos membros das famílias menonitas já são brasileiros natos, e parte dos não nascidos no Brasil havia passado pelo processo de naturalização, evidenciando desta forma um novo contexto de maior integração desses imigrantes ao país que os recebeu.

A pretensão inicial da pesquisa era abordar a história institucional da Escola do Boqueirão, empreendimento do grupo menonita para instrução elementar de suas crianças e tentativa de preservação da identidade étnica e religiosa de seus descendentes. No entanto, como já foi constatado por diversos pesquisadores da história da educação, a salvaguarda e preservação de arquivos escolares ainda é uma consciência a ser buscada. Infelizmente, do período que será evidenciado nesta dissertação (décadas de 1930 e 1940) a escola não preservou um único documento administrativo. E no caso dos menonitas tem-se o agravante de que eles foram obrigados, após as prescrições nacionalistas, a se desfazer dos materiais escritos em alemão (DUECK, 1951).

Dessa forma, como os documentos produzidos pela escola eram inexistentes, empreendeu-se a busca do material que sobreviveu para além dos “muros” da instituição. Ex-alunos foram encontrados e visitados, os quais guardam além de algumas fotografias, muitas lembranças do tempo escolar. Pode-se perceber nos arquivos particulares dessas pessoas fotografias de casamentos, de festas, de suas casas, das charretes que carregavam o leite, produzido na comunidade<sup>4</sup> e vendido no centro da cidade, dentre outras cenas do cotidiano.

Essa ocasional observação fez surgir uma nova pretensão: já que o material coletado não sustenta a escrita de uma pesquisa somente da escola menonita, por

---

4 A categoria “comunidade” trabalhada nesta pesquisa está de acordo com a concepção de Weber, que congrega uma relação, cuja ação social se inspira em sentimento subjetivo, afetivo ou tradicional (1994).

que não buscar também outras práticas, deveras não-formais, que fizeram parte dos processos de tentativa de preservação e reconstrução da identidade menonita e que se traduziram em verdadeira educação cotidiana? Partindo desta nova perspectiva, a presente pesquisa tem o objetivo de perceber a relação existente e desenvolvida entre práticas cotidianas e educativas, formais ou não, com o processo identitário do grupo menonita.

Ginzburg escreveu que “se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la” (1989, p. 177). Olhar para uma realidade opaca, que deixou seus rastros no tempo não é tarefa das mais fáceis, ainda mais quando se pretende traçar uma representação dessa realidade. Apesar de escassas e parciais, as zonas privilegiadas desta realidade ainda testemunham partes do vivido pelo homem no tempo.

A zona privilegiada desta pesquisa é um periódico menonita, de edição bimensal nos primeiros anos e mensal depois de 1936, o **Die Brücke**,<sup>5</sup> o qual, além de ser um vestígio do passado, é um material que traduz tensões, diferenças, tradições, modernidades, notícias do mundo, sendo inclusive uma importantíssima fonte de educação informal para o grupo menonita.

O jornal **Die Brücke** circulou de maio de 1932 a dezembro de 1934, com uma interrupção no ano de 1935, voltando em 1936 com publicação o ano todo. De 1937 só foram encontrados exemplares de março, maio e junho. Em 1938 circula com o nome **Die Neue Brücke**. No entanto, o novo nome não trouxe com ele “bons ventos”, visto que em maio de 1938 o Decreto-lei 406 proibiu que jornais circulassem em língua estrangeira no Brasil. No entanto, percebe-se que a publicação e circulação do jornal persistiram alguns meses após o decreto, visto que o último exemplar é do mês de outubro.

Este periódico era editado no estado de Santa Catarina e, como o próprio nome do jornal alude (em português seria *A Ponte* e depois *A Nova Ponte*), pretendia manter um elo entre as comunidades menonitas de diferentes regiões do mundo, visto que no corpo do jornal existem indicações de seu preço não só para o Brasil,

---

5 O jornal era impresso na tipografia de Arthur Koehler, na cidade de Blumenau (SC). Circulava também entre as comunidades menonitas instaladas na Europa e América do Norte, no entanto não foram encontrados dados que informassem o número das tiragens. Como os menonitas de Santa Catarina recebiam ajuda financeira da Holanda para o desenvolvimento da colônia é provável que parte desses recursos contribuísse para o financiamento da produção deste jornal.

mas também para a Europa e América do Norte.

O processo de produção, circulação e apropriação desse periódico pode ser entendido como mais um elemento da tentativa de preservação e manutenção de uma idealizada identidade menonita, pois como lembra Pollak, as identidades coletivas atuam como um investimento feito por um grupo para dar a cada membro um sentimento de “unidade, de continuidade e de coerência” (1992, p. 207).

Dessa forma, com o elo proporcionado pelo jornal entre os grupos menonitas, o que se pretendia era manter a unidade do grupo. Isto fica ainda mais claro quando o conteúdo do jornal é analisado. Capelato e Prado (1980) já discutiram a questão da não neutralidade desse tipo de material. O periódico menonita não só noticiava o desenvolvimento e os acontecimentos dos núcleos menonitas do Brasil, como também discursava sobre os preceitos de germanidade (*Deuschtum*), sobre as características de um menonita (*Mennonitentum*), a importância que davam para o trabalho, além de sermões, histórias de cunho religioso, dentre outros assuntos.

Esta coletânea de 39 edições, toda redigida em alemão gótico, foi fotocopiada do Museu de Wittmarsum, outra colônia menonita que se estabeleceu no Paraná na década de 1950. Percebe-se que esta nova colônia tem o mesmo nome de um núcleo menonita de Santa Catarina, que por sua vez deriva de uma cidade holandesa, na qual nasceu o principal líder menonita, Menno Simons.<sup>6</sup>

Outro periódico menonita pesquisado, que segue uma lógica parecida com a do **Die Brücke** e do **Die Neue Brücke**, só que impresso em Winnipeg, capital da província canadense de Manitoba, foi o **Mennonitische Rundschau** (revista menonita), também redigido em alemão gótico. Teve-se acesso aos exemplares dos anos de 1948 e 1949, nos quais foram encontradas algumas matérias sobre a comunidade do Boqueirão, pois como os jornais menonitas brasileiros, este outro periódico divulgava notícias sobre as colônias menonitas espalhadas pelos continentes.

No periódico mensal menonita, **Bibel und Pflug** (Bíblia e Arado), redigido

---

<sup>6</sup> Na tentativa de preservação da identidade menonita, percebem-se elementos recorrentes, presentes em sua “bagagem”, como alguns nomes importantes para sua história. É significativo o caso da cidade natal de Menno Simons - o povoado de Wittmarsum na província de Friesland ao noroeste da Europa continental – utilizado para denominar a Wittmarsum Holandesa de Santa Catarina e, posteriormente a do Paraná.



em alemão e editado desde 1954, foram encontradas matérias que memoram o período e o local pesquisados. Este periódico, apesar de não ser testemunha, é memória das décadas anteriores e fonte importante para a dissertação, pelas informações e relatos dos primeiros tempos do grupo em Curitiba e pelas informações sobre os menonitas, no Brasil e no mundo nas primeiras décadas do século XX.<sup>7</sup>

Os periódicos de circulação regional da cidade de Curitiba, como **Diário da Tarde**, **Gazeta do Povo** e **O Dia**, são analisados, nos quais se encontra principalmente o processo de implantação das políticas nacionalistas do período e o olhar do jornal para a população estrangeira de Curitiba, buscando como e se os menonitas eram percebidos pela terra nova onde aportaram e também se costumes, modernidades, inovações percebidas nos jornais puderam ser, com o tempo, notados na comunidade, como representações que foram apropriadas de forma plural (CHARTIER, 1991) aos costumes dos menonitas. Pois, como lembra Thompson (1998), os costumes de um grupo não estão somente ligados aos resquícios do passado de um grupo, mas também são frutos recentes de um novo contexto.

Livros produzidos pelos próprios menonitas para contar sua história são fontes utilizadas. São exemplares em alemão, inglês e português.<sup>8</sup> O material memorialista e saudosista guarda importantes dados que outros documentos não possuem, tais como relatos detalhados da instalação do grupo menonita no Boqueirão, seus empreendimentos e atividades diárias.

Outro material importante provém de um projeto de pesquisa da Fundação Cultural de Curitiba, que num trabalho de escrever a história dos bairros da cidade, no que tange ao bairro do Boqueirão (SUTIL, 1995), realizou entrevistas com antigos moradores, as quais estão arquivadas na íntegra na Casa da Memória de Curitiba.

---

7 Como grande parte das fontes citadas está no idioma alemão, em sua íntegra, destaca-se que toda a vez que houver tradução dos documentos, no decorrer dos capítulos, trata-se de um trabalho de livre tradução do pesquisador.

8 KLASSEN, J. **MENONITAS... e irmãos**. Curitiba: Instituto e Seminário Bíblico Irmãos Menonitas (ISBIM), 1984. PAULS JUNIOR, Peter. **Mennoniten in Brasilien**: Gedenkschrift zum 50 Jahr – Jubiläum ihrer Einwanderung 1930-1980. Witmarsum, 1980. DYCK, Cornelius J. **Uma Introdução à História Menonita**. São Paulo: Ed. Cristã Unida, 1992. ENS, Henrique. **The schoolorganization among the mennonites in Brasil**. Goshen College: Indiana, [196?]. Mimeo. DUECK, Abram. **The mennonites of Brazil**. Goshen College: Indiana, 1951. Mimeo.

Muitos dos entrevistados são menonitas que viveram no período focado nesta pesquisa. Outras entrevistas utilizadas na dissertação são do trabalho de conclusão de curso de Karl Friesen (2001), explorando principalmente aquelas de ex-alunos da instituição menonita Escola do Boqueirão. Também foram produzidas pela pesquisa duas entrevistas.<sup>9</sup> Uma delas com uma aluna egressa da Escola do Boqueirão e outra com um casal que viveu parte da infância no Boqueirão no período que abrange a pesquisa. A análise desse material se submete ao mesmo trabalho crítico que outras fontes estão sujeitas, as fontes orais demonstram para além do vivido pelos informantes, a interferência dos trabalhos da memória nestas experiências (HALL, 1992), sendo que a memória é seletiva, conflituosa e coletiva (RANZI, 2001).

Foram consultados alguns documentos oficiais, especialmente a legislação do período, no que diz respeito à campanha de nacionalização do Estado Novo.

Outros materiais utilizados na pesquisa são fotografias recolhidas na comunidade menonita e nos arquivos da Associação Cultural Menonita. Este material traz representações da escola, das casas, das carroças, de casamentos, enfim, do cotidiano no Bairro do Boqueirão das décadas de 1930 e 1940. A leitura das imagens leva em consideração as condições da produção, seleção e preservação desse material iconográfico (RAGAZZINI, 2001), bem como a crítica externa e interna do material, referente às condições de produção e ao conteúdo da imagem, respectivamente, entrelaçando este conteúdo aos contextos humanos e as relações sociais atrelados à ela (LE GOFF, 1994).

Foram encontradas fontes em Indiana/EUA, no *Historcal Committee and Archives Goshen*. Estas se referem a relatórios produzidos por missionários enviados, pelo Comitê Central Menonita, às colônias da América do Sul.

Mas, afinal, quem são os menonitas? No intento de responder a este questionamento, o primeiro capítulo dedica-se ao delineamento de uma trajetória histórica deste grupo desde seus primórdios, no século XVI como fruto das reformas protestantes, buscando reconhecer traços de como a identidade menonita foi sendo construída, consolidada e sucessivamente reconstruída, ao longo dos séculos em que os menonitas peregrinaram pela Europa e, posteriormente, por outras partes do

---

9 As entrevistas realizadas em 2009 preservam a identidade dos entrevistados, sendo fictícias as iniciais de seus nomes.

mundo. Cabe ressaltar que a trajetória traçada no primeiro capítulo não diz respeito a todas as correntes migratórias de menonitas, mas sim às levas que posteriormente migraram para o Brasil e formaram o núcleo que se tornou objeto dessa pesquisa.

O mais instigante nesta trajetória será perceber como a identificação de um grupo funciona como um processo dinâmico e instável. A partir daí, procura-se entender como foi o processo de instalação no bairro do Boqueirão, em Curitiba, bem como o que estava em jogo nos elementos identitários dos menonitas nesse momento. Para tanto, o estudo mobilizará conceitos e teorias acerca da identidade, dialogando principalmente com autores como Azevedo (2003), Bauman (2005), Castells (2002), Cuche (1999), Hall (2006), Létourneau (2002) e Pollak (1992).

O segundo capítulo traz considerações acerca da instituição educacional menonita, a Escola do Boqueirão, fundada em 1936 como escola primária. Esta, marcada pelo caráter étnico e religioso, foi obrigada a reformular seus objetivos, a partir de 1938, devido ao contexto da política nacionalista e o transcorrer da Segunda Guerra Mundial. Professores menonitas foram proibidos de lecionar na escola e o estabelecimento de ensino fechou suas portas, reabrindo somente em 1948. Ao se analisar uma instituição escolar, faz-se imprescindível focar o olhar para o que é próprio de seu interior, o que envolve as práticas escolares, seus sujeitos e saberes, ainda que as fontes para isso sejam escassas.

Observa-se que a comunidade ficou quase uma década sem sua própria escola e, nesse ínterim, muitas crianças foram enviadas para estudar no centro da cidade, principalmente nos colégios Bom Jesus e Divina Providência, o que trouxe para a comunidade novos contatos com outros moradores de Curitiba, novas informações e outros hábitos, que foram conjugados com seu modo de vida.

Importante assinalar que, do período de chegada do grupo no Boqueirão, em 1934, até 1936, quando a escola é fundada, nenhum estabelecimento de ensino, nem público nem privado, foi localizado naquele bairro. Nesses intervalos o grupo não teve a escola para lhe servir de ferramenta para instrução e preservação de princípios singulares do grupo, como idioma, religião, costumes e valores. Então, visto que o contexto em que estavam inseridos os menonitas não era favorável para a preservação de sua identidade, o que fizeram os menonitas para buscar preservar uma identidade étnica e religiosa tão cara a eles?

Este é o tema do terceiro capítulo, que busca nas festas, nas cerimônias religiosas, na música, nos periódicos, na língua, no cotidiano deste núcleo menonita, práticas educativas que buscaram preservar uma identidade alimentada por séculos, mas nem por isso estática, pois, como será visto, os processos de identificação são como jogos e suas cartas são dadas conforme as conveniências, tramas de poderes em voga e da vivência cotidiana.

Ressalta-se ainda a importância da pesquisa, tanto para a produção acadêmica quanto para o grupo que está sendo analisado, pois para ambos este trabalho proporciona mais uma das diversas interpretações e representações possíveis sobre um objeto de estudo, mas, ao mesmo tempo, guardando o ineditismo de traçar uma história que ainda não foi feita com os rigores da produção acadêmica e nem com a compilação, análise e interação de fontes que a presente pesquisa comporta.

## 1. *MENNONITENTUM*: A TRAJETÓRIA E OS PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO

### 1.1 OS MENONITAS NO BRASIL E ORIGENS EUROPEIAS

Cuche (1999) alerta que não cabe ao pesquisador fazer “controles de identidade”, mas sim buscar entender os processos de identificação de indivíduos e de grupos sociais. Desta forma, será mais pertinente neste trabalho a tentativa de entender porque o grupo menonita fez algumas escolhas no que diz respeito a seus elementos identitários. E, tendo em vista que a identidade é um processo dinâmico, mesmo que o pesquisador almeje, não conseguiria controlar a identidade de um grupo.

Toda identificação implica em diferenciação e, segundo Cuche, o que cria a fronteira da identidade não é a diferença cultural, pois, a identidade pode ser mista num mesmo grupo. O que cria fronteiras seria “a vontade de se diferenciar e o uso de certos traços culturais como marcadores de sua identidade específica” (1999, p. 200). Assim, como elementos que queriam se diferenciar, tanto de católicos quanto até mesmo de luteranos e calvinistas, o grupo anabatista se distinguia ainda dos movimentos reformadores no século XVI.

Como destaca Maske (1999), o movimento anabatista seguiu o curso do rio Reno: o movimento nascera na Suíça, passando pela Alemanha para desembocar nos Países Baixos (mais especificamente na Holanda). Muitos anabatistas foram martirizados, principalmente por não batizarem crianças. Um padre holandês, comovido com a situação, passou a defender o grupo e, em pouco tempo, começou a discordar do batismo infantil. Este padre era Menno Simons (1492-1559) que, abandonando a batina, se transformou em líder de um novo grupo, os menistas. Assim, vinculados ao movimento anabatista, em 1536 na Holanda, sob a liderança de Menno Simons, que os menistas, mais tarde menonitas em homenagem ao líder, aparecem no cenário europeu.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup>A Igreja Batista tem suas origens ancoradas no contato de um grupo de dissidentes da Igreja Anglicana, com os anabatistas na Holanda, os quais, a partir desse contato, passaram a praticar o batismo em adultos, como os anabatistas.

Segundo Nichols (1978) a doutrina fundamental do anabatismo dizia respeito à sua concepção de Igreja, sustentava-se que esta era uma sociedade de pessoas que foram regeneradas pela conversão, portanto o rito de admissão a esta Igreja só poderia ser direcionado àqueles que teriam experimentado conscientemente a conversão, ou seja, os adultos. Os anabatistas, também conhecidos como rebatizadores, caracterizavam-se por batizar as pessoas pela segunda vez, pois batizavam novamente aqueles que já haviam recebido tal sacramento pela Igreja Católica enquanto crianças, e quando adultos se convertiam ao movimento (FRIESEN, 2001). E a prática se estendeu para aqueles que, desde tenra idade, pertenciam ao grupo, todos batizados depois de conscientes de sua fé. Por este fato os anabatistas, além dos conflitos com os católicos, entraram em conflito com os luteranos, que praticavam o batismo infantil.

Ainda no século XVI, segundo MASKE (2004), em 1539, alguns menonitas do Flandres, fugindo da Inquisição que se estabeleceu naquela região, então sob domínio espanhol, aproveitaram o convite feito pelo rei Sigismundo da Polônia para ocupação de territórios prussianos (figura 1) da parte ocidental, com a promessa de tolerância religiosa. Mais tarde os menonitas ocuparam a parte oriental da Prússia e, aos poucos, foram se destacando como um grupo muito recluso. Maske considera que foi durante os mais de 200 anos na Prússia que os menonitas “solidificaram a formação de sua identidade como grupo religioso e étnico, adotando o *hochdeutsch* [alemão] como língua pública do grupo, sem excluir o *plattdeutsch* [dialeto formado a partir do alemão e do holandês] da esfera privada” (2004, p. 29).<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> Além do alemão, os menonitas também falavam um dialeto, principalmente no núcleo familiar, trata-se do *Plautdietsch* ou *Plattdeutsch*, caracterizado pelos linguistas como uma variedade linguística que se formou no século XVI e XVII na região da Prússia, enriquecido com centenas de palavras dos Países Baixos. Para mais informações sobre o dialeto, consultar DÜCK, Elvine Siemens. **Wittmarsum, uma comunidade trilingue *Plautdietsch*, *Hochdeutsch* e português**. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2005.



FIGURA 1 - CONFIGURAÇÃO DA PRÚSSIA NO PERÍODO DE FIXAÇÃO DAS COLÔNIAS MENONITAS

FONTE: ATLAS DA HISTÓRIA DO MUNDO, 1995, p.186

Neste primeiro momento pode-se perceber a necessidade de solidariedade como elemento de identificação (CUCHE, 1999; BAUMAN, 2005), pois diante das perseguições religiosas, estes protestantes buscaram na formação de uma comunidade um aspecto importante de proteção e sobrevivência. É interessante assinalar que esta “perseguição” não se limitava à rivalidade entre protestantes e católicos, mas também entre protestantes e protestantes.

Na Prússia, além de tracejarem uma identidade de grupo, os menonitas estabeleceram-se como proprietários de aproximadamente 300.000 acres de terra. Ali, tanto os impostos militares, quanto os impostos para a Igreja estatal provinham da propriedade de terra, medida esta que desagradava o grupo, pois estavam sendo obrigados a darem apoio financeiro a militares e a uma Igreja que não era a deles. Somando-se a estas contrariedades, os menonitas estavam sofrendo algumas retaliações do governo, Impedidos de comprar mais terras e a obrigação dos

homens do grupo a prestarem o serviço militar, medida esta que contrariava seus princípios religiosos a favor do pacifismo.

Uma saída encontrada para estes contratempos foi o aceite ao convite de se instalarem na Rússia, feito pela Imperatriz Catarina II (1762-1796), na segunda metade do século XVIII, o que desencadeou a ida de sucessivas levas para este novo território. Catarina II, de procedência germânica, quando ainda usava o nome de Sofia Anhalt-Zerbst, casou-se com Pedro, herdeiro do trono russo, e foi proclamada imperatriz, após a morte de seu marido (Pedro III), destronado por um golpe militar liderado por ela própria. O governo de Catarina, amiga de filósofos franceses, conhecida como uma “déspota esclarecida”, além de instituir liberdade religiosa, promoveu a incorporação de inúmeras etnias no território russo a fim de aumentar a população, diversificar a produção e promover a criação de um grande império. Dentre aqueles que migraram para a Rússia, estavam os menonitas (VICENTINO, 2001, SCHNEIDER, [19-?]).

Depois de estabelecidos na Rússia, a partir de 1850, os menonitas experimentaram um período de prosperidade econômica. No entanto, depois de mais de um século instalados neste território (agora final do século XIX) os menonitas perderam novamente a isenção do serviço militar, como já havia acontecido na Prússia. Como lembra Maske, “a isenção de impostos e a quase independência das colônias estavam sendo eliminadas por um governo russo cada vez mais nacionalista e cioso de seu poder” (2004, p. 34).

O Czar Alexandre III (1881-1894) implementou um processo conhecido como “russificação”, no qual procurou disseminar “entre os súditos a língua, a religião e a cultura da 'mãe Rússia', o que facilitaria a tarefa de governá-los” (VICENTINO, 2001, p.51). O curioso dessa política é que menos da metade da população imperial era russa, pois a grande maioria era formada pelos povos bálticos, poloneses, romenos, ucranianos, georgianos, armênios, tártaros, turcos, persas, dentre outros. Em 1891 foi determinado que toda educação do território russo deveria ser ministrada no idioma russo, sendo que o alemão seria permitido somente como língua estrangeira. Neste sentido, Maske aponta que

a partir desses acontecimentos, possivelmente, os menonitas passaram a ver a língua e a cultura alemãs como parte essencial de



sua fé. A maioria deles havia aprendido a identificar-se completamente com suas comunidades fechadas e interdependentes. Essa era a sua nação, e a língua dessa nação era a alemã e não a russa. (2004, p. 37).

Por mais que os menonitas se esforçassem para manter suas tradições, não se pode negar que a cada momento de mudança, novos elementos foram incorporados à sua identidade. E por mais que naquele momento se identificassem como alemães e fossem contrários à nacionalidade russa, mais tarde, quando parte do grupo vem para o Brasil, aqui serão identificados como alemães-russos. Não só os menonitas, mas outros grupos de imigrantes entraram no Brasil identificados como de nacionalidade alemã, quando eram, na verdade, cidadãos russos, poloneses, austríacos, dentre outros. Esta imprecisão foi causada principalmente pelas constantes mudanças de fronteiras na Europa (SEYFERTH, 2003).

A partir da Revolução Russa, em 1917, a situação do grupo ficou cada vez mais insustentável. Os primeiros anos do governo de Lênin basearam-se em um “comunismo de guerra”, no qual a política econômica confiscou a produção para financiar os esforços da guerra civil contra os contra-revolucionários czaristas. Em 1924 iniciou-se o governo soviético de Stálin, o qual por meio de sucessivos planos quinquenais socializou o campo “estabelecendo os *sovkhozes* (fazendas estatais) e os *kolkhozes* (fazendas coletivas)” (VICENTINO, 2001, p.61). O Plano Quinquenal de Stálin, que confiscou e coletivizou as terras menonitas, foi o estopim para que o grupo, pouco a pouco, abandonasse a Rússia.

Em sua biografia, Dück (2006) conta que os bens dos menonitas que restaram após o confisco foram vendidos a preços insignificantes, para que depois tentassem liberação, em Moscou, para sair do país. Alguns conseguiram o visto, mas muitos tiveram que permanecer na Rússia. No Brasil, mais tarde, chegaram as notícias de penúria e fome na Rússia (**Die Brücke** janeiro/fevereiro de 1934). Os que conseguiram sair rumo à Alemanha receberam alguma ajuda da Cruz Vermelha na divisa da Rússia (figura 2).

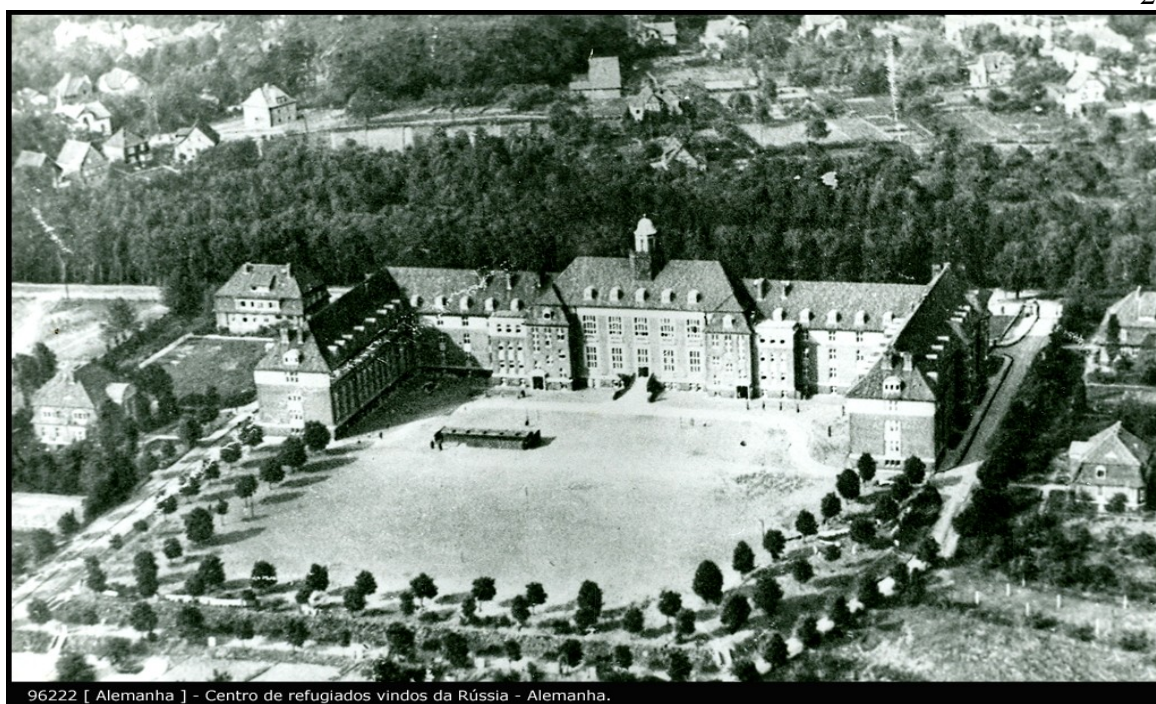


FIGURA 2 - ASSISTÊNCIA DA CRUZ VERMELHA NA DIVISA DA RÚSSIA  
FONTE: ASSOCIAÇÃO CULTURAL MENONITA

O sonho era a fixação na idealizada “pátria mãe”, mas uma mísera parcela conseguiu ficar na Alemanha, pois com a situação do pós Primeira Guerra, o país estava numa situação caótica, com desemprego e a baixa da produção. Dessa forma, a partir de negociações entre o governo alemão, o Comitê Central Menonita e os países de recepção, o destino final dos menonitas foi, principalmente, o Paraguai e o Brasil.

Mesmo não fixando residência na Alemanha, os menonitas lá ficaram alguns meses em Centros de refugiados, como os das imagens a seguir (figura 3 e 4) na cidade de Mölln, até que viessem para a América.





96222 [ Alemanha ] - Centro de refugiados vindos da Rússia - Alemanha.

FIGURA 3 - CENTRO DE REFUGIADOS VINDOS DA RÚSSIA PARA A ALEMANHA, MÖLLN - 1929  
FONTE: ASSOCIAÇÃO CULTURAL MENONITA



96323 [ Alemanha ] - Imigrantes em Möllen.

FIGURA 4 - IMIGRANTES EM MÖLLN - 1929  
FONTE: ASSOCIAÇÃO CULTURAL MENONITA

O governo alemão também os ajudou na mudança para a América com o custeio de seis milhões de Reichsmark (moeda oficial da Alemanha no período de 1942 a 1948) para a viagem. Outra fonte de ajuda foi a do Comitê Central Menonita (CCM), que dispensou três milhões de Reichsmark para a viagem (PAULS JUNIOR, 1980).

Diante desse panorama pode-se perceber como os menonitas foram se formando e se conscientizando enquanto grupo. No entanto, isto não significa que esta organização fosse homogênea, a riqueza da história está nas suas variações e irregularidades, bem como nas exceções, pois a história é a disciplina da desordem, como lembra Thompson (1981).

Castells afirma que “a construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos do poder e revelações de cunho religioso” (2002, p. 23). Portanto, se esta matéria-prima muda, as identificações também mudam. No caso menonita, apesar da origem holandesa, a permanência do grupo em terras prussianas fez com que, quando da mudança para terras russas, os menonitas apresentassem mais os traços e ligações com a cultura alemã do que com a holandesa. Assim, percebe-se que é na relação com o contexto que a identidade se constrói e reconstrói.

Entre 1930 e 1932, um grupo de aproximadamente 1.245 menonitas desembarcou no Brasil (LOEWEN, 1980). Abram Dück (2006) conta que na viagem no navio eram exibidos filmes sobre a agricultura no sul do Brasil. É interessante observar que durante a travessia do Atlântico, aqueles que estavam organizando a imigração queriam esclarecer aos imigrantes o que se esperava deles no país que os receberia: mão-de-obra para o desenvolvimento da nação.

A pressão demográfica, o desemprego, os problemas no campo, questões étnicas e de dissidências religiosas foram alguns dos motivos europeus que impulsionaram os surtos de imigração de diferentes etnias. Quanto ao Brasil, interessava aos governantes, sobretudo, a ocupação geográfica nas regiões sul, em conflito por fronteiras nas regiões do Prata, o branqueamento da população, além de mão-de-obra para as lavouras, pois diferentes teses difundiam a crença do europeu como portador de superioridade, inclusive para o trabalho, teses que seriam

implementadas de maneira peculiar no Brasil, com a participação decisiva de médicos e educadores que apostavam na recuperação do “caboclo” brasileiro que estaria doente e jazia abandonado, sem instrução, de norte a sul do Brasil. (BERTUCCI, 2007).

Quanto à crença do povo brasileiro como indolente e daí a necessidade de mão-de-obra estrangeira, principalmente europeia, há várias pesquisas desmitificando tal mentalidade. Martins, por exemplo, pesquisou a vida dos pequenos produtores agrícolas em Campinas na primeira metade do século XIX. Esta parcela se caracterizava como aqueles que “cultivavam alimentos, tivessem escravos ou não, excluindo-se os partidaristas (plantadores de cana que não possuíam engenho) e os senhores de engenho, que também cultivavam alimentos” (1996, p. 24). Estes pequenos agricultores eram parte significativa da população de Campinas, sendo homens livres e com grande número de mestiços. A pesquisa de Martins evidenciou que parte destes pequenos agricultores acumulou capital e ascendeu socialmente a partir de sua própria produção agrícola.

A princípio, os menonitas desembarcaram no Rio de Janeiro e foram levados para a Ilha das Flores/Rio de Janeiro (figura 5). Na imagem pode-se notar os primeiros entrosamentos com elementos típicos do país de desembarque, na mão de um deles percebe-se um caranguejo e entre eles bacias, quiçá com água que jogavam no rosto para suportar o calor tropical. Também é notória na imagem a presença de alguns negros, o que representa também as primeiras interações com membros da população local. Ao relatar este primeiro contato Abram Dück conta que se depararam “com cenas inéditas: feijão preto, cozinheiros negros, garçons negros. Até aquele dia, nós nunca víamos pessoas negras” (2006, p. 21, [sic]).





FIGURA 5 - GRUPO NA ILHA DAS FLORES/RJ – 1930  
FONTE: ARQUIVO PESSOAL

No Rio de Janeiro permaneceram 17 dias (DÜCK, 2006) e depois seguiram para Santa Catarina onde se instalaram formando uma colônia às margens do rio Krauel, dividida em três núcleos (Waldheim, Gnadental e Witmarsum), e outra colônia em Stolz-Plateau (Serra do Mirador) com o núcleo Auhagen, mais tarde se espalharam para outras regiões do território brasileiro.

Para o desenvolvimento em Santa Catarina, os imigrantes menonitas contaram com o apoio financeiro da Igreja Menonita holandesa. Dück (2006) descreve que cada família recebeu dinheiro para a compra de uma vaca e de algumas galinhas. Os recursos enviados pelos irmãos holandeses também foram destinados para a construção da serraria, do moinho de cereais, da usina de leite e de uma fecularia (fábrica de farinha de mandioca). Também há registros de que as construções de escolas e os salários dos primeiros anos dos professores foram pagos com recursos holandeses (**Die Brücke**, junho de 1936).

O processo de imigração de povos germânicos para o território brasileiro precedia em mais de um século a chegada dos menonitas. Teve início no ano de 1818, e as primeiras colônias foram instaladas no Nordeste e no Rio de Janeiro. No entanto, é no período de 1824 a 1850 que aproximadamente 250.000 germânicos vieram para o Brasil, e formaram suas primeiras colônias na região sul do país (SEYFERTH, 2003). Koch nos alerta que “seria errado falar em imigração 'alemã' anterior a 1871, já que não existia ainda país que se denominasse 'Alemanha'” (2003, p.196), dessa forma o termo “alemão” quando utilizado antes da unificação da Alemanha, apresenta um sentido cultural e não político.

A imigração presente na região sul do Brasil caracterizou-se, mas não exclusivamente, pela formação de colônias, muitas vezes isoladas dos grandes centros urbanos, pois a intenção política era de ocupação de territórios. Em Santa Catarina, os menonitas foram colocados numa região afastada das grandes cidades, o que, se por um lado concorreu para a preservação de sua identidade, pois evitaria intensas relações com a comunidade nativa e com outros grupos de imigrantes, por outro lado tornou difícil a auto-sustentação econômica das colônias, devido, principalmente, às dificuldades comerciais causadas por esse afastamento.

Por conta das dificuldades encontradas em Santa Catarina, algumas famílias resolvem mudar-se para outros lugares em busca de melhoria das condições de vida. Neste intento, em 1931 chega a primeira família menonita em Curitiba. Nos anos posteriores novos grupos vieram, formando-se núcleos nos então bairros do Bacacheri, Pilarzinho, Boqueirão, Xaxim e Vila Guaíra. Estas famílias dedicaram-se, sobretudo, à produção de leite, à indústria da madeira, à serraria e à fabricação de móveis (BALHANA, 1980). Alguns, pouco antes de comprarem suas próprias terras no Boqueirão, criaram gado em terras arrendadas em outras localidades de Curitiba (**Die Brücke** janeiro/fevereiro de 1934).

Os lotes que as quase 40 famílias menonitas compraram no Boqueirão, a partir de 1934, tinham cerca de 100 alqueires e ficavam na beira da atual Rua Francisco Derosso (SUTIL, 1995, p. 25). Quando os menonitas chegaram ao bairro do Boqueirão, estas terras estavam sendo loteadas pela Companhia Territorial Boqueirão. O jornal curitibano **O Dia** propagandeou em várias edições, ocupando o generoso espaço de um quarto da página de seu jornal, o loteamento em questão.

A venda dos terrenos começou em 1934, os quais “eram vendidos sem nenhuma estrutura, nem mesmo ruas delimitadas, ficando a cargo do morador a realização desse serviço, com a assistência da Companhia” (SUTIL, 1995, p.14). O valor das terras foi parcelado em cinco anos “no carnê”. Também lembram que, “a oportunidade de comprar terras a preço baixo, foi aproveitada por certo número de colonos de Stolzplatteau [ou Stolz-Plateau, em Santa Catarina]”.<sup>12</sup> (GORTZ e KOOP, 1980, p. 194).

Quanto a estes aspectos estruturais, lembra um menonita visitante do núcleo do Boqueirão, que “na estação do trem nossa gente veio nos receber, muito cordialmente. Em um carro da colônia nós andamos primeiramente em uma estreita rua asfaltada, depois se tornou acidentada, adiante veio rua pedregosa, por fim fomos nós por uma estrada de chão” (1934, p. 04).<sup>13</sup>

Há relatos dos leiteiros que levantavam de madrugada para tirar o leite, engarrafá-lo e depois levá-lo para vender no centro da cidade (figura 6). No entanto, como os caminhos eram precários e somando-se ao fato de serem as terras do Boqueirão muito alagadas (verdadeiros banhados) foram muitas as vezes que os leiteiros tiveram suas carroças atoladas ou perderam a produção do dia:

Quando nós levávamos o leite com carrinho, a estrada tão ruim e nós tendo que sair as 4:30-5:00 horas, em pleno escuro ainda. E aconteceu, várias vezes, com buracadas assim, o carro virou e despejou o leite, quebrou garrafas, se não todas, boa parte. (J.D., 1994).

Uma senhora menonita lembra que “o caminho para o centro da cidade era, na chuva, quase impossível de passar. Três até quatro carros andavam sempre um atrás do outro para se ajudarem em algum caso de emergência.”<sup>14</sup> (WIENS, 1980, p. 192). Para os menonitas, o solo da região não trouxe apenas prejuízos nos

<sup>12</sup> “Diese Gelegenheit, günstiges Land zu kaufen, wurde von etlichen Siedler von Stolzplateau wahrgenommen”.

<sup>13</sup> “Am Bahnhof werden wie von unser Leuten sehr herzlich empfangen. Auf eine Kolonistenwagen fahren wir zunächst auf einer seinen Asphaltstraße, dann wird's holprig, weiterhin kommt geschotterte Straße, zuletzt sind wir auf Naturwegen.” (Die Brücke, n.1, Witmarsum/SC, janeiro/fevereiro de 1934, p. 4).

<sup>14</sup> “der Weg zum Zentrum der Stadt war aber bei Regen beinahe unpassierbar. Drei bis vier Wagen fuhren immer hintereinander, um sich notfalls gegenseitig zu helfen”.



momentos de transporte do leite, mas também quando o gado ficava atolado no banhado.



96274 [ Curitiba ] - Primeiros transportes de leite.

FIGURA 6 - TRANSPORTE DO LEITE PARA O CENTRO DE CURITIBA  
FONTE: ASSOCIAÇÃO CULTURAL MENONITA

As charretes, além do transporte de leite para o centro da cidade, proporcionaram momentos de aventura e diversão para os moradores do Boqueirão. Sutil (1995) relata que durante as décadas de 1930 e 1940, apesar de proibidas, eram realizadas corridas nos domingos pela manhã, na estrada do Xaxim.

Além dos problemas relacionados com o transporte do leite, nota-se nos jornais de 1936 uma preocupação cada vez maior com a higienização dessa mercadoria. É deste ano a fundação da Usina Astra, responsável por pasteurizar grande parte do leite produzido em Curitiba e redondezas. No jornal **O Dia** de

18/06/1936 há uma matéria intitulada “Serviço de fiscalização do leite”, onde há o relato da inutilização do leite de alguns senhores, tanto pela presença de impurezas, quanto pela acidez elevada. Dentre estes leiteiros que perderam a produção do dia estavam os senhores Jacob Neuffel e Pedro Hann, que pelos sobrenomes comuns ao grupo eram, provavelmente, menonitas do núcleo do Boqueirão.

A extensão efetiva, mais ou menos cuidada, da Rua Marechal Floriano Peixoto existia até o Asilo Nossa Senhora da Luz, nos limites da área mais urbanizada da cidade de então. O prolongamento desta via até o bairro do Boqueirão foi realizado pelos militares em troca de um terreno para a construção do Quartel do Boqueirão.<sup>15</sup>

A urgência na restauração da Rua Marechal Floriano Peixoto, também conhecida como estrada do Boqueirão, começa a ser reclamada após a abertura do Aeroporto Afonso Pena, no ano de 1946, em São José dos Pinhais, pois esta seria uma importante via de acesso àquela instalação. Na matéria do jornal **Diário da Tarde** de 13 de abril de 1948 foi destacada a necessidade de sua restauração devido à sua importância como acesso para o município vizinho e visto ser o território do Boqueirão “já bastante populoso, lugar de produção e abastecimento da cidade, principalmente do leite, pois ali se encontra o gado mais numeroso e seletos para a indústria de laticínios” (p.1). Neste trecho do jornal percebe-se o olhar do outro para os menonitas, que dentre outras identificações, representavam para a sociedade curitibana da época o grupo de leiteiros que ajudava no abastecimento do leite da cidade.<sup>16</sup>

A presença do Quartel do Boqueirão ajudou no desenvolvimento da região, sua instalação atraiu a vinda de mais moradores, brasileiros e imigrantes de diferentes nacionalidades, e demandou obras de infra-estrutura. Em 1938 chegaram dois geradores de energia no Quartel, o qual fornecia eletricidade pelo menos para

---

<sup>15</sup>As vias de acesso do Boqueirão, antes das mudanças feitas pelo militares no traçado da Rua Marechal Floriano Peixoto, eram a Estrada do Andreguetto, com ponto de partida em frente ao local onde seria erguido o Quartel e ligava o bairro até a Rua Salgado Filho, no bairro Uberaba, e também havia a atual Rua Francisco Derosso, que vinha do bairro do Portão e ligava Curitiba a São José dos Pinhais. (SUTIL, 1995).

<sup>16</sup>No mês de maio de 1948 o jornal **Diário da Tarde** faz a denúncia de que a estrada do Boqueirão estava sendo construída sem a devida concorrência pública (22/05/1948) e na semana seguinte o mesmo jornal anuncia que um pedido de autorização para se executar as obras na estrada havia sido feito pelo vereador “Dr. Pereira de Macedo” (29/05/1948).

as propriedades próximas. Apesar de já em 1934 a Cia. Força e Luz do Paraná anunciar “Luz elétrica ao Alcance de todos” (**Gazeta do Povo**, 01/05/1934), a maior parte do bairro ficou sem energia elétrica até a década de 1950.

O transporte coletivo público não chegava até o bairro nesse período, conta uma senhora menonita que: “muitas vezes [para ir] até o centro, até o asilo íamos a pé, imagina só isso?” (M. F. 2001). Dessa forma, a opção era ir a pé até o Asilo Nossa Senhora da Luz e ali embarcar no bonde.

Mais de uma década depois do loteamento do bairro, a Companhia Territorial do Boqueirão ainda tinha terrenos à venda (**Diário da Tarde**, 11/01/1946). A propaganda chamariz oferecia: “ótimos lotes para residência, dista 6 km da praça Tiradentes em avenida macadamizada, existe ônibus como condução, vendas em 100 prestações”. O meio de transporte anunciado eram as conduções ou lotações, iniciativa de privados, inclusive menonitas entraram em tal empreendimento (A.D., 1995). Em alguns momentos específicos a Prefeitura disponibilizava condução pública para os residentes no bairro, como no caso ocorrido com o grupo de católicos que queria participar das “festividades da Semana Santa e as cerimônias das homenagens a serem prestadas [pelo] Sr. Ex. O Sr. Arcebispo de Curitiba, o eminente D. Atico Euzébio da Rocha” (**Diário da Tarde**, 22/03/1948) que foram realizadas no bairro do Portão. Outro caso foi a disponibilização de um ônibus especial que partiu da Praça Tiradentes, conduzindo aqueles que queriam participar da festa de São Braz, no Boqueirão, “em benefício à construção da Igreja Nossa Senhora do Carmo” (**Diário da Tarde**, 29/01/1946).

A partir destes vestígios, pode-se induzir que as dificuldades de acesso e locomoção no bairro diminuía as possibilidades de participação dos moradores em eventos e práticas afastadas dali. O que no caso dos menonitas pode ter sido uma das barreiras ao processo de integração.

Em 1942 um abrangente projeto de reurbanização foi elaborado para nortear o crescimento da cidade. O plano diretor de Curitiba foi realizado por uma empresa de São Paulo, que contratou para fazer o projeto o arquiteto Alfred Agache, responsável pelo plano de reurbanização do Rio de Janeiro, executado entre os anos 1927-1930 (OLIVEIRA, 2000). O projeto curitibano, assim como outros feitos por este engenheiro, ficou conhecido como Plano Agache. No entanto o bairro do

Boqueirão ficou ausente deste empreendimento, pois a equipe técnica responsável pela execução do plano diretor sugeriu que não se desenvolvessem edificações e estradas naquela região, sob o argumento que antes era necessário realizar a drenagem de parte dos rios Belém e Iguaçu (SUTIL, 1995).

E assim, entre plantações, criações e os incontáveis problemas causados pelas dificuldades de transporte e realização do comércio, os menonitas começaram a construir não apenas suas casas, mas suas vidas, em Curitiba.

## 1.2 GERMANIDADE, TRABALHO, ESPÍRITO COMUNITÁRIO E FÉ

Em sua tese de doutorado, Giralda Seyferth (1981) analisou alguns jornais teuto-brasileiros em circulação na região do Vale do Itajaí, em Santa Catarina, e encontrou dois importantes termos identificadores dos imigrantes e filhos de imigrantes alemães: o *Deutschtum* e o *Deutschbrasilianertum*.

O *Deutschtum* “engloba a língua, a cultura, o *Geist* (espírito alemão), a lealdade à Alemanha, enfim, tudo o que está relacionado a ela, mas como nação e não como Estado” (SEYFERTH, 1981, p. 46). Enquanto o termo *Deutschbrasilianertum* engloba todos aqueles que possuem nacionalidade alemã - seja por nascimento em território alemão, seja por ascendência alemã, pois descendentes também tinham nacionalidade alemã, não por ter nascido em solo alemão (*jus solis*), mas sim por ter o sangue alemão (*jus sanguinis*). Assim, somado à nacionalidade alemã, o termo *Deutschbrasilianertum* também engloba aqueles que possuem cidadania brasileira, ou seja, aqueles ligados politicamente ao Brasil, por nascimento ou por naturalização, mas que têm sangue alemão. Os *Deutschbrasilianer* eram aqueles considerados cidadãos brasileiros de nacionalidade alemã.

Da mesma forma que Seyferth identificou as designações *Deutschtum* e *Deutschbrasilianertum*, também no periódico menonita **Die Brücke** o termo *Mennonitentum*, refere-se aos preceitos e características do grupo menonita como uma forma de auto-identificação.

Nas minúcias das matérias do periódico **Die Brücke** é possível perceber que o menonita se auto-identifica enquadrando-se nas categorias de grupo de origem germânica, constituído por indivíduos zelosos pela educação, trabalhadores e esforçados, religiosos e, sobretudo, unidos.

Quando se percebe a identificação germânica recorrente entre os menonitas é importante que se faça uma discussão quanto a classificação destes como além de um grupo religioso, também parte de um grupo étnico. Segundo Cardoso de Oliveira (2006), que se utiliza das idéias de Abner Cohen, percebe-se que o termo etnicidade é utilizado para diferenciar grupos sociais dentro de contextos sociais comuns. O autor exemplifica afirmando que a diferença entre hindus e chineses, enquanto estes grupos estão dentro de suas fronteiras territoriais, é uma diferença nacional, mas a partir do momento em que um destes diferentes grupos interatuam numa terra estrangeira, serão considerados grupos étnicos.

Dessa forma, os menonitas como grupo étnico, só o são quando fora de seu território nacional. O grupo começa com a nacionalidade holandesa, mas as levas que se mudam para a Prússia inicialmente se identificam como um grupo étnico holandês em terras estrangeiras. Após anos instalados na Prússia, e longo processo de integração, passam a identificar-se com os elementos identitários germânicos, os quais conservarão após a mudança para Rússia e posteriormente para o Brasil. Diante disso, os menonitas serão identificados etnicamente, nestes dois últimos países, como alemães, sendo que a derivação étnica de alemães-russos também aparece entre os brasileiros. Esta era uma derivação tanto cultural quanto territorial, pois os menonitas conservavam a etnicidade e cultura germânicas, mas territorialmente, vieram para o Brasil, provenientes da Rússia.

Em edição do **Die Brücke** de 1933 estão presentes discussões em resposta a acusações feitas aos menonitas por Julius Schaake, um propagandista do nazismo no Brasil, em um tratado editado por ele em Ponta Grossa, Paraná, também em 1933. A pesquisa não teve acesso a este tratado, mas a partir do texto publicado no jornal **Die Brücke**, percebe-se respostas veementes ao que acusava os menonitas como não totalmente fiéis à Alemanha, por terem rejeitado seu *Deutschtum* devido a trabalhos conjuntos com judeus social-democratas no período de 1929/30, e de professarem um duplo sentimento: o de germanidade e também o holandês. Às

acusações, os menonitas respondem que em 400 anos de história eles têm sido alemães, pois consideram que assim como os alemães, os holandeses são todos germânicos e os seus “corações batem aquecidos pela Alemanha”.<sup>17</sup>

E como escreveram os menonitas em edição do periódico de 1936: “ao longo dos séculos sempre temos nos provado como autênticos, bons alemães [...] preciosas qualidades do sangue da nacionalidade alemã”.<sup>18</sup>

Mesmo que, em alguns momentos, o grupo se denomine como sendo formado por alemães-russos, o vínculo com a ascendência alemã não é negado, ao contrário, este foi reforçado e saudado. Ainda que os menonitas tenham permanecido por mais de um século na Rússia, o sentimento de germanidade não os abandonou ali. Isto está ligado também à ideologia pangermanista que desde o século XIX pregava que todos aqueles que fossem descendentes de alemães, mesmo que não nascidos em território alemão, seriam considerados como de nacionalidade alemã (SEYFERTH, 1981).

O pangermanismo, forma de nacionalismo em nível macro, foi um movimento encabeçado por nacionalistas alemães que, com ímpeto imperialista e unificados pela hegemonia prussiana, queriam expandir o território de sua nação para o além-mar. Segundo Seyferth:

A Alledeutsche Verband (ou “união de todos os alemães” traduzida, em geral, como Liga Pangermânica) foi oficialmente fundada em 1890 por Alfred Hugenberg, como resposta ao recuo de Guilherme II na questão do Zanguibar (trocado com a Inglaterra pela ilha de Heligolândia), logo após a demissão de Bismarck. (1981, p. 35).

O Brasil, bem como os imigrantes alemães que aqui estavam, foram alvos deste projeto. Segundo Magalhães (1998) a Liga Pangermânica tinha a ambição de estabelecer em longo prazo uma república teuto-brasileira. Os principais objetivos presentes nos estatutos do movimento eram “Divulgação e propagação dos planos expansionistas da germanidade; Luta pelo fortalecimento da frota naval; União integral da germanidade no exterior; [e] Lutas contra as minorias nacionais”

<sup>17</sup> “Unsere Herzen schlagen warm für Deutschlan” (Die Brücke, n. 16, Witmarsum/SC, novembro/dezembro de 1933, p. 6).

<sup>18</sup> “uns durch die Jahrhunderte noch immer als wahre, gute Deutsche bewiesen haben, [...], vertwolle Qualitäten des Blutsdeutschtums” (Die Brücke, n. 9, Witmarsum/SC, setembro de 1936, p. 5).

(LEXIKON, 1983, p. 19, *apud* MAGALHÃES, 1998, p. 105).

E mesmo no contexto do século XX em que os menonitas migraram para o Brasil, o grupo teuto-brasileiro reforçou ainda mais sua germanidade, visto que na década de 1930, com a ascensão do Terceiro Reich, a Alemanha apresenta uma impressionante re-estruturação e desenvolvimento econômico, o que fez também muitos teuto-brasileiros identificarem-se com o regime nazista, inclusive alguns menonitas.

Na Alemanha do pós Primeira Guerra Mundial pairava o pessimismo e o sentimento de derrota, pois como relata Magalhães “o tratado de Versalhes mutilou aquele país de diversos territórios, privou-o de suas colônias e impôs uma grande dívida de reparação, ônus que dificultaria sua recuperação econômica. Por outro lado a guerra desmoralizou o imperador e seus adeptos” (1998, p.126). Com a crise de 1929, provocada pela quebra da bolsa de valores de Nova York, a situação se agravou ainda mais. Segundo Lenharo (1990) ocorreu a queda no rendimento da agricultura, o aumento do êxodo rural para as cidades, grande número de artesãos e comerciantes estavam arruinados e em 1932 um terço da população trabalhadora, aproximadamente seis milhões, estava desempregada. Este contexto permite vislumbrar o motivo da não permanência da grande maioria dos menonitas na Alemanha após sua saída da Rússia.

Bertonha (2004) aponta o surgimento dos fascismos como uma resposta às crises sociais, políticas e econômicas deste contexto. Não diferente na Alemanha, foi nesse momento que Hitler subiu ao poder, em 1933, e logo começou a executar a conquista de territórios como a Áustria, Tchecoslováquia e Polônia, o que proporcionou maior exploração de matérias-primas e também abundância de mão-de-obra (LENHARO, 1990). Bertonha destaca que a “política econômica do nazismo começou a apresentar resultados rápidos, reduzindo a quase zero o desemprego e recuperando a produção industrial.” (2004, p. 41).

Além das conquistas militares e econômicas, os nazistas preocuparam-se em propagandear seu regime com todo esplendor e pompa, por meio de filmes, panfletos, programas de rádio, impressos, arquiteturas monumentais, dentre outros dispositivos. O proselitismo nazista teve a importante participação da “Organização do Partido Nacional-Socialista para o Exterior”, a qual divulgava o nazismo e debatia

o discurso dos adversários do Partido. Dessa forma,

com a ascensão do movimento nacional-socialista, uma série de entidades interessadas na preservação da germanidade no exterior serão reanimadas com objetivos tanto pragmáticos (ou seja, visando interesses econômicos de curto e médio prazo) quanto subjetivos, como a necessidade de divulgar a doutrina pelo mero desejo de vê-la conhecida e admirada. (MAGALHÃES, 1998, p.135).

Esta propaganda nazista alcançou muitos imigrantes e descendentes de imigrantes alemães no território brasileiro. Extraída de um jornal de Hamburgo de 02/06/1936 o **Die Brücke** (Julho/agosto de 1936) noticiou a matéria "Wie die Mutter sorgt" (O quanto a mãe se preocupa), a qual continha relatos de que a Alemanha tinha empregos suficientes e os remigrados estavam bem acolhidos, pois os navios com os quais desembarcaram estavam pagos além de estarem alojados em casas e receberem assistência necessária.

Dentre as atividades animadas e inspiradas pela propaganda nazista no exterior, pode-se verificar em Curitiba a atuação da Juventude Hitlerista (*Hitlerjugend*), que segundo Menon (2008) era denominada Juventude Teuto-Brasileira para não afastar aqueles que não eram simpatizantes ao nazismo. A sede desse movimento em Curitiba era a *Gustloff-Haus*, na Avenida Anita Garibaldi. Ali se promoviam atividades como caminhadas, passeatas e acampamentos; eram constantes os jovens entoando canções que exaltavam a Alemanha, vários destes jovens usavam fardas semelhantes as nazistas ou, pelo menos, a suástica em suas camisas.

Nesse período, no Boqueirão, segundo M. F. (2009), o professor Franz Hübert, menonita como seus alunos, fazia reuniões em que relatava e louvava os rumos que a Alemanha estava tomando. A ex-aluna também conta que alguns jovens da comunidade participavam, no centro de Curitiba, de atividades da Juventude Hitlerista, provavelmente, no espaço da *Gustloff-Haus*:

Eles tinham, eu sei que tinham mais [que] aqui, não só nossos [...] aqui, então tinha em outros lugares. Eles tinham uma, uma camisa com um sinal, mas eu não lembro mais.[...]  
o segundo professor, Franz Hübert era muito pra isso, pra esse Hitler. Ah, ele gostava muito dele. Os jovens tinham um nome, os jovens de Hitler, Juventude de Hitler... [...]



Bem pouco tempo, eles tinham hinos, até hinos especiais desse Hitler e brincavam junto. Era uma turma que ia ser forte. Hi, ele era um, como é que se chama uma pessoa assim... fanático! Assim, esse Hübert era assim. Mas [...] bem pouco tempo só. [...]

Provavelmente o sinal que a depoente não lembra seja a suástica nazista, que vários desses jovens ostentavam em diferentes ocasiões. É importante assinalar que a adesão mundial ao nazismo se deu em escalas e níveis diferentes, pelos relatos, as atividades desenvolvidas pela Juventude Hitlerista em Curitiba, apesar da inspiração e apropriação dos rituais desenvolvidos na Alemanha, não tinham no todo o mesmo caráter que lá se desenrolava. A impressão é que, no Brasil, o caráter do movimento foi muito mais saudosista do que oficial e obrigatório como foi desenvolvido na Alemanha, onde a organização era oficialmente ofertada pelo Estado e, a partir de 1936, obrigatório para todos os jovens alemães (STEIN, 2008).

Além das diferenças existentes nos níveis de adesão ao movimento, no caso dos menonitas pode-se notar que a participação foi, de certa forma, num tempo mais curto do que o experimentado na Alemanha, principalmente pelas querelas encontradas entre nazismo e religião, como relata M. F. (2009):

[...] Só tinha um rádio aqui em Boqueirão aquela época, nossos pais todos foram sempre [na casa do proprietário], ele tinha um rádio, então todos os homens de noite foram lá ouvir as novidades ou notícias da Alemanha [...]. Então já ouviram quando ele começou de julgar os judeus [...], que ele fez com os judeus [...] e sabe o que sempre foi falado naquela época? Primeiro ele ia matar todos os judeus, depois todas as outras igrejas, quem participava de uma igreja ele ia destruir tudo, porque ele era o deus agora [...] Eu me lembro que meu pai tinha um foto grande no, na mesa, vamos dizer nessa sala assim, tinha no canto uma mesa assim, no canto ele tinha um foto dele [do Hitler]. Mas logo depois a foto de um dia sumiu, nunca mais foi falado desse homem quando ele começou disso. [...] Num certo ponto, nos primeiros... ele [Hitler] ajudou muito nos primeiros acho que três anos ele tava mais ou menos bom [...] que o Estado se levantou, mas depois quando ele começou com a religião, destruir estas coisas, daí foi pra baixo, daí ninguém mais queria dele nada. [...]

Sobre o assunto, Dück, membro menonita conta que "durante a guerra no Brasil, fomos influenciados muito pela ideologia nazista. Nós víamos em Hitler apenas o homem que venceria o comunismo, e não seus aspectos negativos" (2006,

p. 72).

Ao mesmo tempo em que os menonitas saudavam o nazismo abominavam o comunismo, como a maioria das religiões o fez. Isto porque o ideal comunista que embasava as transformações socialistas realizadas na União Soviética postulava que a religião escondia interesses burgueses (ENGELS; MARX, 1998). Vicentino relata que desde 1923 havia um “predomínio *oficial* do ateísmo” (2001, p. 7, grifo meu) na Rússia, o qual alcançava cerca de 70% da população. Após a saída maciça de menonitas da Rússia, no final da década de 1920 e começo de 1930, os que lá permaneceram enfrentaram perseguição, fome, doenças, além de terem suas igrejas fechadas.

Quanto a esta identificação germânica, em uma matéria publicada em 1936, pelo jornal **Die Brücke**, sobre a essência do grupo étnico frísio<sup>19</sup>, do qual descendem os menonitas, é muito interessante o apelo que o redator faz aos jovens menonitas: “A vós rapazes alemães e moças alemãs me volto agora. [...] Se vocês com outras raças ou nações se misturarem, se tornarão então infiéis. [...] Você moça alemã [...] a você está determinada a grande vontade de Deus, de garantir o futuro de seu povo”.<sup>20</sup>

Fonte de admiração e coesão do grupo, a germanidade era algo que se queria preservar pelos menonitas, e o fato de estar pautada no sangue facilitava tal tentativa. Diante disso, não só os saberes aprendidos na escola, mas também outras práticas como o casamento, tinham em momentos de educação informal, como nos discursos dos jornais, referencias e norteadores quanto à escolha de parceiros.

No que diz respeito aos princípios da fé menonita, Dyck (1992) pincela os elementos basilares dessa crença. Segundo o autor, os menonitas acreditam na autoridade da Bíblia, pregam o amor, creem que somente aqueles que têm consciência de sua fé podem ser batizados e o mais importante, pregam que a divisão traz destruição. Baseados em I Coríntios 14, ressaltam sempre que Cristo é a cabeça e a Igreja é seu corpo, portanto devem andar em unidade de pensamento,

<sup>19</sup>O termo frísio deriva da região denominada Frísia que se estende do nordeste dos Países Baixos, pelo norte da Alemanha até o sudoeste da Dinamarca.

<sup>20</sup>“An Euch deutsche Jungen und deutsche Mädels wende ich mich jetzt. [...] Wenn Ihr euch mit anderen Rassen und Nationen vermischt, so seid Ihr damit untreu geworden. [...] Du deutsche Mädels [...] dir von Gott das größte Vermächtnis, die Zukunft Deines Volkes zu garantieren, auferlegt worden ist.” (Die Brücke, n. 7/8, Witmarsum/SC, julho/agosto de 1936, p. 10).

pois são guiados por um mesmo espírito.

No panfleto **Quem são os menonitas**, que resume as principais crenças dessa confissão, a difere de algumas outras confissões protestantes, percebe-se o princípio de separação entre a Igreja e o Estado, pois argumentam que “a função do Estado é a subsistência da lei e da ordem, e a tarefa da Igreja é a evangelização do mundo (Mateus 28: 19-20).<sup>21</sup> Uma não pode fazer o trabalho da outra”. No mesmo panfleto encontra-se o princípio de que os menonitas não fazem juramentos, somente afirmações verdadeiras. Esta crença é proveniente do trecho bíblico “Eu, porém, vos digo que de maneira nenhuma jureis; nem pelo céu, porque é o trono de Deus; nem pela terra, porque é o escabelo de seus pés.” (Mateus 5: 34-35). Os escritos e tradições menonitas estão cheios de relatos de fiéis que foram martirizados por negarem-se a fazer juramentos.

Posuir uma Igreja, crenças estabelecidas e uma única origem, porém, não traduziam sozinhas a identidade dos menonitas; trabalho, esforço e união eram extremamente importantes na constituição da auto-identidade do grupo. Exemplo significativo deste aspecto do ‘ser menonita’, pode ser observado quando em 1930 os menonitas chegaram em Santa Catarina e foram estabelecidos em regiões de mata fechada, afastadas dos centros urbanos. Apesar de terem consolidado, aos poucos, áreas de plantio, cooperativas, fábrica, escolas e outros empreendimentos, a vida na lavoura era pesada e pouco lucrativa, além da falta de outras opções de emprego para os jovens.

Com estas dificuldades enfrentadas nestas colônias em Santa Catarina, vários jovens menonitas se dirigem à centros urbanos, como Blumenau, em busca de emprego para ajudar no sustento da família. Outras levam a mudar de cidade, como o grupo que vem para Curitiba. Depois de estabelecidos nesta cidade, foi recorrente a ida dos jovens ao centro para trabalharem. O centro de Curitiba nesse período era um misto de etnias e profissões que pra lá se dirigiam para garantir renda. Bueno (1997), ao pesquisar os imigrantes poloneses em Curitiba, relata que as mulheres polonesas, conhecidas como polacas, que moravam em chácaras afastadas do centro, para lá se dirigiam todos os dias para vender a

---

21 “Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos”.

produção hortifrutigranjeira de suas terras. Da mesma forma os menonitas, só que neste caso a figura masculina era a recorrente, iam para o centro (figura 7) vender o leite produzido no Boqueirão.



FIGURA 7 - BEBEDOURO PARA CAVALOS NO LARGO DA ORDEM, CENTRO DE CURITIBA  
FONTE: ASSOCIAÇÃO CULTURAL MENONITA

Nas décadas de 1930 e 1940 as mulheres já ocupavam vários postos de emprego na cidade de Curitiba, mesmo que alguns deles mal vistos pela sociedade da época, como aqueles que disputavam espaço com os homens, como o emprego de garçone. (GANZ, 1997; BOSCHILIA, 1997).

Em Curitiba, as moças menonitas acabaram também conseguindo oportunidades como domésticas (*Hausfrauen*) em casas de família. É interessante observar o cuidado do grupo em torno dessas moças que saíam da comunidade. Em uma matéria do **Die Brücke**,<sup>22</sup> há o relato de um senhor, membro da comunidade, que foi conversar com alguns dos empregadores das meninas para que eles soubessem que a comunidade se preocupava com suas moças. Peter Klassen, o Pastor que assumiu a igreja em 1946, no período em que as meninas iam trabalhar

<sup>22</sup> Die Brücke, n.1, Witmarsum/SC, janeiro/fevereiro de 1934, p. 4.

no centro da cidade, temendo os perigos da exposição das moças, classificou o episódio da seguinte forma: "Caça a Mammon" (*Jagd nach dem Mammon*), onde Mammon é um termo bíblico que se refere aos bens materiais (ENS, [196?]).

Apesar da renda que conseguiam nestes empregos em Curitiba (de 70 a 130 mil réis como empregadas domésticas e de 50 a 200 mil réis como funcionárias nas fábricas), a saída das jovens da comunidade não era o ideal, como se percebe no desabafo do redator do **Die Brücke**: "mas nossa ambição deve ser a de conseguir possibilidades, que ganhem algo na própria comunidade."<sup>23</sup> Este ideal também era compartilhado pelos jovens que saíam da comunidade, os quais em carta afirmavam: "esta separação será temporária. Somente quando a necessidade estiver razoavelmente reparada, é que nós partilharemos a vida boa e completa com vocês".<sup>24</sup> O trecho acima é de um jovem da comunidade de Santa Catarina, no entanto, como a comunidade do Boqueirão é proveniente de lá, pode-se inferir que os ideais eram compartilhados pelas duas comunidades.

Apesar de lamentarem esta saída da comunidade, não deixaram de ver o trabalho como algo apreciado, pois reconhecem que nestes empregos os jovens têm adquirido conhecimentos acerca do serviço doméstico, além de aprenderem o português, os usos e os costumes dos brasileiros, "o serviço também significa para muitos uma boa escola".<sup>25</sup> E também "é num ambiente desconhecido que os jovens são colocados à prova, se sua fé só é assumida ou se é por eles uma força viva".<sup>26</sup>

A partir da análise de Max Weber, em sua obra **A ética protestante e o espírito do capitalismo**, publicada em 1920, destaca-se que para alguns grupos do protestantismo o trabalho é visto como uma oportunidade ou sugestão de Deus para o homem, seja no ramo do comércio, do empreendedorismo industrial ou mesmo do

---

<sup>23</sup> "unser Streben muß es aber sein Möglichkeiten zu schaffen, daß auf der Siedlung selbst etwas zu verdienen ist" (Die Brücke, n. 16, Witmarsum/SC, novembro/dezembro de 1933, p. 4).

<sup>24</sup> "Doch diese Trennung wird [...] zeitlich sein. Ist die Not erst einigermaßen behoben, dann teilen wir das Leben voll und ganz mit Euch" (Die Brücke, n. 16, Witmarsum/SC, novembro/dezembro de 1933, p. 5).

<sup>25</sup> "Der Dienst für vielen auch gute Schule bedeutet" (Die Brücke, n. 1, Witmarsum/SC, janeiro/fevereiro de 1934, p. 4).

<sup>26</sup> "In der Fremde werden die jungen Leute auf die Probe gestellt, ob ihr Glaube nur übernommen ist oder ob er ihnen lebendige Kraft verleiht." (Die Brücke, n. 1, Witmarsum/SC, janeiro/fevereiro de 1934, p. 4).

trabalho especializado Este protestantismo vê a oportunidade de trabalho como algo vocacionado por Deus, portanto dedicar-se ao trabalho é fazer a vontade de Deus e conseqüentemente agradá-lo (WEBER, 1981). Dessa forma, são notórios desdobramentos e apropriações dessa valorização do trabalho no grupo menonita.

O fato de almejam e identificarem-se como um grupo unido estaria para eles relacionado aos momentos de dificuldades que enfrentaram, “a necessidade tem nos soldado, principalmente a necessidade na Rússia”<sup>27</sup>, declarou um menonita em 1934, tentando mostrar que ao passarem por necessidades, estes indivíduos não apenas se unem, mas se ‘fundem’, isto é, transformam-se em algo uno e além deles próprios – a comunidade menonita.

Este espírito comunitário foi permanentemente reforçado por uma educação cotidiana, informal e formal, marcada pela valorização da fé, do trabalho, da morigeração, como sinais que distinguia o grupo dos ‘filhos de Deus’ (tese que perpassava várias seitas protestantes, especialmente as derivadas do calvinismo, que radicalizavam na ideia da predestinação), como fica explícito nas palavras de A.D., pronunciadas 60 anos depois da chegada em Curitiba:

nós somos um grupo que achamos, juntos podemos fazer muita coisa, por isso veio gente pra cá, onde tem [...] escola, Igreja e espírito de comunidade, é muito destacado, nós somos um grupo e temos o que alguns alvos que nós queremos alcançar: primeiramente, educar os nossos filhos e preservar a herança [...] dos antepassados, é a cultura, a fé em Deus e vontade de trabalhar. (A. D.,1994).

Quando o jornal **Die Brücke** (A Ponte) muda o nome para **Die Neue Brücke** (A Nova Ponte), as edições trazem na primeira página o seguinte lema: *Einer für alle, alle für einen!* (Um por todos e todos por um!). É neste mesmo espírito de unidade que, em 1945 (registrada formalmente em 1947), os menonitas fundam a cooperativa mista do Boqueirão (figura 8) (SUTIL,1995). A iniciativa foi de David Töws e Francisco Derosso, no entanto, a administração da organização ficou nas mãos dos menonitas. O objetivo da cooperativa era a compra de farelo, milho, sal e adubo em maior quantidade para poder revender aos associados a preços mais

---

<sup>27</sup>“Die Not hat uns zusammengeschweißt. Die Not in Rußland ganz besonders” (Die Brücke, n. 11, Witmarsum/SC, nov. 1934, p. 4).



baratos que os do varejo (CHAVES, 1982).



FIGURA 8 - COOPERATIVA DO BOQUEIRÃO, 1947  
FONTE: ACERVO PARTICULAR

É interessante observar a presença de um brasileiro num empreendimento do grupo, pois na economia a comunidade se mostra um pouco menos resistente à interação com pessoas que não são do grupo. Na Rússia, por exemplo, os menonitas eram grandes exportadores de cereais, principalmente de trigo e apesar de a grande maioria dos menonitas constituir-se de fazendeiros, Dyck (1992) relata que no início do século XX eles eram responsáveis por 6% da produção industrial da Rússia, evidenciando assim uma grande interação econômica. A escolha, ou aceite, de Derosso como partícipe da cooperativa deve ter sido pelo fato da importância

política e econômica que sua família tinha na região.

A presença de Derosso na cooperativa, a ida dos jovens para os trabalhos no centro da cidade, o comércio leiteiro, ao longo dos anos o processo de integração e interação na nova sociedade, fez com que as tramas de relações abarcassem cada vez mais aqueles que estavam fora da comunidade menonita. Processo que ganhará reforço significativo com a ida de estudantes para escolas “de brasileiros”, quando a Escola Menonita do Boqueirão foi fechada.<sup>28</sup>

Entretanto, no grupo menonita que se representa como unido,<sup>29</sup> divisões e tensões podem ser notadas. Com a interação estabelecida com não membros da comunidade, alguns jovens acabaram encontrando pares de fora do grupo, fruto de tensões internas. Portanto, o ideal era o casamento entre os membros do grupo para melhor preservar o que lhes era próprio. No filme *“Die Dürksens – Eine Familie von Mennoniten im Curitiba”*, produzido em comemoração aos 75 anos da imigração menonita no Brasil, o qual relata os primeiros anos dos menonitas em Curitiba, uma das tramas que mais chamam a atenção diz respeito ao dilema vivido por uma moça menonita que quer namorar um jovem de outra igreja protestante e os familiares não aceitam, pois ele não é menonita, nem descendente de alemães.

Tensões internas de grupos menonitas foram percebidas em comunidades de outros países. Wilson Maske (2004) mostrou em sua tese de doutorado como, nas décadas de 1930 e 1940, inclinações nazistas trouxeram conflitos e divisões para a comunidade no Chaco paraguaio, por exemplo.

No Brasil, quando algumas famílias resolveram, pelas dificuldades financeiras que lá estavam passando, mudar das colônias de Santa Catarina para Curitiba, tal empreendimento não foi visto com bons olhos pelos que ficaram, pois almejavam a unidade e não a separação da comunidade. A mudança para Curitiba começou em 1931, mas ainda no ano de 1938, no periódico **Die Brücke** percebe-se sequelas da questão, com acusações ao grupo de Curitiba de fazer críticas à organização da comunidade de Santa Catarina, que não havia conseguido manter todos os seus membros coesos, sobrevivendo na própria comunidade – muitos

---

<sup>28</sup> A história da escola menonita do Boqueirão será discutida no capítulo 2.

<sup>29</sup> Os menonitas Pauls Junior e Penner afirmam: “A união faz a força. Eis uma lição que aprenderam em tempos difíceis e que os ajudou muito a sobreviver” (1992, p. 416).



jovens partiam para as cidades catarinenses ou de outros estados, inclusive. Discutindo a questão, o redator do **Die Brücke** escreve em 1938: “nacionalidade, família, língua, costume e comunidade deve se manter permanentemente, principalmente nos dias de hoje”.<sup>30</sup>

Em decorrência deste conflito entre as comunidades de Curitiba e Santa Catarina, o jornal registra que, como forma de protesto, a comunidade de Curitiba acabou declarando, por meio de carta, que não enviaria um representante para uma conferência da liga menonita que aconteceria em Wittmarsum. A esta medida, a comunidade de Santa Catarina reage insistindo para que Curitiba envie um representante para expor os incômodos da comunidade a fim de resolvê-los.

Outras tensões também são encontradas em momentos de decisões a serem tomadas por dirigentes do grupo. Quando Abram Dück (2006), em 1946, ganhou uma bolsa para estudar nos Estados Unidos, no *Tabor College*, ele precisava de uma carta de recomendação do conselho da Igreja. Apesar de receber a carta, registra em sua autobiografia que a decisão não foi unânime, pois alguns membros do conselho não o consideravam com o perfil adequado para tornar-se um ministro religioso.

O jornal **Bibel und Pflug** de 25 de novembro de 1989, numa edição em que faz uma cronologia de fatos importantes para os menonitas no Brasil, relata que o periódico **Die Brücke** teve sua publicação suspensa durante alguns meses por motivo de conflitos internos da comunidade, no entanto o porquê não foi detalhado.

Porém, os conflitos envolvendo a identidade de um grupo não se restringem apenas as diferenças encontradas no interior do próprio grupo, elas ocorrem também nas relações de alteridade com outros grupos externos como será discutido adiante.

---

<sup>30</sup>“Volkstum, Familie, Sprache, Sitte und Gemeinschaft erhalten bleiben soll, besonders in heutiger Zeit” (Die Neue Brücke, n. 6, Witmarsum/SC, junho de 1938, p. 4-5).

### 1.3 IDENTIDADES EM CONFLITO: *MENNONITENTUM* X NACIONALISMO BRASILEIRO

Hall (2006) defende que as diferenças entre as nações residem nas formas como elas são imaginadas. E para a construção destas diferenças ele cita algumas estratégias discursivas, tais como: história, símbolos, origens, continuidades, tradição, mito fundador e povo original. No entanto, Azevedo (2003) defende que uma nação, para além de uma identidade imaginária, também tem suas ancoragens no concreto, na realidade.

Para Hobsbawm, as nações e os nacionalismos, no sentido moderno dos vocábulos, têm sua existência ligada à formação dos Estados modernos, onde linguagem, etnicidade, religião, território, história são elementos protonacionais dessa formação. O autor afirma que estes elementos, quando usados para definir nações, falham na medida em que é sempre possível encontrar exceções, ou mesmo casos que não se enquadram nestes elementos protonacionais para se definir uma nação. Como no caso dos movimentos de unificação de sérvios e croatas, para formar a antiga Iugoslávia, é “evidentemente incompatível com definições de nações baseadas na etnicidade, língua ou história comum”. (HOBBSAWM, 1990, p. 45).

No entanto, mesmo esta definição de Hobsbawm, pautada no destaque da presença de um Estado para se formar uma Nação, apresenta suas controvérsias, como no caso da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, um Estado sem nação, pelo menos não uma nação única, e sim várias nações. E também há o caso de nações sem Estado, como a Catalunha (CASTELLS, 2002).

Além de buscar definir o que constitui uma nação, Hobsbawm (1990) destaca o período de 1918 a 1950 como aquele que abraça o auge do nacionalismo. Primeiramente, porque é no pós Primeira Guerra que se encontra “o colapso dos grandes impérios multinacionais da Europa central e oriental” (p.159). No período entre guerras também se viu o triunfo da nação como “economia nacional”, pois num momento de crise econômica, o protecionismo nacional dos Estados-nação aumentou. Do mesmo período é a ascensão dos fascismos, talvez a mais

desastrosa expressão do nacionalismo.

E é também neste íterim que o nacionalismo brasileiro encontra triunfo. Não se pode deixar de notar que o intento de buscar elementos da identidade nacional brasileira remonta de datas anteriores, e neste olhar regresso encontra-se o esforço do historiador Varnhagen auxiliando a coroa a “construir uma Nação com o material que nos foi legado de um passado colonial” (ODALIA, 1997, p.31). Posteriormente houve o projeto do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), fundado em 1838, que buscava identificar e descrever uma história nacional (GUIMARÃES, 1988), mais tarde encontra-se nos republicanos na busca de símbolos, histórias, heróis nacionais e povo ou homem ideal.

Lúcia Lippi de Oliveira (1990) em seu livro **A questão nacional na Primeira República** discute como diferentes intelectuais brasileiros se ocuparam de temas relacionados à nação e a nacionalidade no período de constituição da República brasileira. A autora mostra que mesmo antes da proclamação da República, uma geração conhecida como a de 1870, num movimento de repulsa ao romantismo do século XIX, já idealizava a atualização e modernização do país, e desta geração até 1914 é possível identificar vários tipos de mentalidades que idealizaram a nação brasileira.

Ligada às idealizações em volta da nacionalidade brasileira estava também a preocupação com a construção de um homem brasileiro. Um exemplo disto está nas inquietações geradas em 1938, a partir da encomenda da estátua do “Homem Brasileiro” feita pelo ministro Gustavo Capanema. Esta obra deveria ornamentar a entrada do monumental prédio do Ministério da Educação e Saúde (MES). O primeiro artista contratado planejou um caboclo mestiço e barrigudo. Contrariado Capanema contrata outro escultor para o qual deixa claro que a imagem deveria aparentar força, coragem e inteligência. Percebe-se que o ideal de homem brasileiro era um tipo ainda a ser formado, um homem regenerado, e para isso “professores, pais e crianças eram ensinados a trabalhar juntos para realizar o ideal do futuro “homem brasileiro” que deveria ficar diante do prédio do MES” (DÁVILA, 2006. p. 92).

Para entender melhor a questão do “homem brasileiro” de Capanema é necessário voltar o olhar para o movimento sanitarista, que tem início no Brasil na

primeira metade dos anos 1910, destaque para a “viagem científica” de Arthur Neiva e Belisário Penna (BERTUCCI, 2007), mas é ampliado em 1918 com a criação da Liga Pró-Saneamento do Brasil. Neste período, muitas teses percebiam o homem brasileiro, e principalmente o homem do interior – sertanejo, caboclo ou caipira -, representado como indolente, preguiçoso e improdutivo. O movimento sanitarista tentou mostrar que o problema provinha da saúde pública, ou melhor, da falta dela, e não estava no determinismo climático ou racial, como tentavam provar algumas teorias racistas e do darwinismo social.<sup>31</sup>

Os sanitaristas fizeram excursões pelo interior do Brasil a fim de diagnosticar e registrar a realidade dessa população. Eles destacaram que a doença era o principal obstáculo da nacionalidade brasileira, criticavam a ausência do governo na promoção da saúde pública e saneamento e apostavam na figura do médico como o grande regenerador da nação: além de combater as doenças, ele concorreria para a educação saudável da população. Dessa forma, a culpa pela realidade brasileira, como uma nação ainda não fortalecida, em todos os sentidos, era atribuída não aos homens do interior, mas aos poderes públicos, por abandonarem este povo interiorano (LIMA e HOCHMAN, 1996). Voltando ao “homem brasileiro” de Capanema, este, pois, não poderia ser o ‘interiorano’ doente, mas sim o homem forte e regenerado pela medicina.

Não só as maneiras ‘intelectuais’, mas outras formas de expressar os problemas da sociedade estavam em voga na época, como ficou explícito na canção “Minha viola” de Noel Rosa que, a partir de 1929, declarava: “Nesta cidade todo mundo se acautela / Com a tal de febre amarela que não cansa de matá / E a dona Chica que anda atrás de mau conselho / Pinta o corpo de vermelho / Pro amarelo não pegá”.

---

<sup>31</sup> Quanto às teoria racistas do século XIX, Seyferth explica que “guardadas as diferenças de interpretação, todas elas tinham em comum o dogma de que a diversidade humana, anatômica e cultural, era produzida pela desigualdade das raças; e a partir deste dogma, produziram-se hierarquias raciais que invariavelmente localizavam os europeus civilizados no topo, os negros “bárbaros” e os índios “selvagens” se revezando na base, e todos os demais ocupando as posições intermediárias” (1996, p. 45). Já o darwinismo social prescrevia que os mais fortes seriam aqueles que sobreviveriam na sociedade, enquanto que os mais fracos desapareceriam (NAXARA, 1998). Muitas dessas teses ganharam desdobramentos singulares no Brasil, e a eugenia, especialmente a partir de meados dos anos 1910, também teve leitura particular no país, influenciando ideias, e ações, de muitos daqueles preocupados com o futuro dos brasileiros, e o progresso nacional. (BERTUCCI, 2009, p.1-2).

Vários intelectuais preocupados com o progresso, modernização e a constituição da nacionalidade brasileira dissertaram sobre a formação do povo brasileiro. O imaginário desses intelectuais, no período de 1870 a 1920, oscilava entre os imigrantes e os nacionais, de forma bastante contraditória, mas sempre tendendo à valorização dos imigrantes, ainda que com restrições. A autora afirma que Euclides da Cunha, por exemplo, não via uma unidade racial brasileira, a não ser que muito remota, e Manoel Bomfim, num contra ponto, afirmava que os males do brasileiro não estavam na raça do povo, mas sim nas origens da constituição deste povo, que se deu a partir do parasitismo europeu sob as colônias, portanto via a constituição do povo brasileiro por meio da educação deste. Já Sílvia Romero acreditava na formação de um povo brasileiro a partir da mestiçagem do brasileiro com o imigrante branco europeu, ou seja, o branqueamento da nação (NAXARA, 1980). Seyferth destaca que

o eixo da discussão sobre política imigratória passa para a questão racial, de forma mais explícita, nas primeiras décadas da república, sempre vinculada à colonização – ou seja, o imigrante preferencial é aquele que pretende se fixar como agricultor ou trabalhador rural. O tema predominante é o da assimilação associado à miscigenação enquanto processo histórico de formação de uma “raça” ou “tipo” nacional. (1996, p. 48).

Para intelectuais como Sílvia Romero a assimilação desses imigrantes acarretariam a miscigenação e, conseqüentemente, o branqueamento do povo brasileiro, formando um mestiço “superior” que comporia o povo nacional (NAXARA, 1980).

Todo esse pensamento social apenas expressou a preocupação de parcela dos brasileiros com a constituição de um ‘povo brasileiro’ e conseqüentemente o fortalecimento da nação. Esta busca foi contínua, atravessou décadas, e no regime de Vargas, principalmente durante o Estado Novo, esta preocupação se reatualiza (vários sanitaristas participam, de formas diversas, do governo, entre eles Belisário Penna) e toma maiores proporções. Além da promoção de reformas no sistema escolar, o aparato governamental de Vargas tentou desenvolver a cultura do país, no sentido de valorizar a nação.

É neste cenário, em que o imigrante é visto ora como desejável, ora como

indesejável, que os menonitas chegam ao Brasil. Como desejáveis, poderiam ajudar na regeneração, branqueamento e desenvolvimento econômico do país. No entanto, nos momentos em que este grupo não pretendeu colaborar com estes ideais, seja na recusa pelos casamentos interétnicos, seja na formação de núcleos mais reclusos, ou quando fizeram ufanismos a uma nação inimiga, como foi a Alemanha nazista, nestes casos os menonitas foram vistos como indesejáveis para a formação do “homem nacional”.

Gustavo Capanema, ministro da educação de 1934 a 1945 trabalhou, não só para aumentar o número de escolas, mas, também, para inculcar valores nacionalistas nos estudantes da nação. Em sua gestão, o ministro

encomendou livros didáticos de modo a reforçar a identidade nacional e a lembrar aos estudantes a “indiferença dos regimes passados pelas questões sociais”. Capanema criou novos órgãos, como por exemplo, o Instituto Nacional do Livro, para disseminar a cultura patriótica. Os currículos escolares foram alterados para que pudessem estimular o orgulho nacional, a disciplina, bons hábitos de trabalho, valores relacionados à família, hábitos de economia e a moralidade. A história, a geografia e a literatura do Brasil receberam uma nova ênfase. (LEVINE, 2001, p.93).

Com o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (1934) e mais tarde Departamento de Imprensa e Propaganda (1939), o cinema e o rádio foram importantes ferramentas para a divulgação dos ideais de nação do governo. A música também serviu a tal propósito, principalmente o canto orfeônico, que recuperou a música popular e o folclore brasileiro. Heitor Villa-Lobos, aquele quem encabeçou este estilo musical, dizia que “nenhuma arte exerce sobre as massas uma influência tão grande quanto à música” (SCHWARTZMAN; BOMENY; COSTA, 2000, p. 108). Villa-Lobos chegou a formar um coral com dez mil vozes, onde propagava o canto de hinos patrióticos e a educação de sentimentos cívicos. Neste sentido, a música, principalmente hinos patrióticos também fizeram parte do dia-a-dia da escola dos menonitas no Boqueirão com a entrada de uma professora brasileira após efetivação de políticas nacionalistas em 1938.

Com a missão de inculcar valores cívico-patrióticos na população, a Juventude Brasileira, inspirada nos modelos europeus foi um esforço de uma organização paramilitar, que por meio de desfiles, uniformes e aulas para “jovens” de

8 a 18 anos, trabalhava em prol da unidade nacional (STEIN, 2008).

Todo o ufanismo verde-amarelo e a história mitificada dos heróis, construídas antes mesmo de Vargas assumir o governo, fizeram parte do “conteúdo nacional” que deveria ser transmitido na escola. A busca da uniformidade no uso da língua portuguesa e a “erradicação das minorias étnicas, lingüísticas e culturais” fizeram parte da busca pela construção da nacionalidade brasileira (SCHWARTZMAN; BOMENY; COSTA, 2000) e, principalmente neste ponto, a identidade menonita entrou em conflito com os ideais da nação que os recebera, pois eles não tinham pretensão de erradicar estes importantes elementos constituintes de sua identidade, pelo contrário, a intenção era preservá-los.

Cuche (1999) lembra que a ideologia nacionalista tem a tendência à monoidentificação, dificilmente atentando para o fato das diferenças culturais de uma nação. Frente a esta discussão acerca da constituição das nações, Hall (2006) nos lembra que, neste esforço de se construir uma “cultura nacional”, conseqüentemente há a “supressão forçada da diferença cultural” (p. 59). E no caso brasileiro, há no contexto do Estado Novo (1937-1945) uma tentativa de fortalecer um nacionalismo que há tempos vinha sendo construído. Isto fica claro nas propostas de nacionalização, que além de reforçar certa brasilidade, fomentou o combate ao perigo estrangeiro. No tocante aos menonitas, estas políticas desembocaram na proibição do idioma alemão, no fechamento de escolas, na proibição de produção e circulação de periódicos, na proibição de professores estrangeiros lecionarem, dentre outros dispositivos.

O Estado Novo instalara-se em 10 de novembro de 1937, mas as retaliações sofridas pelos menonitas só começaram a ser sentidas a partir de 1938, a escola foi atingida no começo do ano e o jornal parou de ser editado no final do ano. Levine argumenta que “o Estado Novo tomou forma gradualmente [...] [e] o impacto total da mudança causada pela adoção de uma ditadura corporativista só ficou aparente no fim de 1938 ou 1939” (1980, p. 250).

Quando se fala em ditadura corporativista, fala-se da sociedade como um corpo, no qual o governante, no caso Getúlio Vargas, é visto como a cabeça que dirige o resto do corpo, o Estado, visando seu bom e harmonioso funcionamento. Lenharo percebe como “conteúdos originalmente teológicos [...] são intercambiados

para o lugar próprio da política” (1986, p.159). Conteúdo originalmente teológico porque é apropriado do trecho da carta de Paulo aos romanos, onde no capítulo 12 o apóstolo descreve a Igreja como um corpo, no qual Cristo é a cabeça e a comunidade religiosa são os membros, e cada um precisa exercer sua função no corpo, conforme o dom que lhe foi dado, para que tudo vá bem.

A este paralelo, bem como outros elementos originalmente religiosos que são incorporados à política, como o uso da imagem na propaganda, a música com o canto orfeônico, a imagem messiânica do líder, dentre outros elementos que são incorporados ao Estado Novo, Lenharo intitula de sacralização da política. Bertonha, ao falar do fascismo italiano, destaca que

desde muito cedo, o fascismo propôs o corporativismo como solução para os problemas sociais e os conflitos entre empresários e trabalhadores. Por este sistema, patrões e empregados se organizariam juntos em corporações, e estas gerenciarão a economia nacional, sob o controle do Estado e atendendo aos interesses de todos os membros envolvidos e também aos da nação. Com sua instauração deveriam desaparecer a luta de classes e a ação reivindicativa dos sindicatos. Traços de corporativismo estiveram presentes em quase todos os movimentos fascistas, mas o fascismo italiano foi o que mais enfatizou sua importância. (2004, p. 19).

Não só a *Carta del Lavoro* de Mussolini, destinada a organizar o Estado Orgânico Corporativo, inspirou a Constituição Brasileira em 1937, como também princípios do corporativismo incorporados por outros estados fascistas. A nova Constituição foi elaborada no contexto em que

as eleições presidenciais foram canceladas sem a menor cerimônia, e a Constituição de 1934 foi revogada em favor de um novo documento, escrito pelo jurista conservador Francisco Campos. Essa constituição conferia virtualmente todo o poder ao chefe de Estado. Baseava-se na Carta del Lavoro italiana e na carta fascista polonesa de 1935, na qual se proclamava que a única e exclusiva autoridade do Estado se concentra na pessoa do presidente da República. Os oponentes apelidaram a Constituição do Estado Novo de 'a polaca', aludindo ao significado do termo na gíria: prostituta europeia. (LEVINE, 2001, p. 83).

Vargas buscou harmonizar o conflito de classes segundo suas noções corporativistas, a partir das quais “estabeleceu hierarquias simétricas de



associações para patrões e trabalhadores, assegurando um contato institucionalizado entre os dois grupos em todos os níveis, e instituindo o Estado como árbitro entre eles” (LEVINE, 2001, p. 51).

Nisto percebe-se que Getúlio Vargas, apesar de perseguir grupos simpatizantes de ideias de matriz fascista, como foi com os integralistas de Plínio Salgado<sup>32</sup>, tinha no fascismo uma doutrina inspiradora, expressa algumas vezes de forma contraditória. Filinto Müller, por exemplo, chefe da Polícia no Estado Novo, era simpatizante do nazismo e tinha contatos com autoridades do Terceiro Reich. A própria denominação “Estado Novo” foi tomada do regime fascista de Salazar, implantado em Portugal em 1933. Levine, inclusive, afirmou que “o governo Vargas pode ser fascista [...] na medida em que adotou o autoritarismo, o antiliberalismo, o planejamento global da economia, e a repressão política sistemática” (1980, p. 266). Tal contradição se agravou ainda mais quando da entrada do Brasil na Segunda Guerra, quando Vargas, em medida pragmática, optou pelos Aliados e não pelos países do Eixo, os quais muito inspiraram suas bases governamentais.<sup>33</sup>

Este é um ponto importante para dar continuidade à discussão, pois não se pode esquecer que, concomitantemente aos esforços nacionalistas, o contexto retratado também é o da Segunda Guerra Mundial. Com a adesão do Brasil na guerra contra a Alemanha, em 22 de agosto de 1942, a repressão aos descendentes dos países do Eixo tornou-se mais efetiva (OLIVEIRA, 2008) e a contenção e vigilância tornou-se mais acirrada a alemães, italianos e japoneses. Após o rompimento diplomático com os países inimigos, o governo brasileiro obrigou até mesmo que estes imigrantes, agora vigiados, se mudassem de áreas consideradas “estratégicas”, como foi o caso dos japoneses do Belém do Pará, que foram enviados para uma colônia centenas de quilômetros distantes da que estavam

---

<sup>32</sup>O Estado Novo foi criado em 1937 com o apoio de Plínio Salgado, o qual almejava a pasta da Educação, o que não aconteceu. Em 1938 os integralistas, pretendendo um golpe de Estado, atacam o palácio presidencial no Rio de Janeiro. O plano foi frustrado, o integralismo dissolvido e Plínio Salgado refugiado em Portugal (BERTONHA, 2004).

<sup>33</sup>O Brasil entrou na Segunda Guerra Mundial tanto por fatores internos, quanto externos. Levine (2001) conta que, em agosto de 1942, “após alguns navios mercantes brasileiros serem torpedados no Atlântico pela marinha alemã, multidões pelo Brasil afora (inclusive com a participação da União dos Estudantes) atacaram lojas e negócios de propriedade de descendentes do Eixo, aclamando pela declaração de guerra”. Externamente, o Brasil sofreu pressões diplomáticas dos EUA, que o fizeram optar pelos Aliados, apesar das convicções ideológicas de Vargas frente aos fascismos.

(LESSER, 2001). Muitos outros foram deslocados principalmente da costa do país para seu interior. No entanto, como acrescenta Perrazzo,

os alemães foram os mais visados pelas perspectivas nacionalistas do governo Vargas e, conseqüentemente, os mais atingidos pelas medidas governamentais. Somando o maior numero de cidadãos encarcerados, eles representavam uma dupla ameaça: enquanto grupo étnico que insistia em supervalorizar sua cultura e atuar politicamente nos moldes de um regime estrangeiro, colocando em risco o projeto nacionalista interno e, como súditos de um chefe com ambições imperialistas, como era o caso de Hitler, representavam um perigo internacional. (2003, p. 48).

Perazzo (2003) conta que, no período de 1942 a 1945, vários descendentes dos países do Eixo foram acusados de práticas subversivas, ou seja, de praticarem atividades políticas contra os interesses do Brasil e realizar espionagem ou sabotagem. Muitos acabaram reclusos em campos de concentração brasileiros. Forma extrema para se evitar que ideias (e o relato de ações), consideradas pelas autoridades brasileiras prejudiciais ao Brasil, circulassem pela sociedade nacional.

Mas o pêndulo de considerar o imigrante ora desejável, ora indesejável não é exclusivo dos contextos de guerra. Na obra **A negociação da identidade nacional** de Jeffrey Lesser (2001), o autor discute como os imigrantes não-europeus que vieram para o Brasil construíram e usaram identidades múltiplas para se integrarem à nova sociedade. As teorias racistas em voga no século XIX e começo do XX, principalmente aquelas que alegavam que a mistura das raças degenera o povo, deram margem para que várias medidas fossem tomadas pelo governo brasileiro. Um exemplo é o caso dos chineses que para o Brasil migraram no século XIX, mas para se evitar a miscigenação, estes deveriam ser casados ou comprometidos (LESSER, 2001).

Mesmo antes da Segunda Guerra Mundial, os alemães, apesar de elogiados como bons trabalhadores, eram vistos pelo colunista do jornal curitibano **Gazeta do Povo**, Almiro Ramalho, como raças alienígenas que “requerem um corretivo quanto a parte numérica, com o fito de evitarmos perturbações na formação étnica de nosso povo” (26/04/1934, p. 3). Esta afirmação vem ao encontro de tudo o que já vinha sido discutido a respeito da “formação do brasileiro”, que idealizava uma nação que resgataria o homem do ‘interior’, e que seria cada vez mais branca, educada e sadia.

E este ideal, nacionalista por excelência, que se exacerba nos anos de 1930, também rechaçava tudo o que pudesse colocar em risco essa “nova nação” que estava sendo forjada no estado brasileiro. Neste contexto é possível entender o colunista da **Gazeta do Povo**, que contestou a entrada de mais alemães no Brasil e a possível formação de uma nação pangermânica extraterritorial. Em seu texto sobre a imigração o colunista fala entusiasmado da nova emenda que estava para ser aprovada quanto a restrição do número de entradas de estrangeiros de acordo com sua nacionalidade. E mais adiante tenta se defender argumentando:

quem está a par da literatura germânica sobre assuntos políticos e coloniais, e conhece as teorias correntes naquele país sobre a “projeção da nacionalidade além de suas fronteiras” não pode deixar de se sentir profundamente convito [sic] da gravíssima emergência que seria para o mundo a realização do Mitel-Europa. Hoje em dia não esconde mais o pangermanismo dominante ser este o seu intuito. Na efetivação deste programa acha-se incluída a América meridional, do Paraná para o sul abrangendo a Argentina, Chile e talvez parte do Peru austral. (**Gazeta do Povo**, 26/04/1934, p. 3).

Diante deste contexto de perseguição, vigilância e restrições destinadas aos imigrantes alemães, o grupo menonita sentiu sua identidade sendo ameaçada. Autores como Stuart Hall (2006) e Létourneau (2002) defendem que em momentos de crise, as identidades apresentam ações reativas. Castells (2002), também trabalha com a noção de identidade de resistência, que acontece quando, por uma desvalorização de um grupo, criam-se trincheiras de resistência e sobrevivência. De forma semelhante ao que estes autores apontam, também é notória a reação do grupo menonita diante das políticas de nacionalização do governo brasileiro.

Encontra-se no periódico menonita **Bibel und Pflug**, de junho de 1954, as lamentações do educador Fritz Kliwer no que diz respeito a postura do governo brasileiro frente a cultura e a língua alemã nas décadas anteriores. No entanto, é na mesma matéria de tal periódico que Kliwer fala que aquele foi um período de fortalecimento do uso do dialeto *Plattdeutsch* (que chamavam de alemão baixo) nos eventos da comunidade. Percebe-se esta situação no depoimento do menonita:

no tempo da guerra foi proibido totalmente o alemão, até um tempo não tivemos nem culto porque os nossos pastores não conheciam o

português [...]. E assim, então, também os leiteiros quando vinham pra cidade. Então às vezes vinha um guarda: vocês estão falando alemão? Não, não estamos, estamos falando em holandês, mas o dialeto alemão baixo é parecido com o holandês. (J.D., 1994).

O Decreto-lei n. 383 de 18 de abril de 1938, que fazia restrições ao uso do idioma alemão, teve consequência dupla e, até certo ponto, contraditória entre os menonitas: eles se esforçaram para aprender e aperfeiçoar o idioma português, mas também reforçaram o uso do *Plattdeutsch*, pois o que o Decreto proibiu foi o alemão oficial e não o do dialeto, que continha traços do idioma holandês. Desta forma, a reação dos menonitas foi muito além de adquirir novos elementos identitários, incorporados via língua portuguesa, foi, também, de atualização e fortalecimento do que já existia, no caso do *Plattdeutsch*, um dialeto que, até então, era falado timidamente na esfera privada, passou a ser usado até mesmo nas pregações dos cultos.

Assim, ao mesmo tempo em que a comunidade atentava para a prescrição legal quanto ao uso do alemão, burlava-se a intenção maior de tal dispositivo, que era de fortalecer a nacionalidade brasileira e combater as manifestações estrangeiras. Em uma estratégia de sobrevivência identitária (Cuche, 1999), os menonitas cediam às demandas do meio em que viviam, adaptando-se a ele, mas encontravam maneiras de burlar estas demandas e preservar tradições.

Foi justamente neste dilema entre a adesão e a reação ao regime nacionalista do Estado Novo que os menonitas negociaram para manter sua identidade. Alguns membros da comunidade, que viveram naquele período, lembram que, quando crianças, seus pais os aconselhavam a agradecer a Deus pela terra em que estavam, pois não estavam sofrendo nem fome nem perseguição (M. F., 2009; Görz *apud* ENNS, 2000). Entretanto, foi nessa mesma época que os menonitas resistiram a uma forma particular de incorporação pela “nova terra”, aquela evidenciada pelo uso da língua nacional: os menonitas, proibidos de falar em alemão, usaram o *Plattdeutsch* para conversar, orar, cantar..., realizando um tipo de resistência singular e eficaz, mesmo que louvando ao Criador pelo novo lugar em que estavam.

Como lembra Hall, as pessoas quando migram “retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e tradições” e precisam negociar com as “novas culturas em

que vivem, sem simplesmente serem assimilados por elas e sem perder completamente suas identidades” (2006, p. 88).

## 2. A ESCOLA DO BOQUEIRÃO

### 2.1 ISOLAR OU INTEGRAR: EIS A QUESTÃO

No contexto da imigração e instalação de alemães e seus descendentes no Brasil, pode-se perceber que as escolas teuto-brasileiras foram uma realidade nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco e Goiás (KREUTZ, 2000). No entanto, é na região sul do Brasil que esta experiência ocorreu de forma mais expressiva, bem como são sobre eles o maior número de produção acadêmica acerca do tema.

Grande parte dos imigrantes foi colocada em áreas pioneiras e isolada. Isto é compreendido quando se percebe que um dos objetivos do governo brasileiro com a vinda destes primeiros imigrantes era a povoação e cultivo de territórios que poderiam ter suas fronteiras recuadas em disputas com outras regiões, como a região do Prata, territórios estes pouco habitados. A primeira colônia “alemã” do Paraná foi fundada em 1828 em Rio Negro; no Rio Grande do Sul tem-se em 1824 uma colônia em São Leopoldo, e em Santa Catarina, em 1828, tem-se a colônia São Pedro de Alcântara. Com rapidez, sucessivamente outros núcleos foram se estabelecendo.

Somado ao motivo da precariedade do sistema escolar brasileiro, este isolamento ao qual foram submetidos muitos imigrantes, segundo alguns estudiosos do tema (LUNA, 2000; WILLEMS, 1980), foram molas propulsoras para que as primeiras escolas teuto-brasileiras fossem criadas observando e se apropriando do modelo alemão de sistema escolar. Dessa forma, Seyferth ressalta que o isolamento desse grupo não foi uma “opção deliberada destes imigrantes” (2003, p. 28), mas está relacionada com a política de colonização do governo brasileiro. Kreutz (2000) defende que a organização das escolas étnicas teuto-brasileiras não foi uma opção prévia dos imigrantes, mas está relacionada com o contexto da imigração, foi a necessidade do grupo, nos novos espaços que os impulsionaram ao empreendimento escolar.

Mas, se não fosse o isolamento a que foram submetidos e a precariedade do sistema escolar brasileiro, será que mesmo assim os grupos étnicos alemães, nesse primeiro momento de integração, não teriam construído suas próprias escolas? Nós acreditamos que sim, pelo menos no caso específico dos menonitas, que desembarcaram no Brasil em 1930 e tinham uma história de deslocamentos pelo interior da Europa que foi sempre acompanhado de práticas, inclusive escolares, que intentavam preservar língua, cultura e identidade. O caso da Escola do Boqueirão conduzida pelos menonitas em Curitiba é exemplar.

Mesmo considerando que o transporte coletivo público só tenha chegado ao bairro do Boqueirão na década de 1950, as crianças menonitas tinham a opção de chegar até as escolas mais próximas ao bairro na carroça de seus pais, que iam diariamente para o centro vender sua produção leiteira. Entretanto esta opção foi rejeitada pelo grupo recém estabelecido no Boqueirão e as crianças não frequentaram aulas regulares nos primeiros anos.

Por que os menonitas resolveram criar sua própria escola? Um dos motivos era a tradição de junto com o desenvolvimento das colônias criar também escolas, foi assim na Prússia e na Rússia e, depois, no Canadá, no Paraguai e nas colônias do estado de Santa Catarina. Contudo, o motivo e o sustentáculo desta tradição podem ser a preocupação com a preservação do “ser menonita”, com sua etnicidade e religião próprias. Havia a opção de escolas teuto-brasileiras, mas lá estariam também católicos, judeus, ateus, dentre outros. Havia até mesmo escolas teuto-brasileiras protestantes, mas lá estariam doutrinas diferentes, e até mesmo controversas. O intento original do grupo menonita seria, portanto, preservar seu *Mennnonitentum*, mas mudanças no contexto sócio-político e cultural desencadearam mudanças nos planos, como será visto mais adiante, e os menonitas sem a opção de terem sua própria escola, acabaram mandando seus filhos para outras escolas.

Existiram grupos de imigrantes de diferentes etnias que, ao contrário dos menonitas de Curitiba que procuraram manter escolas próprias, pressionaram o Estado em favor de escolas públicas, como foi o caso de algumas regiões coloniais italianas no Rio Grande do Sul. (CORSETTI, 2004). Outros grupos de imigrantes investiram em escolas étnicas, principalmente nos núcleos mais afastados e menos

integrados com culturas diferentes (KREUTZ, 2000). O que não descarta a hipótese de que nestas regiões mais afastadas, muitos preferissem preservar sua suposta “homogeneidade” e tradições. No entanto, a escola não foi o único mecanismo usado para isto, religião, festas, tradições, costumes, música, dentre outros, elencaram o rol de tentativas de preservação da identidade étnica dos grupos.

Outra ressalva importante no que diz respeito ao tipo de escola que se está evidenciando é quanto à sua nomenclatura, como lembra Paiva (2003) não devem ser tratadas nem como escolas estrangeiras, nem tampouco como escolas alemãs, pois não são escolas que estão fora do país. Ao contrário, são escolas brasileiras que medeiam o conhecimento por meio da língua alemã e na maioria das vezes utilizando materiais didáticos e conteúdos alemães. Dessa forma, convém chamá-las escolas teuto-brasileiras.

O foco deste capítulo está em uma escola teuto-brasileira que nasceu no centro de uma comunidade menonita, que estava preocupada em preservar não só seus elementos germânicos, mas seus elementos de fé.

Desde a Reforma do século XVI, a escola tem tido um papel importante para os protestantes no que diz respeito à preservação de sua fé, principalmente para preservar a leitura da Bíblia e, no caso dos menonitas de seus preceitos de germanidade. Maske (1999) relata que já na Prússia o conjunto de empreendimentos educacionais menonitas era considerado exemplar. E na Rússia, ao longo dos mais de 100 anos em que lá permaneceram “mantinham 400 escolas primárias, 13 ginásios, 4 colégios para moças, 2 colégios para formação de professores, 2 colégios técnicos, 1 colégio comercial de nível universitário, com oito anos de estudos, escola para surdos-mudos, escola para diaconisas e Escola Bíblica” (BALHANA, 1980, p. 231). Em Santa Catarina, de 1930 a 1935, a colônia já havia construído três escolas (**Bibel und Pflug**, 1989, p. 21). No Brasil, apesar da precariedade dos primeiros anos de instalação, se preocuparam em construir e manter um empreendimento particular educacional, o qual foi interrompido pela campanha de nacionalização do Estado Novo de Vargas.



## 2.2 UMA ESCOLA PARA SERVIR A IGREJA?

“Foi sempre assim: onde surgir um núcleo menonita, também haverá escola para servir a Igreja”, declararam os menonitas Peter Pauls Junior e Teodoro Penner (1992, p. 417) para a edição, em português, da obra “Uma introdução à história menonita”. Da afirmação nasce a pergunta: Será que “foi sempre assim”? A historiografia nos tem lançado o desafio de ver a riqueza do descontínuo, do conflitante e do contraditório na tentativa de manutenção de tradições, que são atualizadas e refeitas (THOMPSON, 1998). Certeau alerta que “cada individualidade é o lugar onde atua uma pluralidade incoerente (e muitas vezes contraditória) de suas determinações relacionais” (1994, p.38). O intento desta discussão é rastrear na história da escola primária menonita do Boqueirão, não só o consenso e a regularidade, mas também os conflitos enfrentados pela comunidade - e pela organização escolar - frente aos seus ideais. Ideais estes que dizem respeito principalmente à busca de preservação de certa identidade, a qual também sofre alterações mediante as transferências e trocas culturais que o grupo estabelece no decorrer dos anos.

Em 1931, vinda de Santa Catarina, chega a primeira família menonita em Curitiba. Passaram-se cinco anos desde as primeiras instalações e adaptações na nova cidade para que os menonitas empreendessem a construção de uma escola elementar para suas crianças. Antes da inauguração da escola, o grupo de Santa Catarina já expressava sua preocupação com as crianças do grupo de Curitiba que não estavam frequentando nenhuma escola (**Die Brücke**, Witmarsum/SC, n. 2, fevereiro de 1936).

A Escola do Boqueirão (figura 9) foi primeiramente construída na atual Rua Cristiano Strobel e, pouco tempo depois, utilizando a mesma madeira, foi transferida para a atual Rua Waldemar Loureiro Campos, onde sofreu a ampliação de uma varanda. Esta segunda construção localizou-se a poucos metros de distância da primeira, inclusive na mesma quadra.



FIGURA 9 - PRIMEIRA CONSTRUÇÃO DA ESCOLA DO BOQUEIRÃO  
 FONTE: PAULS JUNIOR, 1980

A construção da Escola do Boqueirão se deu de forma comunitária, empreendida pelos próprios menonitas. Quanto ao terreno no qual foi construída percebe-se nos relatos dos menonitas que diferentes personagens galgam para si o mérito da doação. Uma ex-aluna afirma que “esse terreno foi meu pai que cedeu para a construção da escola” e mais adiante se contradiz quando afirma: “meu pai deu o terreno bem barato” (K. E., 2001). Já J. D. (1994) relata que foi a Companhia Territorial do Boqueirão que concedeu um hectare para que os menonitas construíssem escola e igreja.

Mas, independente de quem seja o verdadeiro doador das terras, destaca-se que toda a comunidade se envolveu na construção da escola, tanto com o trabalho braçal, quanto com donativos. Wiens descreve que “sob a orientação de Heinrich Hamm foi construída em 1936 uma escola pelas [...] primeiras famílias menonitas no Boqueirão, que também servia como casa de oração.”<sup>34</sup> (1980, p. 192). Goerz e

<sup>34</sup>“Unter der Leitung Heinrich Hamms wurde 1936 von den 18 ersten Mennonitenfamilien in Boqueirão eine Schule gebaut, die auch als Gebethaus diente”.

Koop (1980) afirmam que Heinrich Hamm ficou encarregado de juntar o dinheiro e dirigir a construção da escola. Antes da decisão, alguns pais se reuniram num conselho para tomar as decisões. Entre os pais presentes nesta reunião foram listados David Koop, Peter Hamm, Peter Rempel, Gerhard Schierling, Peter Siemens, Gerhard Goertz, Jacob Goertz, Kornelius Goertz e Jacob Goossen. Percebe-se nestas ações um expressivo movimento de participação, planejamento e execução de muitos da comunidade em favor do empreendimento escolar.

Tanto a construção como a manutenção da escola parece ter sido empreendida de forma coletiva como se nota no relato de M. F. (2009):

[...] assim meu pai me falou, tinha que [...] emprestar o dinheiro que uma vaca valia, era 300 mil-réis, naquela época era mil-réis o dinheiro. Então, tanto dinheiro cada destas [...] famílias colocaram junto, compraram o material. Daí com o dinheiro, [construíram] esse colégio [...] Depois de manhã levaram o leite na carroça do cavalo, de tarde eles todos construíram. Teve uma pessoa que sabia bem como construir [...] e o resto ajudava. Assim eles fizeram. Primeiro meio ano daí não tivemos assim uma carteira normal. Tronco de árvore uma tábua, assim a gente sentava, e as mesas também eram assim esse tipo que eles fizeram tronco de árvore tábua em cima, mas vamos dizer, eram 4 assim [...] nesta mesa sentava uma turma de alunos, no outro lado também. Meio ano [...] daí eles pagaram a dívida cada um, daí depois tinham que de novo arranjar o dinheiro cada família e fazer então estas carteiras pras crianças [...] Antes era cada duas pessoas junto [...] E a mensalidade era assim [...], toda [família] [...] quando nós casamos, o do primeiro mês já vieram, já tínhamos que pagar [...] Todo mundo ajudava pagar os professores, os idosos e os bem novos casados. Cada família tinha que ajudar. Quanto? Isso não me lembro, mas que tanto tinha que ser e aquilo tinha que, tanto foi dividido. Então mesmo aquele que tinha os alunos pagavam um pouco mais, mas todo mundo tinha que participar, senão um não podia sozinho. Então faziam assim, porque todo mundo tava no começo e não tinha nada [...]

Dessa forma, em março de 1936, numa construção de madeira, a escola dividia-se em morada do professor e, nos fins de semana, lugar de atividades religiosas. Na imagem a seguir (figura 10) pode-se observar a construção vista ao fundo, representando a escola em questão, após a transferência para o segundo local, e em primeiro plano, identifica-se a memória de um retrato de casamento, o qual foi celebrado neste lugar de múltiplas atividades.



FIGURA 10 - CASAMENTO MENONITA [194-]  
FONTE: ARQUIVO PESSOAL

O uso do edifício religioso para a execução de aulas foi uma realidade tanto para católicos quanto para protestantes, como foi o caso dos primeiros anos da Deutsche Schule de Curitiba, que enquanto projeto da Communa Evangélica Alemã, fundada em 1869, funcionou na Igreja e na casa do pastor. (SOUZA, 2006, p. 145).<sup>35</sup>

A ex-aluna M. F. (2001), que estudou desde a primeira turma em 1936 até o fechamento, conta que na Escola do Boqueirão o ambiente era grande e as quatro turmas do primário, aproximadamente 18 alunos, funcionavam simultaneamente na mesma sala. Chamam atenção as noções de espacialidade na fala da ex-aluna: percebe-se o adjetivo “grande” para caracterizar a escola, provavelmente porque existia a comparação com as outras casas menonitas construídas na época, as

---

<sup>35</sup>Em 1884, quem passou a estabelecer as diretrizes educacionais da escola foi a Verein Deutsche Schule. Só em 1892 a escola tinha um edifício específico destinado às aulas. (SOUZA, 2006, p. 145).



quais eram mais modestas que a escola. Como se percebe na matéria sobre a inauguração do jornal **Die Brücke**, a construção total somava 10X7 metros, e ainda desejavam construir uma cozinha no local. O redator elogiou a iniciativa do grupo, que apesar de fixado em moradias provisórias, preocupava-se com o bem-estar das crianças (**Die Brücke**, n. 4, Witmarsum/SC, abril, 1936, p. 6-7).

Na Escola do Boqueirão, com apenas uma sala de aula, percebe-se certa simplicidade quando esta é comparada com os grupos escolares localizados na cidade de Curitiba da época. Sem esquecer que neste momento ainda existiam algumas remanescentes escolas isoladas, ao relacionar a escola do Boqueirão apenas com os grupos escolares da capital, os quais atendiam ao público do ensino primário, sem contar as escolas de outros níveis e as particulares, percebe-se que as construções mais modestas já apresentavam pelo menos duas salas de aula, um vestíbulo e um banheiro, como era o caso dos grupos escolares Conselheiro Zacarias, com duas salas que mediam cada uma 7,4X10,5 metros e mais um vestíbulo com 4,7X2,4 metros, e Presidente Pedrosa, com proporções semelhantes, duas sala de 7,4X10,5 cada e um vestíbulo, pouco menor, de 4,7X2 metros. Pelas medidas percebe-se que os grupos escolares mais simples comportavam mais que o dobro das medidas da Escola do Boqueirão. Isso sem contar os grupos escolares mais monumentais como o Xavier da Silva e o D. Pedro II, que além de várias salas de aula, contavam com diretoria, sala de professores e outros ambientes. (BENCOSTTA, 2005).

A inauguração da Escola do Boqueirão foi festejada no dia 29 de março. Às 14 horas os membros da comunidade se reuniram, com músicas - apresentações com cornetas e trombones - pregação do pastor local, e várias palavras de outros sacerdotes menonitas que compareceram a celebração. Nos discursos foram lidos os livros bíblicos de Lucas 19 e de 2 Crônicas 7: 11-16, este fala sobre a finalização da construção do templo e do palácio no reinado de Salomão, tema pertinente à ocasião. Enquanto daquele, provavelmente se meditou sobre a passagem dos versículos 45 ao 48, texto que mostra a ocasião em que Jesus entra no Templo, expulsa de lá todos os vendedores, e lembra das antigas escrituras, nas quais estava escrito “A minha casa será casa de oração”, pois, como já foi comentado, a construção também abrigaria o local de cultos, ou seja, a casa de oração dos

menonitas.

Outro destaque desta festa foi a presença do missionário Grischi, que, segundo M. F. (2001), era um religioso da Alemanha em missão no Brasil a mando da Igreja do Cristianismo Decidido, a mesma que os menonitas participavam antes de fundar sua própria igreja no Boqueirão. Este proferiu um discurso de evangelização para os presentes e, embasado no salmo 84 versículo 1, “quão amáveis são as moradas do Senhor dos Exércitos”, convidou a todos para que consagassem seus corações ao Senhor por meio de uma oração. A cerimônia de inauguração foi finalizada com a oferta de um café para todos (**Die Brücke**, n. 4, Witmarsum/SC, abril, 1936, p. 6-7). Da mesma forma que “as moradas do Senhor dos Exércitos” eram amáveis para os menonitas, a escola certamente também seria, pois ali a comunidade propagaria, não só aos domingos, mas também durante toda a semana letiva os preceitos do cristianismo e a preservação de sua fé.

Pelas práticas presentes nesta cerimônia, nota-se, além da valorização da própria escola, o valor e o sentido que alguns elementos identitários tinham na vivência dos menonitas, como a música, as palavras bíblicas, as orações, o momento da refeição. A importância da escola, como local privilegiado de manutenção/transmissão desses elementos é significativa, perceptível no comentário do autor do artigo sobre a inauguração da Escola do Boqueirão, afirmando que era digna de elogio a iniciativa do grupo que, mesmo vivendo precariamente, havia se preocupado com o bem-estar do local para a educação das crianças.

No Brasil, as primeiras escolas teuto-brasileiras surgiram a partir de iniciativas comunitário-associativas. Algumas escolas começaram com aulas elementares na própria casa do professor, eleito e mantido pela comunidade. Este tipo de professor foi classificado por Paiva com a denominação *Gelegenheitslehres* (professores de ocasião), os quais eram geralmente escolhidos entre “indivíduos incapazes para o trabalho agrícola (seja pela idade, seja pela compleição física) ou entre aqueles que, recém imigrados, ainda não tivessem encontrado ocupação definitiva” (2003, p. 109).

Apesar da falta de religiosos católicos que falassem o alemão, quando da chegada dos primeiros imigrantes no Brasil (RABUSKE, 2003), pode-se observar

que posteriormente muitos padres além de exercerem funções religiosas, socioculturais e políticas, também se dedicaram ao magistério “como vocação sublime e sacerdócio” (KREUTZ, 2003, p. 175), utilizando muitas vezes os espaços da Igreja para suas aulas (capelas-escolas).

A atuação de professores de ocasião não foi percebida nos primeiros anos da Escola do Boqueirão, na qual os profissionais que exerceram o magistério mostraram um nível favorável de experiência e formação na área educacional. Do primeiro professor, Heinrich Loewen, encontram-se registros de que ele obteve formação como professor na Rússia, no *Lehrerseminar*, em Chortitza. Na Rússia já exercera a carreira do magistério, a qual deu continuidade no Brasil. O seu sucessor, Franz Hübert, antes de vir para Curitiba já lecionava em uma das escolas da colônia de Santa Catarina.

O primeiro ano de funcionamento da escola foi regido, então, por Heinrich Loewen, filho da comunidade, que com um salário de “150 mil réis mais a lenha para o fogão” ensinava para um público de 18 alunos (DÜCK Fº, 1980, p. 247). Em um relatório enviado ao Comitê Menonita Central, localizado em Indiana, Estados Unidos, do final da década de 1930, encontra-se os dados de que o custo de vida de um menonita do Boqueirão no período era de 45 a 60 mil réis, ou seja, o salário que o professor recebia dava para o sustento da mulher e, no limite, de um filho.<sup>36</sup> Percebe-se então que o salário era baixo para o sustento de uma família, como a do professor que assume as aulas no segundo ano de funcionamento da escola, o qual na época tinha uma família composta por ele, a mulher e mais três crianças.

Este professor que assumiu a escola em 1937 é Franz Hübert, também menonita. Com ele as crianças desenvolveram atividades artísticas e religiosas<sup>37</sup>, como foi o caso de uma peça ensaiada com as crianças da escola e apresentada para toda a igreja na comemoração de Natal de 1937. Sobre este evento, a aluna M. F. (2009) tem a seguinte lembrança:

---

<sup>36</sup> Réis, plural de real, moeda usada no Brasil desde o período colonial até 1942.

<sup>37</sup> Apesar de não ter sido encontrado com precisão nenhum vestígio de materiais didáticos utilizados por estes primeiros professores, há o indício de que uma cartilha (*Leselust*, década de 1930) encontrada no Museu de Wittmarsum/PR possa ter sido utilizada por Franz Hübert e Heinrich Lowen. Isto porque a procedência de tal cartilha é de Santa Catarina, local onde tais professores lecionaram antes de virem para o Boqueirão. Portanto, há um grau de possibilidade de que este material possa ter sido trazido com eles.

teve festa de Natal, ele [o professor] que fazia o programa, porque a escola era também igreja. Não tinha outra igreja. Domingo foi usado como igreja. Então, pra festa de Natal ele fazia o programa. Eu me lembro que, acho que teve, no segundo ano [...]. Eles fizeram [...] um teatro que eu era o anjo. Me lembro muito bem ainda, que eu era um anjo e uma outra era, que trouxe o pinheirinho. E eu era um anjo pequeno, e a outra era um anjo bem grande que trouxe o pinheirinho pra o casal de idosos (risos!) Este foi o primeiro Natal que me lembro [...] quando eu já tava na escola.

Além de ensinar a suas crianças os preceitos religiosos, o ler, o escrever e o contar, Franz Hübert se preocupava com a manutenção do *Deutschtum* (valores de germanidade), como relata uma ex-aluna: “no meu segundo ano com o professor Fraz Hübert [...], nós tínhamos que cada dia de manhã cantar o hino alemão e gritar *Heil Hitler*.” (FRIESEN, 2001, p. 31).

A preservação da germanidade para além das fronteiras territoriais da Alemanha, ou seja, para os alemães e seus descendentes espalhados pelo mundo havia sido reanimada com a ascensão do movimento nacional socialista em 1933 e, como já foi visto no primeiro capítulo, foi até criada a “Organização do Partido Nacional-Socialista para o Exterior” com o intento de propagandear o nazismo, o que de certa forma estava sendo feito pelo professor menonita.

Um projeto de nacionalização para o Brasil já vinha sendo empreendido de tempos anteriores, mas como afirma Schwartzman (2000) é em 1938, durante o Estado Novo de Getúlio Vargas, que ferrenhas políticas nacionalistas são empreendidas, sobretudo na área educacional. No Estado do Paraná, com a promulgação do Decreto Estadual nº 6149 de 10/01/1938, que proibia o exercício do magistério por estrangeiros, começa-se a sentir tal pressão. O funcionamento da Escola do Boqueirão passou por algumas alterações para que não fosse fechada.

Contrariando, desta forma, a expectativa que o grupo menonita idealizara para a escola, foi necessária a contratação de uma professora brasileira, Eglê Pacheco de Carvalho, residente do bairro e casada com um militar que trabalhava no quartel do Boqueirão. Ela teve a incumbência de ensinar, em português, crianças que não estavam nem um pouco habituadas com tal idioma. Neste sentido, é complementar a resposta de M. F. quando relata curiosidades de seu período escolar:



a minha irmã [...] foi depois também pra escola e era tudo em português, nada podia em alemão [...]. O professor perguntava: o que era nariz? Ela apontava o nariz, olhos, etc. tudo na classe era silencioso pois não entendíamos nada, quando perguntou o que é boca minha irmã apontou a barriga (a mesma palavra em dialeto significa barriga) o professor corrigiu e todos nós caímos em gargalhadas. (M. F., 2001, p. 58).

Quanto aos métodos usados pela professora brasileira, estes lembram muito o procedimento utilizado no método intuitivo, ou de lição de coisas, desenvolvido no final do século XIX pelo educador norte-americano Norman Allison Calkins, o qual teve seus escritos largamente traduzidos e incorporados, inclusive no Brasil. Neste método de ensino, o aprendizado se dá “das coisas para os nomes” (VALDEMARIN, 2001, p.162), do concreto para o abstrato. Neste caso a professora mostrava partes do corpo e depois os nomeava, e tudo em português para que as crianças aprendessem a língua da nova terra. Ou mostrava figuras e depois referenciava, como conta uma ex-aluna sobre a professora Eglê: “ [Ela] pegava o livro e mostrava figuras, eu me lembro: figura de casa - dizíamos casa, cachorro – cachorro, etc.” (K. E., 2001).

Além da presença do método intuitivo, outro destaque era o do ensino mútuo, no qual crianças de quatro níveis distintos de aprendizagem estavam numa mesma sala aprendendo ao mesmo tempo. Sobre esta experiência, a ex-aluna M.F (2009) relata o seguinte:

porque na minha época [...] [tinham] quatro classes, tudo numa sala. E eu já [...] no terceiro [ano] quando a professora Eglê já tava. Eu tinha que ensinar os outros. Primeiro os que começaram de ler as letras junto, V + O = VO, N + A = NA. Eu já tinha que fazer isso porque a professora tinha que ensinar o terceiro ano e quarto. Então eu tinha que fazer isso [...] no quadro e ficava e mostrava e as crianças tinham que, eu falava eles repetiam [...] e ela [a professora] fazia então com os outros.

No primeiro ano de funcionamento da escola, o material usado pelas crianças era aquilo que se tinha de comum na época, a lousa de ardósia individual com duas faces e o lápis do mesmo material, conhecido como ponteiro. O cuidado com o material e com a lição de casa eram algumas das preocupações que

permeavam o imaginário daquelas crianças que temiam o que poderia acontecer se por alguma desventura as anotações fossem apagadas e a tarefa não realizada.

Conta M. F. (2009):

A gente não tinha caderno. Depois mais tarde já tinha. Mas no primeiro ano nada. No segundo já, acho que já teve, mas no primeiro não tinha [...] Quando você fez em casa a lição, você tinha que cuidar que não apagava. Daí você levava lá na escola, você precisava de novo o quadro, você tinha pano pra limpar... E assim num lado você fazia as letras e no outro lado os números em casa [...] assim todo o serviço foi feito em casa, assim você levava pra [escola], depois tinha os cadernos né... mas no primeiro ano não.

Quanto aos castigos e punições, comuns mesmo em outras escolas, a mesma egressa conta que era normal o professor bater com vara ou cinta nos alunos que desobedeciam, ou bater com régua nas mãos e chamar para ficar de castigo na frente da turma quando os alunos faziam algo errado. O professor atuava com permissão e colaboração dos pais, a proximidade territorial e a interação entre as famílias proporcionava essa cumplicidade, como conta M. F. (2009)

Olha naquela época era assim os pais e os professores eram juntos na educação dos filhos. E o que [...] o seu pai te ensinava em casa o professor também tinha que participar junto [...]. Por isso [...] todos os pais sabiam de tudo que se um filho não [...] obedecia bem ou se fazia coisas bobas [...] na classe [...] o professor já avisava.

A ex-aluna M. F. (2001) conta que tinha um colega que ajudava seu pai na venda de leite e por isso conhecia um pouco mais do português, assim ajudava os colegas no entendimento do novo idioma. Não só o português era ensinado, como também o uso da língua alemã era estritamente proibido e vigiado, como conta outra aluna:

nós íamos para a escola, era só em português, no intervalo caminhávamos até a rua, conversávamos algumas frases em alemão entre a gente... a professora então nos proibiu de ir até a rua nos intervalos, devíamos ficar próximos do prédio, isto é, não podíamos conversar nada, a professora Eglê é que nos proibia de falar em alemão. (K. E., 2001).

Observa-se no trecho “a professora Eglê é que nos proibia de falar alemão”, que, mesmo rememorando décadas depois, para a então aluna agora uma senhora, a culpa da proibição é imputada diretamente à figura da professora, nenhuma palavra sobre prescrições legais ou o contexto político da época. A intensidade do que foi vivido pela menina impossibilita uma análise diversa da que a mulher poderia fazer.

O jornal curitibano **Gazeta do Povo**, em 1939, em matéria intitulada “O ensino e a nacionalização no núcleo Boqueirão”, relata como foi o ano letivo dirigido pela professora brasileira, destacando com louvor as atividades que despertavam nos alunos estrangeiros o interesse pelo patriotismo e nacionalidade brasileira:

dentro de um ano, com esforço e dedicação vemos assinalado o desenvolvimento do ensino em Boqueirão, pois os pequenos filhos de estrangeiros, de ambos os sexos, apresentam-se hoje sabendo ler e escrever, fazendo contas e já em condições de exames primários, conhecendo o Brasil, nossa Bandeira, cantando o nosso Hino e comemorando nossas grandes datas. Agora no fim do ano, algumas classes estão aptas a exames [...]

Na escola da professora d. Eglê, a gloriosa data de 7 de setembro foi condignamente comemorada, ao som de hinos patrióticos. O “dia da árvore” mereceu carinho naquela escola, sendo plantada uma árvore com solenidade em frente ao edifício, fazendo-se preleções a respeito e exaltando-se o amor pátrio.

Merece louvores a operosa professora de Boqueirão, que está operando uma utilíssima obra de nacionalização, que deve ser imitado em núcleos e colônias idênticas. (**Gazeta do Povo**, 04/10/1939, p. 3).

Sobre os eventos cívico-patrióticos vividos na escola, a ex-aluna M. F. (2009) recorda e relata que “dia 09 de novembro era dia da bandeira, hoje em dia dizem que não é mais. Dia 09, da bandeira, era uma festa na escola” e quanto ao dia da árvore lembra que “sempre foi plantado uma árvore, sempre, sempre. Todas estas coisas eram muito festejadas. Ficaram bem na mente da criança”. A aluna egressa também conta que o hino nacional brasileiro era cantado todo o dia com a professora Eglê. Na primeira fala da egressa pode-se perceber, que a memória apresenta suas falhas, principalmente quando comparamos os relatos com outras fontes, pois o Dia da Bandeira era comemorado no dia 19 de novembro e não 9, como afirmou a depoente.

Além da tentativa de “abrasileirar” os pequenos menonitas, A. D. (1994)

conta que a professora também ensinava bordado para seus alunos, quem sabe para, no caso das meninas, formar mulheres prendadas dentro do ideal de futuras boas mães de família. Mas a presença brasileira, e não menonita, na escola não foi só a da professora, quando o português começou a ser utilizado na escola, crianças das chácaras próximas também começaram a frequentar as aulas. É possível que a aceitação dessas crianças fosse uma forma de negociação para um bom relacionamento, principalmente econômico, entre os menonitas e a população da região:

quando nós abrimos a escola, ele [um serralheiro] trouxe um filho e disse: “Olhe, eu trouxe aqui meu filho [...], eu acho que ele deve saber contar pelo menos até cem [...] e desenhar seu nome”. Então disse: “Vocês poderiam aceitar aqui na sua escola?”. Então nós: “as vagas não temos mais, mas como o senhor já tem feito muitos favores, vamos aceitar”. (A. D., 1994).

Provavelmente, a necessidade de receber a professora Eglê, uma professora alheia à comunidade menonita, não tenha agradado muito, como é perceptível inclusive no seguinte depoimento de um menonita:

Tinha uma professora que era burra, [...] ela dizia: “É, o perigo é Hitler, com suas tropas vai invadir o Brasil”. Um certo dia passou pela rua um homem do exército da salvação, então ela viu aquilo e disse: “Este já é um agente de Hitler”. Ela deixou os alunos, correu para o meio do mato, só voltou no dia seguinte. E isso não é piada. Foi triste aquilo. Isso foi a nossa maior humilhação, quando os nossos professores que tinham conhecimento não podiam mais ensinar. (A. D., 1994).

O medo e a perturbação da Segunda Guerra Mundial e o fato da professora ser esposa de um militar do Exército Brasileiro ajudam a perceber, muito mais que o aludido comportamento da professora. Também se percebe o quanto as mudanças afetaram os próprios menonitas, que até em relato pejorativo e irônico, expressa sua humilhação diante da situação que estavam vivendo.

A professora brasileira permaneceu dois anos na escola e não há relatos que possam explicar sua saída da Escola do Boqueirão. Mudança de endereço que dificultavam sua atuação na escola? Aulas em outra escola? Transferência do marido militar?

Para Pollak o sentimento de identidade é “o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si próprio” (1992, p. 204). O autor entende identidade como uma auto-representação, pois seria a construção do próprio indivíduo da imagem de si para si e para os outros, e não uma imagem também dos outros para si. Dessa forma, Pollak não atenta para uma hetero-identidade / exo-identidade. Diferente, é a posição de Cuche, que coloca a identidade como uma negociação entre a identidade que é definida por si e aquela que é definida pelos outros.

A partir do depoimento da ex-estudante da escola menonita M.F. (2001), pode-se entender um pouco o processo de reconstrução da identidade menonita neste novo contexto relacional, e olhando pela vertente da hetero / exo-representação, percebe-se que a depoente fala sobre um aluno “brasileiro” que a chamava e aos colegas menonitas de “quinta coluna”<sup>38</sup>, e isso a irritava muito. Percebe-se que aqueles que estavam de fora da comunidade representavam os menonitas, dentre outras identidades, como possíveis nazistas. No entanto, esta imagem também era negociada no interior do próprio grupo menonita, como uma auto-representação, pois a mesma ex-aluna relata que no seu segundo ano primário (1937), todas as manhãs o professor cantava com os alunos o hino da Alemanha e saudava o líder nazista com o famoso *Heil Hitler*.

Havia uma mesma representação para o grupo, ou seja, ‘os que se identificavam com o regime nazista’, no entanto a imagem vinda de fora irritava a aluna, enquanto nenhuma crítica era feita aos rituais do professor primário, um menonita como ela. Cuche nos dá pistas para o entendimento da questão quando afirma que “a auto-identidade terá maior ou menor legitimidade que a hetero-identidade, dependendo da situação relacional, isto é, em particular da relação de forças entre os grupos de contato – que pode ser uma relação de forças simbólicas”

---

38 Termo cunhado durante a guerra civil espanhola e, durante a Segunda Guerra Mundial, utilizado para referir-se àqueles que agiam sub-repticiamente num país em guerra, ou em vias de entrar na guerra, preparando ajuda em caso de invasão ou fazendo espionagem e propaganda em favor do Eixo. Na Europa esses indivíduos também eram chamados de colaboracionistas. Disponível em: <[http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/glossario/quinta\\_coluna](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/glossario/quinta_coluna)> Acesso em: 07/04/2010.

(CUCHE, 1999, p. 184), destacando que o problema não é tanto a representação que se faz, mas sim as relações de forças simbólicas nela imbricadas.

Sobre a atitude do colega não menonita para com os menonitas, quando os chamava de quinta coluna, encontra-se no jornal **Diário da Tarde** de janeiro de 1942 a seguinte matéria: “Dê-m-lhes duro: Como combater os quinta-colunas”, na qual a redação fomentava a população a cooperar com os poderes públicos no combate e identificação dos quinta-colunas. A receita dada no texto era a de que todos aqueles que não desejavam se aliar aos Estados Unidos, não concordavam com a supressão da imprensa em língua estrangeira, que culpassem os judeus pela guerra ou que afirmassem que na Alemanha o clero tinha vida calma e paz, com certeza eram quinta-colunas e deveriam ser combatidos e denunciados (**Diário da Tarde**, Curitiba, 5 de fevereiro de 1942, p. 1).

Depois da presença da professora Eglê, a escola fechou suas portas. E mais uma vez, contrariando os ideais menonitas de preservação de identidade, alguns pais tiveram que enviar seus filhos para estudarem no centro da cidade. Optaram pelos colégios católicos, Bom Jesus e Divina Providência.

Foram poucas as crianças que migraram para estas novas escolas, pois a maioria das famílias estava num período de construção de suas novas vidas e não tinha como financiar os gastos com um novo colégio. Conta uma ex-aluna da Escola do Boqueirão que seu pai “falava que se nós crianças soubéssemos ler, calcular e escrever isso era o suficiente, não precisávamos mais nada, éramos 'leiteiros'” (K. E., 2001). Essa fala é um tanto quanto curiosa, pois, como foi discutido até agora, os menonitas tinham um ideal de educação e valorizavam muito a instrução institucionalizada. Estaria a relação com o novo contexto rearranjando os elementos com os quais os menonitas antes se identificavam? Estariam as novas demandas frente aos esforços de um recomeço impedindo o investimento educacional que, naquele momento, deveria ser realizado fora da comunidade? Esses novos tempos de proibições e vigilância estariam gerando novos elementos culturais e identitários entre os menonitas?

Quanto aos estabelecimentos escolares para os quais os menonitas foram enviados após o fechamento de sua própria escola, tratavam-se de escolas teuto-brasileiras confessionais católicas. Provavelmente a escolha pelos colégios católicos

citados, e não por instituições educacionais protestantes, tenha sido pela caracterização germânica dessas duas escolas, enquanto que faltavam opções de escolas protestantes na cidade, com as mesmas características de procedência alemã. A Escola Alemã/Colégio Progresso, de orientação luterana, por exemplo, fechou as portas em 1942 (SOUZA, 2002).

O Colégio da Divina Providência estava ligado às irmãs desta congregação. Fundado em 1903, dividia os alunos em brasileiros e alemães e, segundo Trindade (2003), a preocupação das irmãs estava no ensino da religião, língua e nacionalismo. E o atual Colégio Bom Jesus, na década de 1930 Escola Católica Elementar Alemã de Curitiba, foi fundado em 1896, também era dividido em ala brasileira e ala alemã. No entanto, a ala alemã teve que ser fechada em 1938, devido às políticas de nacionalização em voga. Por mais que a ala alemã tivesse sido fechada, havia uma tradição do ensino alemão que atraiu os menonitas (RENK, 2005).

Como informa M. F. (2009), seus dois irmãos foram matriculados no colégio Bom Jesus, porque “lá tinha os padres alemães, da Alemanha”. Ela conta também que lá o ensino da catequese era facultativo, mas mesmo assim os seus irmãos assistiam às aulas. Neste caso, entre se desvincular de um ambiente educativo com resquícios da germanidade ou se aproximar de um ensino protestante, preferiram a manutenção do *Deutschtum*, mesmo porque os preceitos da fé não tinham sido abandonados pelos menonitas, ao contrário, eram reforçados e buscados em outros momentos e práticas pela comunidade, como nos casamentos, batismos, cultos.<sup>39</sup>

Um dos motivos para a ida a estes colégios pode ser a posição que estes estabelecimentos tinham no cenário curitibano da época, pois se identifica num trabalho de 1951, de Dueck, um membro da comunidade, que “estas escolas são as melhores na cidade e mantêm um alto padrão moral e acadêmico” (1951, p. 31).<sup>40</sup>

O conjunto de escolas teuto-brasileiras sofreu graves impactos frente às políticas de nacionalização do ensino no governo de Getúlio Vargas durante o Estado Novo. Campanhas em prol da nacionalização não são inéditas deste contexto, há tempos que os governos, os intelectuais e parte da imprensa brasileira

---

39 Conferir o Capítulo III desta dissertação.

40 “These schools are the best in town und maintain a high moral and academic standard.”

vinham divulgando uma campanha de nacionalização no Brasil. Paiva mostra que já em 1864 no Rio Grande do Sul vigorou uma lei (Lei 579 de 17/05/1864) que “estabelecia uma remuneração especial para os professores que ensinassem português” (2003, p. 108). E em Santa Catarina, o governo vinculava auxílio financeiro para as escolas que ensinassem o vernáculo (Lei 1114 de 30/09/1886). No Paraná, nos Códigos de Ensino de 1915 e 1917, decreto nº 17, art.55, §5, p. 25; art.180-184, p. 57-59, percebe-se prescrições de obrigatoriedade do ensino do português, em escolas nacionais e nas ditas estrangeiras, sob o risco de serem fechadas caso não cumprissem a lei (BERTUCCI, BARBOSA, 2008).

Um exemplo destes conflitos de nacionalidades, anterior ao Estado Novo, é percebido em 1917, em plena Primeira Guerra Mundial, quando um vapor brasileiro é torpedeado por alemães e a população brasileira mostra-se hostil à população de origem alemã, cujas casas e estabelecimentos, em sua maioria, foram apedrejados ou até mesmo fechados, como foi o caso da Deutsche Schule de Curitiba (SOUZA, 2006). Não se pode esquecer que tanto na Primeira quanto na Segunda Guerra Mundial Brasil e Alemanha estavam em lados opostos.

Segundo Paiva “em abril de 1938, com diferença de poucos dias, os estados de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul decretaram a nacionalização do ensino nas escolas particulares” (2003, p. 121). Grande parte das escolas foi fechada e as que não foram perderam muito de suas características de funcionamento, como a Escola Alemã/Colégio Progresso de Curitiba, que em 1938 teve até seu quadro diretor composto por militares (SOUZA, 2002).

Quanto à figura do imigrante, Tucci Carneiro (2003) mostra como primeiramente o imigrante é visto como desejável pelo governo brasileiro, pois confia em seu interesse pelo trabalho e pela integração à pátria brasileira. No entanto, se o imigrante se mostrasse politicamente subversivo, hostil ao trabalho, imoral ou resistente à nacionalização, imediatamente se tornava indesejável, mesmo aqueles imigrantes considerados ideais pelas teorias racistas do século XIX, os brancos europeus. Pode-se acrescentar ao rol dos indesejáveis para compor a “raça” brasileira, aqueles que as mesmas teorias racistas classificavam como inferiores, tais como os negros, judeus, japoneses, chineses, sírios, libaneses e árabes. Entretanto, como lembra Lesser “foram os 400 mil asiáticos, árabes e judeus,



considerados não-brancos e não-pretos, que mais puseram em xeque as ideias da elite sobre a identidade nacional” (2001, p. 25).

Mas, aparentemente, não foram todos que resistiram a assimilação, formando “quistos étnicos” (designação com a qual os descendentes de alemães foram comumente rotulados), como tentam mostrar alguns estudos. Luna (2000) que, a partir de uma pesquisa caracterizada como Historiografia Linguística, defende que o ensino do português para imigrantes alemães na Escola Nova Alemã de Blumenau (1889-1938) foi executado de forma “voluntária” e questiona o fechamento desta escola por motivos de resistência à assimilação. Cabe lembrar que o método usado no ensino do português como língua estrangeira nesta escola apropriou-se do modelo adotado na Alemanha com a reforma do ensino de língua estrangeira ocorrido no final do século XIX. Este ficou conhecido como “Movimento de Reforma do Ensino de Línguas Modernas”, o qual, contrariando os princípios clássicos do ensino de uma língua estrangeira, pautado na gramática formal, objetivou um novo ensino baseado na leitura, oralidade e noções de associação e indução como métodos da aprendizagem.

Como mostram diferentes estudos, outras escolas que também já ensinavam o português, a história e a geografia do Brasil, também foram fechadas. Acreditamos que o fechamento das escolas teuto-brasileiras e outros impactos dos quais foram alvos não esteve apenas relacionado à questão da assimilação desses imigrantes, mas soma-se a isso o peso do contexto mundial tenso devido a Guerra, e os alemães e seus descendentes representariam uma possível ameaça internacional (PERRAZZO, 2003).

É possível acrescentar que as posições tomadas pelo governo brasileiro não foram fortuitas, pois em 1933, e mesmo antes da ascensão do nazismo na Alemanha, são observadas infiltrações ideológicas em escolas teuto-brasileiras (FIORI, 2003). No início dos anos 1930 a *Verein fuer das Deutschum im Ausland-VDA* (Sociedade para os Alemães no Exterior), com o objetivo de evitar a desalemanização, subvencionava escolas teuto-brasileiras e enviava livros para as colônias. Paiva (2003) fala que as atividades da VDA foram um trampolim para as atividades político ideológicas do partido nacional socialista no Brasil.

Grande parte da propaganda nacional socialista foi divulgada por meio de

imagens, temas e idéias constituídas principalmente pelo pensamento *voelkisch*, o qual percebia no idioma o principal critério de reconhecimento de um *Volk* (povo) (PAIVA, 1984). No Brasil, o partido nazista teve apoio de entidades articuladoras, como o Sínodo Rio-grandense, a Federação 25 de Julho, a Liga Nacional de Professores Teuto-Brasileiros, dentre outros. Esta propaganda era feita por meio de filmes, panfletos e livros, estes impressos principalmente pela gráfica Rotermund.

Este tipo de material, aparentemente, não foi vinculado na Escola do Boqueirão, entretanto, é inegável que a instituição foi atingida pelas políticas de nacionalização tal qual as instituições que tinham explícitos vínculos de divulgação da propaganda nazista.

Sem falar nos ideais da Liga Pangermanista, difundidos desde o século XIX que estimulava uma “identidade que concebia um nacionalismo sem território demarcado de limites geográficos, incluindo todos os alemães e seus descendentes como membros de uma comunidade nacional, objetivando a união total do *Deutschum*” (SOUZA, 2006, p.43). Também havia a questão do “perigo alemão”, advindo do desejo de alguns alemães anexarem o sul do Brasil ao Império alemão, usando armas pacíficas como o comércio e a diplomacia. E todos estes pontos favoreceram para a gestão de um clima de hostilidade e desconfiança do governo brasileiro frente aos descendentes de alemães, e conseqüentemente a limitação de seus empreendimentos, tais como foi com o fechamento de suas escolas.

Quanto à política de nacionalização do ensino no Estado Novo, pode-se observar que progressivamente várias medidas foram sendo aplicadas. Neste período exigiu-se legalmente (Dec. 406, art. 41 de 04/05/1938) que professores e diretores de escolas fossem brasileiros natos, possuísem diplomas reconhecidos ou habilitados em estabelecimentos reconhecidos oficialmente, proibiram-se livros didáticos não escritos em português, bem como sua importação e publicação em língua estrangeira, proibiu-se também o ensino da língua estrangeira para menores de 14 anos, intensificou-se o ensino da história e geografia do Brasil, dentre outros dispositivos (KREUTZ, 2000).

No ano de 1948 a Escola do Boqueirão reabriu. Como os professores menonitas, em potencial, não haviam legalizado seus processos de naturalização, mais uma vez os professores contratados eram brasileiros. Tratava-se de Oldemar

Dieter e Afonso Deschamp (figura 11). Quando a escola reabriu, o alemão e a religião eram matérias extras para os alunos e não obrigatórias (J. D., 1994). Isto retrata o quanto estes elementos passam a ter uma importância menor para a identidade do grupo.



FIGURA 11 - TURMAS DO 1º, 2º, 3º, 4º E 5º ANO, PROFESSORES OLDEMAR DIETER E AFONSO DESCHAMP, AGOSTO DE 1949  
FONTE: ARQUIVO PESSOAL

Na imagem, algumas crianças estão vestidas com ternos, trajes estes que provavelmente não fazem parte de seu cotidiano, o que faz pensar que o cenário retratado da imagem não era o regular do dia-a-dia, mas foi planejado e combinado para que ficasse registrado para a posteridade. Outra marca que a imagem representa é a das três crianças na primeira fileira à esquerda, as quais estão trajando guarda-pós brancos. Percebe-se nas vestes uma apropriação de algo que era recorrente nas demais instituições de ensino da cidade de Curitiba no período. No jornal **Gazeta do Povo** são recorrentes as descrições de que os “aventais brancos” ocupavam várias fileiras dos desfiles patrióticos, como os de comemoração do dia da Independência, da Proclamação da República, Dia da Bandeira, ou até

mesmo nas homenagens aos heróis nacionais como Duque de Caxias e o próprio presidente Getúlio Vargas, principalmente em seu aniversário.<sup>41</sup>

O uso dos aventais ou uniformes brancos está intimamente ligado às práticas higienistas que foram aos poucos sendo implantadas nas escolas brasileiras desde décadas anteriores.

Em 1952 uma professora menonita, Alice Friesen Fast, que havia cursado magistério no Colégio Divina Providência, foi contratada. No ano seguinte instalou-se também um Jardim de Infância, regido por uma professora vinculada a comunidade, Helena Hübert Ens. Desta forma, os menonitas foram retomando seu espaço na educação formal escolar de suas crianças. Esta retomada é compreensível, na medida em que os tempos são outros, afinal a guerra havia acabado em 1945, e o combate ao “perigo alemão” não estava mais em voga. Também é observável que estas novas professoras, bem como os outros que as seguiram, são brasileiros natos, os quais não poderiam ser alvo da prescrição legal que proibia professores estrangeiros de lecionar .

Por mais que quisessem insistir no ensino da língua alemã e no ensino de uma doutrina religiosa, outras demandas culturais e econômicas se faziam presentes. Era um apelo ainda maior de integrar estas crianças na sociedade curitibana, onde o ensino da língua portuguesa, da história e da geografia brasileira, além de outros elementos, deveria ser ofertado.

Com este panorama da trajetória da Escola do Boqueirão, pode-se retomar a pergunta feita no começo desta discussão: A escola esteve sempre presente a servir à igreja e comunidade menonita?. Pode-se reafirmar que as coisas não foram como sempre se pensou que fossem, não “foi sempre assim”. Nem sempre os menonitas conseguiram projetar no seu estabelecimento de ensino seus ideais e anseios, nem sempre puderam saudar Hitler ou cantar o hino da Alemanha, nem sempre puderam falar e ensinar ao menos a língua alemã para suas crianças na escola. Mas isto, também não quer dizer que as proibições não foram burladas. Até mesmo o espaço da escola (e não só ele) foi usado pelos menonitas na tentativa de preservação de uma identidade étnica e religiosa.

---

<sup>41</sup>Matérias do jornal **Gazeta do Povo** nas seguintes datas, respectivas às comemorações anunciadas: 09/09/1938; 13/11/1938; 22/08/1941; 19/11/1942 e 16/04/1943.

Estas alternativas são verificáveis quando, contudo, encontra-se no periódico menonita **Bibel und Pflug**, de junho de 1954, as lamentações do educador Fritz Kliewer no que diz respeito a postura do governo brasileiro frente a cultura e a língua alemã nas décadas anteriores. No entanto, é na mesma matéria de tal periódico que Kliewer fala que este foi um período de fortalecimento do uso do dialeto *plattdeutsch* nos eventos da comunidade.

Como nos lembra Certeau “a presença de uma representação [...] não indica de modo algum o que ela é para seus usuários. É ainda necessário analisar a sua manipulação pelos praticantes que não a fabricam” (1994, p.40). Dessa forma as representações das políticas nacionalistas tinham a intenção de exterminar as manifestações estrangeiras, mas o uso/consumo que, em alguns momentos, os menonitas fizeram deste dispositivo foi diferente das intenções do governo. No caso do Decreto-lei nº 383 de 18/04/1938, para exemplificar, que fazia restrições ao uso do idioma alemão, deu-se margem para que os menonitas, ao invés de esforçarem-se para aperfeiçoar o uso do idioma português, utilizassem o *Plattdeutsch*.

A rotina escolar deste período, num espaço que presenciava uma pluralidade incoerente das determinações relacionais, como diria Certeau (1994), permitiu aulas em que uma professora brasileira esforçava-se para ensinar e consequentemente nacionalizar crianças, as quais se confundiam e até divertiam-se neste protótipo de Babel, onde se ouvia *Hochdeutsch* (alemão oficial), *Plattdeutsch* (dialeto alemão-holandês) e português.

E o mais interessante é notar o consumo que se fazia das prescrições legais, quanto à nacionalização do ensino: queria-se a cultura brasileira ensinada por meio da língua portuguesa, mas tinha-se, ao menos num primeiro momento, um cotidiano confuso no qual tanto o nacionalismo brasileiro quanto os costumes menonitas alcançavam os pequenos estrangeiros não de forma linear, mas “com mil maneiras de caça não autorizada” (CERTEAU, 1994, p.38).

No decorrer das diferentes configurações em que a Escola do Boqueirão foi se moldando, constata-se que os ideais da comunidade menonita depositados na instituição escolar passaram por singulares transformações, fazendo adaptações para sobreviver e, ao mesmo tempo, manter os costumes do grupo; costumes entendidos não como simples resquícios do passado (THOMPSON, 1998), mas

como tradições presentes no contexto de inserção desta escola no Brasil do final da primeira metade do século XX. Portanto, ao verificar tantas variações e adaptações que sofreram os ideais menonitas, juntamente com a cultura escolar inerente à sua instituição, pode-se mais uma vez reiterar que “não foi sempre assim”.

### 3. OUTRAS PRÁTICAS: PARA ALÉM DA ESCOLA

A partir de um estudo sócio-histórico, Vincent, Lahire e Thin preocuparam-se em pensar como a escola, com sua forma própria, foi “inventada”; discutiram também sobre como o “modo de socialização escolar se impôs a outros modos de socialização” (2001, p. 11). Os autores colocam que o ineditismo da forma escolar está primeiramente na relação pedagógica que se estabelece entre mestre e aluno, no sentido de que o mestre não é mais um artesão que ensina o fazer, mas sim um intelectual que ensina o saber, num espaço e tempo apropriados, inclusive para crianças pobres.

Os autores apontam que as escolas se formam como espaços específicos, espaços estes que “não são lugares 'profissionais', nem 'religiosos', mas lugares no âmbito dos quais a religião (entre outras coisas) é escolarizada” (2001, p. 28), de forma que tanto a religião, quanto demais condutas e valores, são ensinados conforme a lógica da escola, com saberes e modos específicos de ensinar.

A partir desta análise, percebe-se que a escola é uma instituição que foi criada e sua continuidade sustentada, principalmente, com o propósito de ensinar certos saberes, a partir de uma lógica e relações próprias dessa instituição que historicamente tomou uma “forma” para isso. Forma que conquistou seu espaço e importância para as sociedades e grupos que incorporaram esta instituição.

Mas o que fazer quando este tipo de instituição está ausente? Que outras instituições e práticas, que permeiam a cultura de um grupo, podem ser úteis para um grupo que deseja ensinar e preservar preceitos, valores, condutas que são tão caros ao seu modo de ser, à sua identidade, e no caso dos menonitas ao seu *Mennonitenum*?

A resposta para esta pergunta permeará o tema deste terceiro capítulo, que buscará nas festas, nas cerimônias religiosas, na música, nos periódicos, nas leituras, na língua, no cotidiano deste núcleo menonita, práticas educativas que intentavam preservar uma identidade alimentada por séculos, mas nem por isso estática, pois como será visto os processos de identificação são como jogos, e suas cartas são dadas conforme as conveniências, tramas de poderes em voga e a

vivência cotidiana das pessoas.

Dueck (1951), que viveu entre 1937 e 1946 entre os menonitas do Boqueirão, relata que os membros do grupo tinham o costume de se visitarem nos finais de tarde, aos domingos, para relembrem os bons tempos, provavelmente os tempos prósperos na Rússia. Também relembram que se sentiam fora de lugar, no novo país, e o quanto era penoso para eles se ajustarem a nova realidade, principalmente a língua.

Em meio ao clima subtropical, os jovens adquiriram o costume de fazer piqueniques nos domingos propícios. No "dia do Senhor" aproveitavam para conversar, cultuar e também descansar da fadiga da semana ocupada com a produção e venda do leite, além dos outros afazeres domésticos. Mas, eventualmente, esta rotina era mesclada com práticas que mobilizavam a participação comunitária de todos os membros (DUECK, 1951).

### 3.1 CASAMENTOS E FESTAS

“Há muito tempo atrás, os casamentos eram mais fechados [...] era menonita com menonita, então você já conhecia o [noivo] praticamente de várias gerações” (E.E, 2009). Como se pode inferir da fala do entrevistado, quanto aos casamentos, a tendência entre os menonitas era a de escolher os parceiros entre os próprios membros da comunidade. Mas a prática da endogamia não era uma realidade somente entre os menonitas. Os membros das primeiras gerações de diferentes grupos de imigrantes assim o fazem, pois não estão acostumadas com a cultura (especialmente língua e costumes) do povo hospedeiro, o que dificulta os primeiros relacionamentos interétnicos (GREEN, 2006).

Em seu estudo sobre a comunidade luterana alemã em Curitiba, Nadalin (1974) diagnosticou que entre as primeiras gerações de imigrantes (de 1870 a 1939) o índice de casamentos endogâmicos era superior a 80% e que somente nos anos posteriores a 1940 este índice começou a diminuir. Ao se considerar o casamento interétnico como um elemento importante de socialização e integração, percebe-se



que entre os menonitas a expectativa do grupo também tendeu à endogamia, pelo menos entre as primeiras gerações, e a escolha de um cônjuge fora do grupo era motivo de tensões e conflitos.

Entre os menonitas do Boqueirão, após a decisão dos noivos pelo casamento toda a comunidade era convidada. Os convites atendiam a uma distribuição sistemática, para que todos tomassem conhecimento do evento a ser realizado. Rua por rua, o convite era acompanhado de uma lista com a relação das famílias que ali moravam. Assim, o convite/lista, que chamavam de “carta”, passava de casa em casa, como M. F. (2009) relata:

[o convite era] um tipo [de] uma carta, aqui dizia o nome dos pais, dos noivos e daí tinha todos os nomes da colônia ali. É [...] aqui no Boqueirão, naquela rua ali do Strobel ia só uma carta (...) você levava pro teu vizinho e assim ia toda a rua. Xaxim tinha outra [...] e você tinha que levar pro teu vizinho que o nome tinha ali, então você levava ali e ele levava pra adiante. É, cada um assinava que já foi ali, assim foi.

Nos primeiros anos dos menonitas no Paraná, o vínculo com a comunidade de Santa Catarina se evidenciava de diversas maneiras, e foram muitas as vezes que alguns convites de casamento em Curitiba chegaram a alguns menonitas de lá. Como se percebe na matéria do **Die Brücke** intitulada "Casamento em Curitiba", na qual há um comunicado de que um convite de casamento fora enviado da capital paranaense para Santa Catarina, mas que chegou atrasado. Tratava-se do casamento de Jakob Goerz com Käte Goertz (figura 12), e como brincou o escritor da matéria, a noiva nem perdeu o sobrenome, quer dizer, só bastou tirar o "t" de Goertz para que ela se tornasse Goerz. Lê-se na matéria que quase todas as famílias menonitas do Boqueirão compareceram ao casamento, mas devido ao atraso do convite solicitou-se que na próxima festividade mandem o convite a tempo para Santa Catarina (**Die Brücke**, set. 1936, p. 8).



FIGURA 12 - CASAMENTO MENONITA, JAKOB GOERZ E KÄTE GOERTZ, 1936  
 FONTE: ASSOCIAÇÃO CULTURAL MENONITA

Após o convite para a cerimônia ter sido formalizado, ainda havia algumas práticas que antecediam o grande dia e que envolviam a comunidade toda. Primeiramente para o preparativo da festa, vários vizinhos levavam até a casa da noiva os ingredientes necessários, a massa de bolos,ucas, bolachinhas, *Zwiebacks*, que seriam servidos no café após a cerimônia religiosa. Geralmente um dia antes do casamento, os noivos distribuíam essas massas em algumas casas que haviam se comprometido a assar o que fosse necessário para a festa. Sobre o tema, H. E. (2009) relata:

A massa geralmente era distribuída na sexta-feira, antes do almoço [...] bem de manhã que era preparada a massa na casa da noiva, e também os ingredientes da massa eram trazidos pelas pessoas, uma trazia azeite, outra trazia ovos, outra trazia manteiga, outro trazia

farinha [...] então [...] trazia pra casa da noiva e lá que era preparada a massa e a massa daí ia pra casa das pessoas com quem já estava combinado anteriormente. Daí à tardezinha [...] era recolhido os *Zwiebacks*. E as bolachinhas, na casa da noiva já eram feitas semanas antes, porque eram bolachinhas guardadas em tipo de lata [...] bem fechadinhas e que não estragavam.



FIGURA 13 - ZWIEBACK  
FONTE: ARQUIVO PESSOAL

Para Santos, a alimentação diz muito sobre a cultura dos indivíduos, pois a prática alimentar é uma prática social e por isso “constitui atitudes ligadas aos usos, costumes, protocolos, condutas e situações” (2005, p. 12) dos homens. Sobre a culinária menonita, algumas observações podem ser feitas quanto ao significado e a ressignificação que alguns pratos tiveram dependendo do contexto no qual o grupo estava inserido.

O *Borsch*, por exemplo, uma sopa a base de repolho e outros legumes, foi incorporado à cultura menonita quando de sua mudança para o leste europeu, onde esse prato também tem ocorrência em outros grupos, como ucranianos, poloneses, romenos, russos. No Brasil, o prato caracterizou-se como um dos pratos típicos dos menonitas (DUECK, 1951), que o utilizavam tanto no cotidiano quanto em momentos

festivos. Também trazidas pelos menonitas da Rússia eram as cucas, bolos que lá eram preparados com ameixa ou uva passa cobertos com farofa doce, mas que no Brasil sofreram inovações, como o acréscimo ou substituição de ingredientes típicos do Brasil, como o coco ralado. (M. F., 2009).

Outro alimento típico dos menonitas são os pãezinhos *Zwiebacks*, duas bolinhas de massas unidas e assadas (figura 13), que segundo os menonitas preservam o seguinte significado: “como esses dois são unidos, assim os menonitas devem ser unidos” (SULTIL, 1995, p. 78). Era o ideal da unidade de grupo, da manutenção de sua identidade, materializada no alimento, forma cotidiana e permanente de educação. Elemento significativo mesmo considerando que o lugar e propósitos de criação do *Zwieback* sejam outros. As origens são apontadas para o território holandês, especialmente na região dos portos, onde este pão servia para a provisão dos navios (VOTH, 1990). Sobre o assunto, Hobsbawm e Ranger (1997) lembram que tradições são inventadas conforme as necessidades do contexto e, nos momentos em que o grupo menonita buscou elementos importantes para sua coesão, aquele alimento ocupou lugar importante, simbolizando, e ensinando, a união.

A ajuda que mobilizava a comunidade para a realização do casamento era algo que reforçava os elementos de união e solidariedade presentes na identidade do grupo, mas a preservação desse traço identitário pode ser entendida pelo contexto no qual viviam e a situação de reconstrução pela qual passavam as famílias menonitas naquele período. Sobre isso M. F. (2009) relembra que:

o leite pro café todo mundo levava, levava o leite junto [...] todo mundo ajudava as pessoas, daí podia fazer a festa senão ninguém podia, porque tinha tanta dívida né, de pagar primeiro o terreno e as vacas, tudo o que você tinha que comprar e a comida das famílias, eram grandes naquela época [...] todo mundo ajudava, então não tinha problemas (risos). E [...] assim foram todos acostumados, muito íntima[o], muito bonita[o].

Além do preparativo dos alimentos que eram servidos na festa de casamento, os menonitas tinham o costume de realizar na noite de véspera do casamento: o *Polterabend*. Esta comemoração era uma espécie de ‘despedida de solteiros’, que consistia no encontro de alguns convidados, jovens em sua maioria,

que ofertavam presentes ao futuro casal em meio a algumas brincadeiras. A este respeito, E. E. (2009) relata que o *Polterabend* era "uma noite em que os noivos chegavam iam a frente e recebiam os presentes de todos os convidados e daí haviam [sic] apresentações teatrais, muitas vezes bastante humorísticas e daí se seguiam a atividade dos jovens, a atividade social". Dueck (1951) acrescenta que nesse evento também eram recitadas músicas religiosas.

Pelos relatos colhidos (E. E., 2009; H. E., 2009; M. F., 2009) os casamentos aconteciam, na maioria das vezes, aos sábados à tarde, entre 14:00 e 14:30 horas. A cerimônia religiosa, nos primeiros anos, foi realizada no mesmo espaço da escola, e depois de 1946, com a construção da capela de alvenaria, os casamentos tiveram um novo local de realização. Toda a organização do festejo ficava a cargo dos jovens da Igreja, que ia da decoração do local até o servir as mesas.

A construção da escola, em 1936, facilitou a organização desses eventos, pois antes não havia um lugar apropriado para que os menonitas realizassem seus casamentos, há até o relato do casamento de Franz Goossen com Aganetha Wiebe, que foi comemorado na própria casa da família (WIENS, J., 1980). Mas, os locais das cerimônias e das festas variavam. Algumas vezes a mesa da comemoração do casamento era arrumada ao ar livre (figura 14) e, em outras ocasiões, o mesmo edifício no qual havia sido realizada a cerimônia religiosa servia para a reunião festiva, como lembra M. F. (2009):

Olha como era: o mesmo salão onde era o casamento, também depois tinha o café. [...] Os jovens ajudavam a tirar todas as cadeiras, colocaram as mesas e tudo foi feito naquela tarde [...]. Duas horas começava a festa, então primeiro era a cerimônia religiosa, depois tiravam todas as cadeiras, os bancos, daí foram colocados as mesas, as xícaras tudo e as mulheres tinham 4, 5 [delas] [...] já falavam antes que ia ajudar né, colocaram os doces tudo, o leite [...] depois serviram o café.



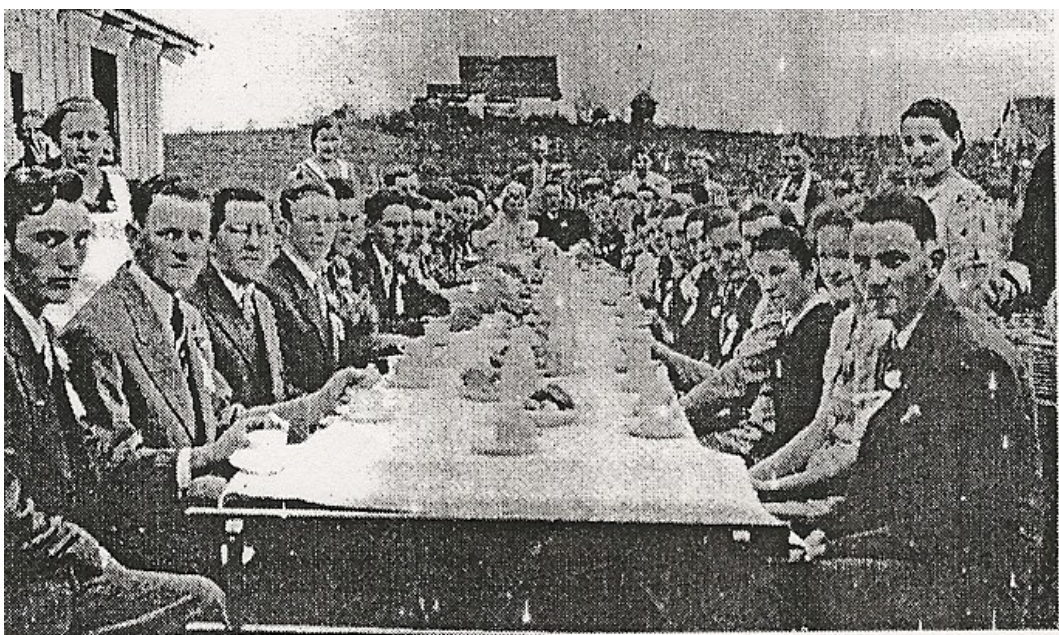


FIGURA 14 - FESTEJOS DO CASAMENTO DE BERNHARD E SUSANNA FRIESEN - 1944

FONTE: **BIBEL UND PFLUG**, MAIO DE 2001, p. 01.

NOTA: Atenção para os jovens ao redor da mesa (montada ao lado da escola), provavelmente para servir os convidados e, ao fundo, as novas construções que surgiam.

M. F. (2009) também conta que nos dias de casamento, as crianças comiam antes dos adultos e depois ficavam sob os cuidados de uma moça que as entretinha com brincadeiras de roda, dentre outras. Após a festa, muitos dos convidados iam para suas casas para poder tirar o leite das vacas, mas no fim do dia, vários jovens voltavam ao local da festa para se distraírem com brincadeiras, músicas e danças, como relata H. E. (2009):

O café, nos casamentos, geralmente era lá pelas quatro, quatro e meia [...] Então até lá o programa na igreja [...] já havia terminado, mas daí [...] a maioria dos jovens tinha que ir pra casa pra tirar leite e ajudar em casa [...] E os noivos, então, estavam de folga né (risos) daí podiam ficar por aí. Mas aí à noite de novo a turma se reunia. Principalmente os jovens [...], mas [também] casados, parentes se reuniam na igreja [...] aí era tirado oficialmente a grinalda e [...] a florzinha na [...] lapela. E daí oficialmente agora eram casados mesmos, e agora não tinha volta. [...] Muitos assim programinhas que faziam... E era cantado muito, e depois [...] ainda distribuíam-se bolachinhas e café [para] quem queria [...] já tinha a parte social, as brincadeiras e se cantava muito os hinos folclóricos alemães, da Alemanha daquela época. Era muito interessante! Todos os jovens conheciam e sabiam praticamente de cor todos os cânticos folclóricos.

Café e bolachinhas, cantos e brincadeiras, grinalda e flor na lapela. Festejar o casamento era festejar a tradição, manter a identidade, o que também evidenciava o quanto esta identidade compartilhava gostos e costumes de diversos grupos e lugares, como a preferência pelo café (com leite), arraigada entre brasileiros, e o uso de grinalda, pelas noivas, e da flor na lapela, pelo noivo e convidados<sup>42</sup> (figura 15), moda que acompanhou a transformação nos trajes femininos e masculinos na Europa do século XIX, e que se generalizara no Brasil desde o final do Oitocentos. (SOUZA, 1987; PERROT, 1991, p.132-138; MARTIN-FURGIER, 1991, p. 235-248).



FIGURA 15 - CASAMENTO MENONITA, [194-]  
FONTE: ACERVO PESSOAL

Entre os menonitas do Boqueirão, o casamento ainda possibilitava momentos de descontração, que se evidenciavam nas brincadeiras e danças. Na fotografia acima, da década de 1940, dois jovens são flagrados fazendo gracejos

---

<sup>42</sup>A flor na lapela passou a compor o traje masculino, que havia se tornado extremamente austero, também em outras ocasiões especiais. (SOUZA, 1987, p. 191; MARTIN-FURGIER, 1991, p. 210).

com os dedos sobre as cabeças de outros dois convidados. Quanto às danças, M. F. (2009) afirma que, ao som de cantigas folclóricas germânicas, os casais davam as mãos, formando um túnel pelo qual outros casais passavam por baixo, refazendo o túnel. Assim, não só o religioso estava presente na cerimônia de casamento, mas outros elementos culturais, que serviam de grande incentivo e reforço à identidade desses imigrantes.

Mas, ao longo dos anos, nem sempre estas festas foram alegrias. Depois da proibição do idioma alemão, havia fiscalização por parte das autoridades na comunidade e situações desagradáveis ocorreram. K. E. (2001) conta:

Houve uma ocasião em que festejávamos um casamento, de noite, a polícia apareceu e nós não podíamos falar nada em alemão e na comunidade nada de alemão e nós não sabíamos nada de língua portuguesa. E então os pregadores pegavam um livro e liam em português, o dirigente escrevia alguns hinos em português, mas não sabíamos português.

Após o casamento, os noivos deveriam construir juntos uma nova vida, uma nova rotina. Mas o que se esperava de cada um nesse recomeço? O esposo, provavelmente continuaria com o trabalho de cuidar do gado e comercializar o leite, enquanto a esposa, além de ajudar com a produção do leite, ficaria no lar cumprindo tarefas com o cuidado da casa e dos filhos. Como relembra M. F. (2009), sua mãe costurava para a família, assava o pão, lavava a roupa da família e plantava verduras na horta. Na edição do **Die Brücke** de janeiro/fevereiro de 1934, há a notícia de que nas hortas caseiras do Boqueirão plantavam-se milho, aipim e batata.

Dessa forma, nos casamentos menonitas estavam presentes, no intento de se reforçar o *Mennonitentum*, vários dos elementos constituintes desta identidade, tais como unidade, solidariedade, bem como a escolha de um par de dentro da comunidade, para se preservar a suposta germanidade do grupo, pois nos ideais dessa comunidade a fé menonita só se preservaria entre pares da mesma fé. No início do século XXI, observando mudanças em sua comunidade, uma menonita afirmou: "[os] casamentos mistos é que afastaram nossos filhos da nossa fé" (M. M. F., 2001).

Momento de festa, mas também momento de reforçar a importância do casamento entre pessoas da mesma fé, os festejos de bodas de prata (25 anos de



casados) e ouro (50 anos de casados) eram recorrentes entre os menonitas de diferentes localidades. Wiens (1980) relata que pouco antes da primeira família menonita comprar suas terras no Boqueirão, o casal Jakob e Katharina Goossen comemorou, em 5 de fevereiro de 1934, no bairro do Bacacheri, suas bodas de prata. Sobre este episódio, o **Die Brücke** relata que no festejo estiveram presentes 50 menonitas. Na comemoração Jakob Goossen proferiu um discurso, no qual relembrou os tempos prósperos na Rússia, em que os casamentos eram comemorados com 500 convidados, mas mesmo envolto na nostalgia finalizou seu discurso agradecendo por estar com saúde e junto de seus irmãos de fé. (**Die Brücke**, mar/abril, 1934, p. 10)



FIGURA 16 - ANA E JAKOB SIEMENS (BODAS DE OURO) E BERTHA E PETER KLASSEN (BODAS DE PRATA), 1939  
FONTE: PAULS JUNIOR, 1980

No Boqueirão, uma fotografia de 1939 (figura 16) registrou o festejo duplo, no qual se comemorou as bodas de ouro do casal Jakob e Anna Siemens e as bodas de prata de Bertha e Peter Klassen. Wiens (1980, p. 196) afirma que o casal Siemens foi, entre os menonitas, o primeiro a comemorar as bodas de ouro no

Brasil.

O interessante desses eventos é que ao mesmo tempo em que traduziam ajustes ao novo contexto e a nova realidade, como a alarmante queda no número de convidados para os festejos, de 500 para 50 no caso do casal Goossen, a lembrança dos tempos prósperos na Rússia, onde provavelmente, banquetes ao invés de simples cafés eram servidos aos convidados. Também nota-se na imagem das bodas acima (figura 16) que as mulheres possuem um arco de flores na cabeça. Adorno que pode ser identificado em diferentes grupos de imigrantes que chegaram no Brasil a partir do final do século XIX, o arco de flores poderia lembrar uma Europa rural.

Sobre outra festa, religiosa, antes da construção dos templos, e por isso realizada na casa de um dos moradores do Boqueirão, J. D. (1994) conta sobre a comemoração de um Natal comunitário. Esta se realizou na casa dos primeiros moradores do bairro, a família Goossen, que reuniu todos os membros da comunidade menonita de Curitiba em sua casa para festejarem o nascimento de Cristo.

Após a construção do novo templo em 1946, a comunidade desfrutou de outros espaços para realizar suas comemorações e festividades. A fotografia de 1948 (figura 17) registra um evento comemorativo de um dia dedicado às crianças na comunidade, a lente do fotógrafo captou a participação de centenas delas. Sobre o evento, J. D. (1994) relata que era costume ter nestes dias excursões ou mesmo programações nas quais as crianças faziam apresentações que eram assistidas pelos pais e pelos demais membros da comunidade. A imagem do final da década de 1940 corrobora este dado, pois é perceptível que dentre as crianças estão presentes também muitos adultos.





FIGURA 17 - DIA DAS CRIANÇAS NO BOQUEIRÃO – 1948  
FONTE: ASSOCIAÇÃO CULTURAL MENONITA

Sobre a festa das crianças realizada no Boqueirão no ano de 1948, revelando a existência de significativo contato entre menonitas de diferentes partes do mundo, foi encontrado um relato na edição de dezembro no periódico canadense **Mennonitische Rundschau** (Revista Menonita). O periódico registra que ela foi celebrada no domingo, dia 14 de novembro de 1948, e a organização do evento ficou a cargo dos professores de escola dominical. Segundo o jornal canadense, além das crianças da comunidade, estavam presentes filhos de moradores da vizinhança e crianças de um lar infantil, não nomeado. Informa-se que se tratava de uma instituição mantida pela Igreja dos Irmãos Menonitas norte-americana, o que explicaria a grande quantidade de crianças na fotografia da festa. Seriam aproximadamente 300 crianças reunidas na igreja do Boqueirão.

A festa começou com a canção *Laßt die Herzen immer fröhlich* (Deixe sempre alegre o coração). Depois disso a programação passou a ser alternada entre cânticos e declamações de poesia. O jornal reforça, provavelmente para dar

destaque às obras de boa ação do grupo menonita, que as crianças que mais ficaram contentes foram as do orfanato e acrescenta que elas cantaram com entusiasmo a canção *Gott ist die Liebe* (Deus é amor), canção do século XIX de autoria do alemão e pastor luterano August Dietrich Rische. Também foram cantadas algumas canções em português, provavelmente por causa da presença de crianças de fora da comunidade, o que também sinaliza a busca de integração com a nova terra. O tradicional e o contato com o novo se misturam na comemoração que reforça a identidade do grupo.

Depois dessa programação, as crianças foram até a cozinha da igreja e lancharam. Por fim, elas puderam brincar livremente, correndo e pulando pelo espaço (figura 18), o que, segundo a matéria, divertiu tanto as crianças quanto os expectadores.



FIGURA 18 - FESTA DA CRIANÇA NO BOQUEIRÃO - 1948  
FONTE: ASSOCIAÇÃO CULTURAL MENONITA.

### 3.2 MÚSICA

Segundo Dück (2006) e Neufeld (1961), no ano de 1937 Franz Hübert, que atuava como professor na Escola do Boqueirão, organizou um coral na comunidade e o mesmo passou a ser dirigido por David Töws no período de 1938 até 1942. Entretanto, a matéria do **Die Brücke** de abril de 1936, sobre a inauguração da Escola do Boqueirão, informa que David Towes<sup>43</sup> era o supervisor do coro que se apresentou durante a festa, indício que mesmo antes de Hübert formalizar um coral já existiam algumas manifestações anteriores que colaboraram para tal organização.

Neufeld (1961) relata que as canções eram ensaiadas no sistema de cifras – *Ziffernsystem* (figura 19), prática trazida da Europa, em que a leitura de partituras não consistia na decodificação de notas musicais, mas sim de números, onde cada número correspondia a uma nota musical.

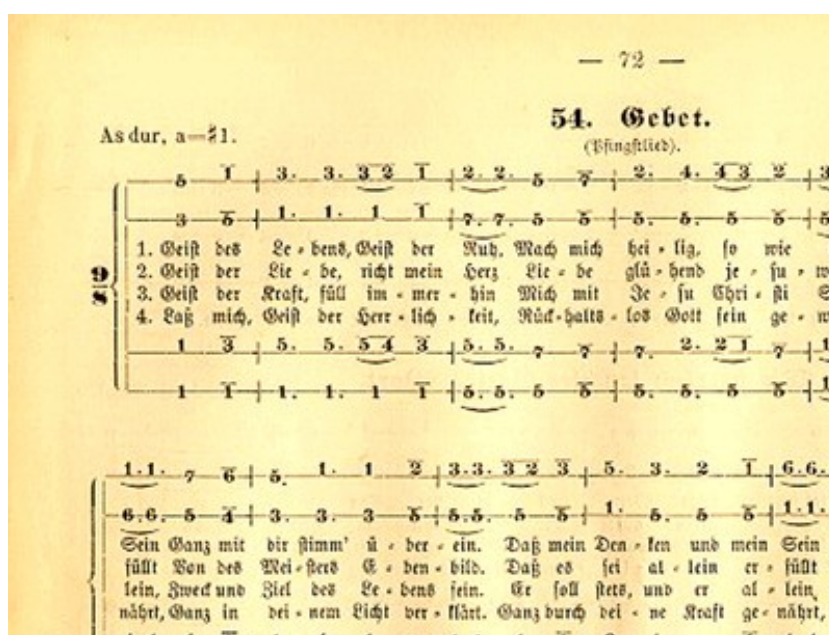


FIGURA 19 - SISTEMA DE CIFRAS (ZIFFERNSYSTEM)

FONTE: GLOBAL ANABAPTIST MENNONITE ENCYCLOPEDIA ONLINE

A partir do relato de Classen (1961), pode-se observar que muitas das

43O indicativo de que David Töws e David Towes correspondem à mesma pessoa está nas recorrentes confusões de grafia dos nomes menonitas no Brasil, dessa forma encontramos as grafias Neufel e Neufeld, Dück e Dueck, os quais fazem referência aos mesmos nomes no original.



músicas ensaiadas neste período eram as mesmas cantadas há gerações, como as *Geistlichen Liedern* (canções espirituais) que foram editadas em Hamburgo no ano de 1681 por Georg Rebenlein, ou mesmo a canção *O heiliger Geist, kehre bei uns ein* (Oh Santo Espírito, faz morada em nós), música que remonta aos anos de 1659 em Lüneburg, dentre muitas outras canções centenárias.

Em 1942 um novo coral, para jovens a partir dos 12 anos, foi organizado por Johann Neufeld. Para as apresentações do coral, organizado em meio à tensão desencadeada pela Segunda Guerra Mundial, H. F. (2001) conta que Neufeld traduzira músicas do alemão para o *Plattdeutsch*, e, provavelmente, também eram ensaiadas músicas em português, pois, nesse período, algumas cerimônias religiosas começaram a ser realizadas na língua nativa devido a fiscalização governamental que proibia o alemão.



FIGURA 20 - FESTIVAL DE CORAIS MENONITAS NO BOQUEIRÃO – 1948  
FONTE: ASSOCIAÇÃO CULTURAL MENONITA

O Festival de Corais Menonitas, que aconteceu em Curitiba em 1948 (figuras

20 e 21), testemunha o quanto a música e o canto eram importantes para a religiosidade menonita, além disso, é possível considerar que, naqueles tempos de pós-guerra, com vários grupos reunidos e se apresentando nas comunidades irmãs, em diferentes localidades, alguns canções também fossem entoadas em português. Observando a fotografia do Festival de Corais no Boqueirão, como se tratava de um festival de corais, no plural, deduz-se que não só o coral do Boqueirão estava compondo as mais de cem pessoas que o fotógrafo captou (figura 20).



FIGURA 21 - FESTIVAL DE CORAIS MENONITAS NA VILA GUAIRA – 1948.  
FONTE: ASSOCIAÇÃO CULTURAL MENONITA

Assim como já foi percebido nos jornais **Die Brücke** e **Die Neue Brücke**, que traduziam uma troca de informações e, dessa forma, a incessante interação entre diversas colônias menonitas, aqui também estão interagindo membros de lugares diferentes, o que nos leva a concluir que a união preservada pelos

menonitas não é só aquela entre os seus pares próximos, como acontecia nos casamentos, mas sim entre todos aqueles que possuem o *Mennonitentum* como elemento constitutivo de sua identidade.

Sem entrar numa análise hermenêutica dos conteúdos das músicas, o mais importante de se ressaltar é que a prática de se ensaiar músicas alemãs, em alemão, ou mesmo com suas palavras traduzidas para o *Plattdeutsch* ou o português as quais eram cantadas por séculos pelos menonitas, ressalta um importante fator de preservação de elementos intrínsecos à identidade desse grupo. E dessa forma, mesmo sem uma disciplina escolarizada que ensinasse a teoria e a prática da música, os menonitas tiveram na organização convencional de um coral a possibilidade de aprender e praticar este saber.

### 3.3 CULTOS

Antes da construção da escola, cujo prédio também servia para realização de atividades religiosas, os menonitas faziam cultos nas próprias casas, mas também participavam, esporadicamente, de cultos na Igreja do Cristianismo Decidido (figura 22), no distante bairro do São Francisco, onde chegavam após longa viagem, de aproximadamente 15 quilômetros. Segundo M. F. (2001), as pessoas partiam, muitas vezes a pé, até o asilo Nossa Senhora da Luz e dali pegavam o bonde até a igreja, ou iam de charretes, as mesmas que serviam para a venda do leite. M. F. (2001) trata que a igreja era formada por descendentes de alemães que estavam antes dos menonitas em Curitiba e os cultos eram em português, o que possibilitou que muitos menonitas do Boqueirão aprendessem hinos na língua nativa. O jornal **Die Brücke**, de janeiro/fevereiro de 1934, relata que principalmente as moças que estavam trabalhando no centro da cidade iam uma ou duas vezes por semana nessa igreja, pois esta tinha uma doutrina muito próxima da dos menonitas, tinham cultos em alemão, além do português.





FIGURA 22 - GRUPO DE PESSOAS APÓS CULTO NA IGREJA DO CRISTIANISMO DECIDIDO  
FONTE: PAULS JUNIOR, 1980

Os cultos domésticos, da mesma forma, foram bem recorrentes entre os menonitas, tanto antes da construção do edifício de madeira que seria a igreja, quanto depois quando o uso do idioma alemão foi proibido. Nestas reuniões eram os próprios membros da família que se reuniam para uma cerimônia simples, que por vezes tinha a participação de outras pessoas mais próximas. Como lembra M. F. (2009):

meu pai tinha um outro irmão aqui que morava aqui perto, então, eles se reuniam na casa do meu pai, a mãe dele também morava junto com a gente [...] já era com mais idade [...]. Um outro casal ia com a família deles, nós tivemos um casal aqui que não tinha ninguém, só o casal, e participava sempre com a nossa família dos meus pais [...] participavam tudo junto.

Em 1942, com a guerra e a proibição do uso da língua alemã, durante cerca de seis meses a comunidade não celebrou seus cultos. Sobre esta proibição, foi encontrada no jornal **Diário da Tarde**, de 29 de janeiro de 1942, a matéria “A atividade dos estrangeiros”. Esta discorria sobre uma portaria que havia sido

promulgada, na qual o chefe de Polícia do Estado, Fausto Bitencourt, “consubstanciou uma série de medidas destinadas a repressão enérgica das atividades dos estrangeiros” no Paraná. Dentre as medidas estavam “a proibição de reuniões dos estrangeiros em casas particulares, a título de comemorações em caráter privado; a discussão ou troca de ideias em lugar público, sobre o momento internacional e o uso do idioma das três nações inimigas em lugar público” (p.01). Como a prescrição limitava o uso do idioma somente em espaços públicos, os menonitas aproveitaram para realizarem cultos domésticos (que não podiam ser considerados “comemorações”), ainda que sem muito alarde ou grande número de participantes. Foi nesse período que os menonitas começaram a arriscar pregações em português.

Mas, como relata Dueck (1951), no ano 1943 os menonitas, após fazerem um pedido ao governo, tiveram liberação para realizar seus cultos em *Plattdeutsch* e, na Páscoa de 1944 começaram a celebrar os cultos em dialeto. Entretanto, ao contrário do alemão, o *Plattdeutsch* não era tão fluente entre os membros da comunidade. Dück (2006) em sua autobiografia conta que em um culto de domingo, a pregação, em *Plattdeutsch*, apoiava-se na parábola das dez virgens que pegaram suas candeias e foram ao encontro do noivo. Cinco delas levaram óleo para abastecer as candeias e as outras cinco não. Como o noivo demorou todas adormeceram. No meio da noite o noivo chegou e as cinco moças que não tinham levado o óleo foram em busca do combustível e acabaram não fazendo parte do banquete nupcial. Terminada a pregação em *Plattdeutsch* um menino informa que havia entendido que o noivo foi quem chegou atrasado e encontrou todos os convidados dormindo. Mas o uso do *Plattdeutsch*, e não do português, significava manter a identidade do grupo, seu passado alemão-holandês e russo, e em pouco tempo o dialeto se tornou mais fluente entre os moradores do Boqueirão.

Dueck (1951) relata que a escolha dos ministros para os cargos da igreja era feita por votação e os pretendentes deveriam demonstrar interesse, habilidade e boa dicção para pregar. Os escolhidos faziam parte do conselho da Igreja, órgão responsável por tomar as principais decisões religiosas da comunidade (figura 23). Este dado mostra que os menonitas queriam se mostrar unidos e solidários, mas não iguais, pois há aqui a presença de uma hierarquia no grupo, que é ao mesmo



tempo diferenciação. Isto mostra que a identidade de um grupo não é formada na homogeneidade, mas a partir das próprias diferenciações internas.

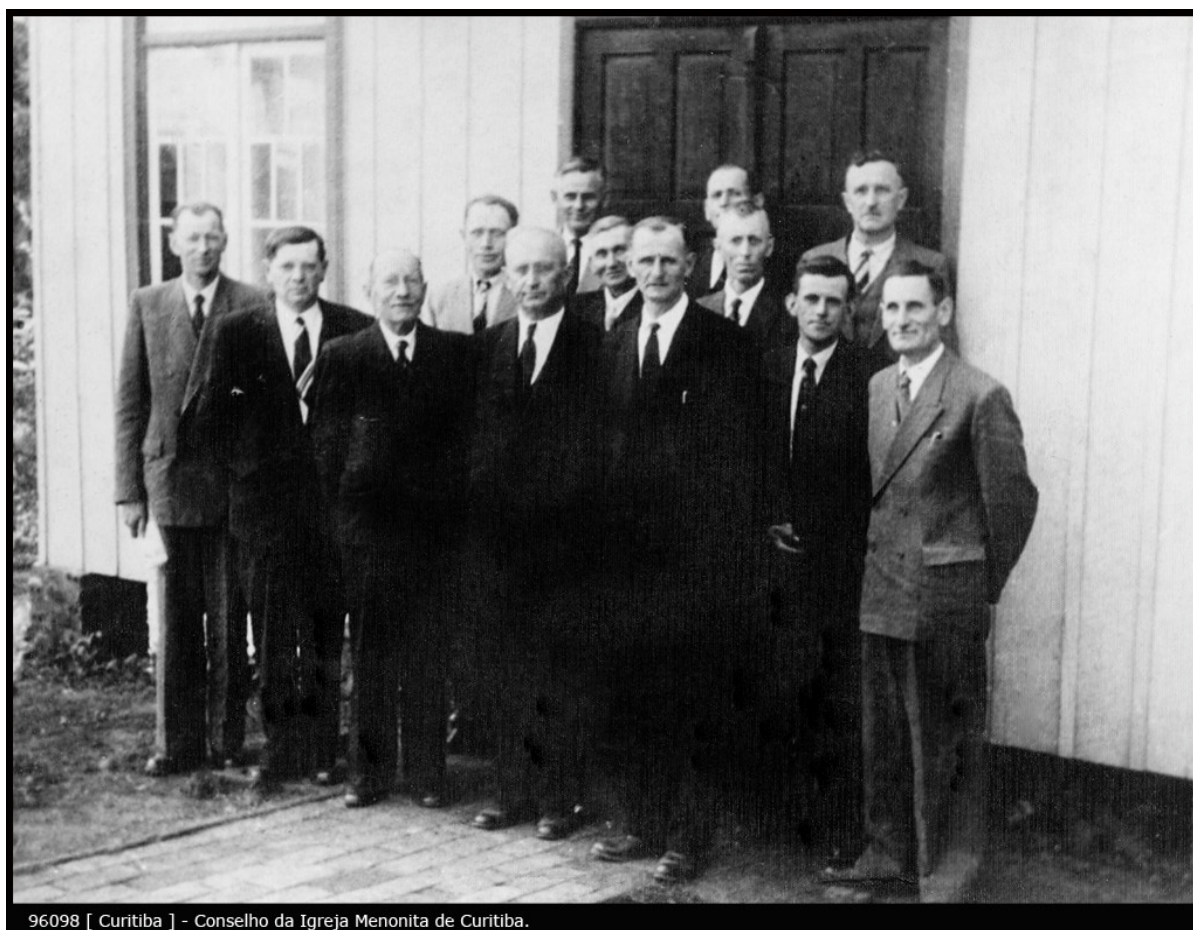


FIGURA 23 - CONSELHO DA IGREJA MENONITA DE CURITIBA [194?]  
FONTE: ASSOCIAÇÃO CULTURAL MENONITA.

O templo de alvenaria foi inaugurado em 07 de dezembro de 1946, com as medidas de 12X20 metros, e nesse período a congregação ficou sob a direção do pastor Peter Klassen (DÜCK, 2006). Na fachada da construção pode-se observar a inscrição, em alto relevo, "Igreja dos Mennonitos" (figura 20). O próprio escrito revela o quanto os menonitas ainda estavam se adaptando à nova terra e, no caso do idioma aqui falado, o termo "Mennonitos" gera um contraste de gênero com o termo "Mennonitas", o qual acabou sendo mais recorrentemente adotado para denominar este grupo.

E a questão do idioma já preocupava os menonitas na década anterior. O

alemão, "idioma sagrado" como aparece no **Die Brücke** de junho de 1936, já era lamentado como um idioma a ser esquecido, antes mesmo de ser proibido em 1938. Nessa matéria, o autor escreve sobre as primeiras levas de imigrantes alemães que vieram para o Brasil e que depois de alguns anos de integração, apesar de terem os cabelos loiros e os olhos azuis, ou até mesmo os jardins floridos como era recorrente entre as famílias germânicas, ao se cumprimentarem na rua, o faziam em português e ainda faziam piadas com o dialeto alemão *Hunsrück*.<sup>44</sup> A esperança do escritor, para a preservação do alemão, estava depositada no interior das casas que ainda tinham uma Bíblia ou um livro de cânticos em alemão.

No mesmo ano em que o templo de alvenaria foi inaugurado, 1946, o Comitê Central Menonita, nos Estados Unidos, enviou o pastor Siebel para prestar serviços à comunidade de Curitiba. (**Mennonitische Rundschau**, dez. 1948) Este missionário na América do Norte pertencia à Igreja dos Irmãos Menonitas, mas no Boqueirão trabalhava também com os membros da Igreja Menonita, visto que as duas ramificações trabalharam juntas no bairro até a década de 1970 quando resolveram construir seus próprios templos.<sup>45</sup>

A presença deste missionário, assim como de outros religiosos, contribuiu para o incremento de um importante local de ensino entre os menonitas: a escola dominical. Especificamente, Siebel trabalhou mais com os jovens do Boqueirão, os quais, segundo o periódico **Mennonitische Rundschau** (dez. 1948), iam de boa vontade para as reuniões dirigidas por ele. Mas, além do trabalho com os jovens, Siebel também dedicava pelo menos meia hora das tardes de domingo para ensaiar canções de adoração com as crianças da comunidade.

---

44 O *Hunsrück* ou *Hunsrückisch* é o dialeto falado na região do Hunsrück, oeste da Alemanha, e foi trazido pelos alemães que de lá vieram para o Brasil (DAMKE, 2006).

45 A divisão do grupo em Menonitas e Irmãos Menonitas ocorreu no século XVIII, quando a partir de contatos com grupos pietistas, alguns membros menonitas passaram a promover encontros domiciliares para oração e leitura da Bíblia. Por chamarem uns aos outros de irmãos, ficaram conhecidos como tal. No entanto, a Igreja Menonita foi contrária a estes encontros fora do momento de culto oficial. Depois de muitos conflitos e perseguições, os membros dissidentes consolidaram uma nova ramificação, a dos Irmãos Menonitas, em 1860 (DYCK, 1992).

### 3.4 LEITURAS

Além da Bíblia e dos periódicos produzidos pelos próprios menonitas, no rol de leituras desses homens e mulheres pode-se perceber a apropriação que fizeram de autores como o autor do **Emílio**, o filósofo Jean Jacques Rousseau. Numa matéria sobre educação, no **Die Brücke** de janeiro de 1936, encontra-se a argumentação do escritor, ancorado em Rousseau, que a primeira e mais importante coisa que uma criança deve aprender é poder suportar os sofrimentos.<sup>46</sup> Na mesma edição, também se encontra o poema *Lied von der Glocke* (Canção dos sinos) de Friedrich von Schiller, que junto com Johann Wolfgang von Goethe e Johann Gottfried von Herder foram os principais representantes, em 1770, da revolução literária conhecida como *Sturm und Drang* (tempestade e ímpeto), no período em que a Alemanha era apenas uma ideia. O propósito do movimento desses autores era constituir um povo e uma nação e, como tantos outros nacionalismos fizeram, eles buscaram na tradição popular os elementos desta constituição (VALVERDE, 1987).

Maria Kahle, uma poetisa nazista que passou por muitas colônias alemãs do Brasil, fazendo discursos em púlpitos decorados com símbolos nazistas como a suástica (SEYFERTH, 2004, p.162), encontrou repercussão para seus escritos entre os menonitas, como no poema *Zweite Heimat* (Segunda Pátria), cuja mensagem é que, apesar de os imigrantes estarem numa nova pátria – o Brasil – ainda são fiéis e conservam o modo de ser alemão. O poema foi reproduzido, com elogios, na edição de setembro/outubro do **Die Brücke** de 1934.

Na mesma edição encontram-se frases de antigos religiosos luteranos, como Friedrich Naumann, eram palavras de incentivo à fraternidade, condição necessária para se viver em comunidade. Na edição de maio/junho de 1934 são frases do próprio Martinho Lutero que aparecem. No entanto, o trecho mais curioso encontrado no jornal menonita, nesta mesma edição, foi o do capítulo 49 do **Livro do caminho e da virtude** do filósofo chinês Lao Tsé. O curioso está menos no conteúdo dos escritos, que dizem respeito as qualidades do homem que tem o

---

46 “Das Erste und das Wichtigste, was ein Kind lernen muß, ist, Leiden ertragen zu können” (p. 02).

coração sábio, do que na apropriação de textos de uma religião que pratica o culto a ancestrais além de rituais de alquimia e magia, diferentes e deveras contrárias às praticas e fundamentos do cristianismo em geral.

Por meio destas amostras de textos e autores apropriados pelos menonitas, o que se pode observar é que a busca e o uso destes escritos estão mais vinculados com temáticas pinceladas que interessam a manutenção da unidade do grupo do que propriamente o vínculo com as correntes de pensamento que divulgavam tais temáticas. E o mais importante: as temáticas evidenciadas geralmente serviram para reforçar os elementos das identificações que os menonitas almejavam preservar.

### 3.5 BATISMOS

Identificar é diferenciar e a identidade de um grupo se constrói, dentre outros elementos, a partir da alteridade (CUCHE, 2002). Para os menonitas, as doutrinas ligadas ao batismo foram um dos primeiros e principais itens de diferenciação desse ramo do protestantismo em relação a outros movimentos. Para os menonitas, o batismo é uma expressão consciente de fé, portanto deve ser exercido por membros maduros e cômicos de sua decisão, daí o conflito que os diferencia, por exemplo, dos luteranos, que batizam crianças. O anabatismo, como já foi visto, tem suas origens no século XVI, e como será visto, terá permanências, sem isenção de rupturas, ao longo de séculos, como se percebe na comunidade menonita do Boqueirão.

Segundo Dück (2006) o primeiro batismo no bairro aconteceu em 1939 e o segundo só em 1946, quando ele próprio foi batizado. K. E. (2001) lembra que ficaram anos sem ter um batismo e relata sua experiência de conversão e consequentemente de batismo:

eu me converti aos 11 anos de idade...tinha sonhado que caía em águas profundas... cabeça pra frente pernas pra trás... eu gritava: pra onde eu vou? Acordei. Fui procurar minha mãe e lhe disse que queria me converter... eu parecia estar com a garganta fechada, não conseguia chamar pela minha mãe, foi terrível, finalmente saiu:

mama!! Ela me perguntou o que foi e eu lhe disse que queria me converter. Ela disse: venha já! Nos ajoelhamos e oramos ela me disse que agora eu era filha de Deus. [...] No dia seguinte fui ao vizinho Sr. Hübert contar que eu tinha me convertido a Jesus... ele disse que isso era muito bom e orou comigo e me deu um versículo: "minhas ovelhas ouvem a minha voz e me seguem"...também fui ao outro vizinho que era um pastor Neufeld e falei da minha decisão de conversão, este também orou comigo e me passou o versículo: "há festa no céu quando um pecador se arrepende" [...]. Minha vida naquela época ia muito bem. [Mas] algo começou a me perturbar quando pensava que deveria ser batizada. Tinha 17 anos, pensava que isso eu não conseguiria fazer [...] [durante] anos não tivemos nenhum batismo, não sei porque mas não houveram festas de batismo. [...]

A questão do batismo me perturbava, meu irmão mais novo Henz estava muito tempo doente, nós medicávamos mas nada resolvia. E eu orei a Deus dizendo que se ele fosse curado eu seria batizada. No outro dia de manhã minha mãe disse que dera os remédios normalmente e que o menino estava saudável novamente. Mas ninguém era batizado naquela época, o conflito continuava e clamei a Deus para me dar alguma palavra, o que Ele esperava e queria de mim, abri a Bíblia despretensiosamente e encontrei o texto de Marcos 16:16 "quem crer e for batizado será salvo, mas quem não crer será condenado". No outro dia a Susan Neufeld da Vila Guíra vem até a nossa casa [...] disse que iria ao senhor Hübert pois queria ser batizada, eu falei que queria ir junto e minha irmã Aghi também se entusiasmou. Éramos três e tinha o Abram Dück e tinha ainda Jash Kasdorfschã. No total cinco de nós queriam ser batizados. Houve a festividade e tínhamos que fazer o testemunho público de nossa fé. Foi-me perguntado se havia necessidade de reconciliação com alguém e eu disse que sim... Rudi me trouxe para casa após uma festa de casamento e quis me dar um beijo, eu lhe disse que não beijava... isso não era verdade pois eu tinha um outro namorado. Eu queria me batizar [...] Eu pedi perdão e me batizei.

Este longo relato permite várias interpretações acerca das práticas que envolviam e, por vezes, antecedia o momento do batismo: a angústia da demora em realizarem-se batismos, os riscos e medos da não conversão que permeavam até os sonhos da criança, a presença da figura materna no momento da conversão, o compartilhar do ato da conversão com seus vizinhos, o próprio ato de conversão que antecedia ao batismo, característica esta marcante para os menonitas (anabatistas) que procuravam neste ato uma manifestação consciente de fé e conversão, há o momento de arrependimento de pecados e o pedido de perdão. Estas práticas permeavam o imaginário daquela população, que por sua vez não precisou da escola para que esta lógica fosse ensinada e aprendida.

Sobre sua experiência de batismo M. F. (2009) conta que ela tinha por volta

de 17 e 18 anos, e que após a decisão havia um preparo, em forma de estudo, para o batismo:

tinham o costume de 12 anos em diante [para o batismo] [...] E nós temos o costume que [...] você traz a criança depois de alguns dois meses ou três [...] na igreja e [...] o pastor abençoa a criança [...]. Isso sempre foi assim. Mas o batismo pela fé, que você mesmo tem, eles tem esse catecismo, a catequese né que a católica também tem, nós também sempre tivemos, quando nós eramos jovens. [...] Fazem [...] um estudo bíblico com eles né, e nós tivemos esse catequese [...]. E daí eram batizado. [Nesse estudo] você pelo menos sabe do que se trata uma igreja [...] isso você tinha que saber, isso você aprendia, se você acreditava nesse filho de Deus né, o Jesus, se você acredita, se você acha que ele veio também pra livrar, pra você mesmo, né. E essas coisas sobre isso, você depois é batizado.

Segundo relato de M. F. (2009), os primeiros batismos realizados no Boqueirão foram por aspersão, prática provavelmente trazida da Rússia, pois o ato de borrifar água no fiel em vez de imergi-lo em um montante de água era mais conveniente no frio, muitas vezes congelador, daquela região. Sobre os detalhes do ritual do batismo ela conta que

nós fomos batizados diferente [...] a gente tinha que se ajoelhar vestido branco, [...] a gente se ajoelhava e daí o meu pai [o pai de M.F. era pastor] [...] ou o pastor teve uma bacia com água e daí em nome do pai, do filho e do espírito santo, ele jogava assim água na cabeça da gente [...]. Assim [...] nós fomos batizados.

No entanto, alguns anos depois, no Brasil, os menonitas começaram a praticar o batismo por imersão (figura 24), como lembra M. F. (2009):

Esse batizado no tanque é diferente, já é diferente né. [...] Mas [...] nossos pais eram acostumados isso deste [por aspersão] antes. Depois quando nossos foram depois já com mais idade [...], eles começaram, aqui também, depois muita outra gente veio aqui morar, que tinha vários tipos, eles se reuniram todos juntos pra fazer só um tipo de batismo, né. Pra não ter esse problema, Porque antigo também já teve esse: Ah você só foi jogado um pouco de água em cima, isso não limpa [o pecado] [...] você tem que ser submersão né. [...] Meu pai sempre dizia assim: Esse, esse ato é só [...] [um] ato, não livra, não limpa você.

Embora a doutrina menonita prescreva que o batismo deva ser um ato



consciente, há controvérsias quanto a forma como o batismo deveria ser realizado e de seu próprio significado. Alguns entendiam o batismo como um ato em que o pecado era limpo pelas águas, enquanto outro grupo acreditava que o pecado era limpo pelo sangue derramado por Jesus, e que o batismo era apenas um ato simbólico de fé.



FIGURA 24 - BATISMO POR IMERSÃO NUM TANQUE  
FONTE: DÜCK, 2006, p. 43

O periódico **Mennonitsche Rundschau**, edição de dezembro de 1948, registra que no dia 07 de novembro deste mesmo ano aconteceu mais uma festa de batismo no Boqueirão. Foram 5 pessoas batizadas num tanque, ou seja, dessa vez o batismo foi por imersão. O relato é de que toda a comunidade acompanhava a cerimônia. Na ocasião, o pregador Kasdorf foi quem proferiu uma palavra baseada no evangelho de Mateus 28 versículos 18 ao 20, onde está escrito:

18 Então, Jesus aproximou-se deles e disse: "Foi me dado toda a autoridade nos céus e na terra. 19 Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do

Espírito Santo, 20 ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos.

Dentro do tanque a imersão dos fiéis na água foi conduzida pelo pastor Fröse. Depois disso, foram todos em direção à capela, onde os recém batizados foram recebidos pelo pastor Peter Hamm com os versículos de I Pedro 2:18-24, que discorre sobre alguns dos deveres sociais do cristão, como a obediência às autoridades, e não só às boas autoridades, mas também às más, pois mesmo que sejam maltratados devem olhar para o exemplo de Cristo que, foi insultado na cruz, mas não revidou. Depois da pregação, foi celebrada a Santa Ceia, mas não pelo pregador anterior, e sim pelo missionário Siebel, o qual conduzia as aulas na escola dominical com os jovens.

Após o batismo, o fiel tornava-se membro da Igreja e poderia, então, participar de algumas práticas que antes não eram permitidas, como o momento da Santa Ceia, como lembra Dück: "pessoas dispostas a se filiarem a essa igreja eram convidadas a darem um testemunho oral de sua vida com Cristo. Aos aprovados, era ministrada a Ceia do Senhor" (2006. p. 43). O batismo, além de um ato religioso de fé, também era um elemento que reforçava a forma de agrupamento, pois este ato também simbolizava o reforço de uma aliança e comprometimento com o grupo e seus ideais.

### 3.6 NA ETERNIDADE COM O SENHOR

Peter Burke (1992) ao falar de temas que durante a terceira geração dos *Annales* caminharam "do porão ao sótão", destaca que a temática da morte havia sido muito menos expressiva nas pesquisas históricas do que outras, como as relacionadas à sexualidade, por exemplo, mas que com autores como Lucien Febvre (*L'homme devant la mort*, 1941), este tema começa a ser mais discutido. Para as três grandes religiões monoteístas (judaísmo, cristianismo e islamismo), apesar das diferentes perspectivas, a morte não é o fim, mas uma passagem. Entre os cristãos, uma passagem que conduz os salvos à eternidade com Deus, tema que ganhou

contornos específicos ao longo dos séculos entre católicos e nas diferentes seitas protestantes.

"Na eternidade com o Senhor": foi justamente esta a frase chave de uma matéria do **Die Brücke** de abril de 1936 sobre a visita de dois membros da comunidade menonita de Santa Catarina às comemorações de inauguração da Escola do Boqueirão. O relato da viagem tem seu ponto crucial na descrição do encontro dos visitantes com Helena Görtz, que tinha câncer no estômago e estava acamada com fortes dores, há semanas. Aos visitantes, ela declarou que tinha ainda o desejo de, antes de morrer, rever os netos que estavam em Santa Catarina. Mas, no dia seguinte, depois de padecer com terríveis convulsões, Helena Görtz morreu, e, antes de fechar os olhos para este mundo, suas últimas palavras foram "na eternidade com o Senhor". (**Die Brücke**, n. 4, Witmarsum/SC, abril, 1936, p. 6-7).

Na cerimônia fúnebre da senhora Görtz, foi pronunciado por um dos membros da comunidade, o salmo 39:5, que declara "deste aos meus dias o comprimento de um palmo; a duração da minha vida é nada diante de ti. De fato, o homem não passa de um sopro". Com a leitura deste texto, os presentes meditaram sobre a efemeridade da vida. No momento do enterro ainda foi cantado o hino *Lebt wohl* (Adeus), como lembra Dück "os menonitas são um povo que canta. Eles não cantam somente em dias de felicidade e vitória, mas também em momentos de reveses e de muita tristeza" (2006, p. 32-33).<sup>47</sup>

Como parte dos momentos fúnebres, a música era um elemento utilizado em momentos festivos e alegres, e em momentos de tristezas e dissabores. Ao relatar o funeral de uma "irmã da comunidade" no jornal **Die Brücke**, de maio de 1936, o autor anônimo reproduziu duas estrofes da canção *O Haupt vol Blut und Wunden* (Oh cabeça ensanguentada e ferida), produzida no século XVIII por Johann Crüger e Paul Gerhard, e que descreve a situação do momento da morte e o ansioso encontro com Jesus crucificado, crucificado para redimir dos pecados, para salvar. Esta música mostra muito mais que uma das pautas do velório, ou enterro menonita,

---

47 A matéria do **Die Brücke** relata que por não haver ainda cemitério no Boqueirão, o que de fato só se constituiu em 1950 (SUTIL, 1950), os parentes tiveram que alugar um carro para que o corpo fosse levado ao cemitério. Apesar de não haver citação sobre o cemitério escolhido para o enterro, M. F. (2009) lembra que antes de construírem o cemitério no Boqueirão, os enterros eram realizados no cemitério do bairro Água Verde ou no cemitério da Comunidade Evangélica Luterana.

mas e principalmente a crença cristã de uma vida após a morte no céu e com Cristo. (**Die Brücke**, n. 5, Wittmarsun/SC, maio 1936, p. 6). Aproximadamente uma década depois, o jornal **Mennonitische Rundschau**, de dezembro de 1948, relatava a cerimônia fúnebre de uma criança de 2 meses, que havia morrido no Boqueirão no mês de novembro. O dirigente do coral, na época Johann Neufeld, iniciou com a canção *In Himmel ist es wunderschön* (No céu é bonito). Depois o pastor Peter Hamm proferiu uma pregação pautada no capítulo 19 do evangelho de Mateus, onde estão as palavras de Jesus quando se dirigiu às crianças: "deixem vir a mim as crianças e não as impeçam, pois o Reino dos céus pertence aos que são semelhantes a elas". (**Mennonitische Rundschau**, Winnipeg/Manitoba/Canadá, dezembro de 1948).<sup>48</sup> Percebe-se nestes relatos que, mesmo a hora da morte era oportuna para que os princípios e crenças do grupo fossem reforçados, seja por meio das canções, seja por meio das pregações.

Entre os menonitas havia também o costume de se fazer, no momento do velório, uma leitura descritiva da biografia do falecido (M. F. 2009), a qual muitas vezes era transcrita nos jornais. Em abril de 1936, o **Die Brücke**, a edição que comentava o falecimento de Helena Görtz, informando sua data de nascimento, o casamento com o viúvo (com 3 filhos) Joh Görtz e os 11 filhos que tiveram, entre outras particularidades, também trazia o relato sobre os velórios e as honras públicas para outros três falecidos: dois adultos e uma criança.

Segundo M. F. (2009), nos velórios se tinha o costume de servir um café para os presentes, e este café, assim como nos casamentos, era preparado por vários membros da comunidade. Sutil (1995) destaca que nos enterros menonitas costumava-se fotografar o episódio, já que muitos dos parentes estavam em lugares afastados e não tinham como comparecer, então eles visualizavam o acontecido por meio da imagem. Por conta desta distância entre os parentes, no final do relato

---

48 O bebê foi velado na igreja menonita no dia 14 de novembro, o mesmo dia da festa das crianças de 1948. Como pode acontecer uma festa, e para crianças, depois do velório? Era preciso expressar publicamente a aceitação dos 'desígnios do Senhor' (mesmo que isso significasse abafar dor e tristeza), inclusive para os diversos convidados externos ao grupo que haviam se preparado para a festa (como cancelar festa tão grande?). Apesar da propalada união e fraternidade entre todos os membros da comunidade, o grupo era dividido por simpatias (amizades e inimizades) e interesses que apareciam especialmente nessas ocasiões singulares, como velório e festa em um mesmo dia/lugar. Possibilidades que não puderam ser confirmadas ou descartadas.

sobre a morte de Helena Görtz, o escritor deixa os pêsames para toda a família, inclusive para os membros que estão no Canadá, o que evidencia a troca de informações, a manutenção de laços familiares, entre as comunidades menonitas espalhadas pelos continentes, prática realizada inclusive com o auxílio dos jornais e que concorria para reforçar a identidade de todos: cristãos, seguidores das ideias Meno Simons; germânicos que passaram pela Holanda e viveram dias de prosperidade na Rússia czarista.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou recuperar aspectos e interpretar a história de um agrupamento humano, os menonitas, num determinado espaço de tempo, as décadas de 1930 e 1940. Pois, como diria Marc Bloch (2001, p. 55), a história não é somente a representação do passado, mas sim a representação dos homens mergulhados em seu tempo. O mesmo autor, juntamente com sua geração, também deixou aos demais historiadores o legado de se fazer história não por compilações e transcrições de documentos oficiais (BURKE, 1997, p. 12), nos ensinou a fazer a história a partir de problemas, de questões.

Dessa forma, a questão lançada para esta pesquisa foi a de perceber na relação existente e desenvolvida entre práticas cotidianas e educativas, formais ou não, como o processo identitário do grupo menonita preservou e transformou alguns dos elementos constituintes de sua auto-representação. Para tanto, focou-se o olhar para a cultura desse grupo, pois as noções de cultura e identidade mantêm grande ligação e "em última instância, a cultura pode existir sem consciência de identidade, ao passo que as estratégias de identidade podem manipular e até modificar uma cultura" (CUCHE, 2002, p. 176). Ao longo do texto pode-se perceber que existe diferenciação entre cultura e identidade, conceitualmente, mas que elas estão o tempo todo interagindo e se acionando.

Buscou-se ao longo da pesquisa, não fazer um controle da identidade menonita e negou-se a postura do pesquisador como um inquiridor que daria a sentença do que são e o que não são os menonitas. Pelo contrário, buscou-se clarear e sistematizar como os próprios menonitas se representavam juntamente com a representação que aqueles que estavam de fora fizeram deles no mesmo contexto.

Destaca-se, assim, que a partir da trajetória e das experiências do grupo menonita, foi possível perceber como, desde os primeiros vínculos do grupo na Europa até suas primeiras instalações no território brasileiro, a identidade vai sendo alterada de acordo com as mudanças não só de tempo, mas também de espaço e de interlocutores.

Nas diversas peregrinações vividas pelo grupo ao longo de séculos, e mesmo na comunidade estabelecida no Boqueirão, entre ganhos e perdas de elementos identitários, percebe-se que aquilo que mais mostrou permanência foi a fé protestante, por mais que os ritos e costumes a ela ligados tenham sofrido mudanças, como o caso do batismo, ora praticado por aspersão, ora praticado por imersão.

Como o sentimento de germanidade estava enraizado neste grupo, dificultando até mesmo uma maior integração nacional nos países para onde migraram. Tanto que após terem permanecido mais de cem anos em território russo, quando vieram para o Brasil faziam questão de identificarem-se como alemães, na maioria das vezes.

A decisão de construírem e manterem uma escola própria até o momento em que isto foi proibido, mesmo tendo outras opções de escolarização na cidade, reforça a ideia de que os menonitas queriam, eles próprios, preservar sua identidade.

No entanto, o processo de integração é inevitável, mesmo que seja lento e cheio de resistências. E em meio a resistência à integração, percebeu-se uma maior abertura quando se tratava de questões econômicas, principalmente na ocupação de empregos em residências brasileiras e a comercialização do leite, ou mesmo na presença de um brasileiro à frente da cooperativa menonita, ou ainda a presença de crianças brasileiras na escola menonita, como fruto da troca de favores com a população local. Na medida em que os anos passaram percebeu-se uma maior abertura do grupo para aqueles que estavam de fora, como foi na festa das crianças de 1948, onde crianças da vizinhança e de um orfanato foram convidadas e hinos em português foram entoados voluntariamente pelos organizadores da programação.

A própria figura de uma professora brasileira, como referência de autoridade frente à classe, deixou sua marca nas crianças menonitas do Boqueirão da década de 1930, ensinando-as o português e os principais símbolos e ritos patrióticos. Esta foi uma forte expressão de interlocução com a cultura local e, conseqüentemente, um importante movimento para a integração destas crianças, ainda que a professora tenha permanecido na escola por pouco tempo.

As políticas nacionalistas também exerceram uma forte pressão para a integração e brasileiroização destes imigrantes, aplicando normas e fiscalizações que confrontavam diretamente com os princípios e a identidade do grupo. No entanto, os menonitas encontraram formas de burlar o nacionalismo ofensivo. Criaram alternativas para a preservação de sua identidade ideal como forma de resistência às ações do Estado, como foi o caso do uso do *Plattdeutsch*.

Observou-se que num dia de casamento menonita, mesclava-se o espírito comunitário, o trabalho (produção do leite), e germanidade (danças folclóricas) e a religião. Mas, ao mesmo tempo em que se pretendia preservar estes elementos identitários, estavam as pressões do meio para que mudanças fossem realizadas. Isto é percebido na proibição do alemão e a consequente necessidade de se aprender o português. Havia ainda aqueles jovens que se apaixonavam por brasileiros e desejaram com estes constituir família. Assim, aos poucos a comunidade tendeu ao brasileiroização, à mudança de identidade, mas não sem conflitos. O contraste entre as lembranças dos tempos na Rússia, onde se expressavam livremente em alemão em comunidade extremamente fechada, e o contexto curitibano estava sempre presente.

Além de nostálgicos, os menonitas também se mostraram como um grupo unido, como se presenciou na organização dos casamentos. A própria escola teve sua construção e manutenção empreendidas de forma comunitária, com os jovens recém casados, que não tinham filhos, tendo que colaborar com o empreendimento educacional. No entanto a busca pela unidade nem sempre foi alcançada, principalmente por conta dos inevitáveis conflitos internos que a comunidade passou.

Dentre os outros mecanismos usufruídos pela comunidade, a organização de um coral possibilitou que vários elementos importantes da identidade e cultura menonita fossem reforçados: a música, a religião por meio do louvor e o alemão, até o momento que foi proibido pelo governo brasileiro. Os estudos bíblicos de domingo também foram importantes para o ensino religioso das crianças e jovens. E o batismo, por meio de um ato simbólico, reforçava o vínculo do indivíduo com o grupo e seus ideais. Mesmo a morte era vista como uma oportunidade de, nos ritos fúnebres, reforçar a condição humana de efemeridade, a ideia de pai/criador Deus e,



após a salvação, a eternidade que se teria ao lado d'Ele.

Os saberes ensinados nas práticas e costumes dos menonitas foram não só prescritos, mas vividos, experienciados por toda a comunidade, saberes que, muitas vezes de maneira não escolarizada, nos batismos, festas variadas, velórios, estiveram ligados aos processos identitários do grupo. É evidente que estes saberes e as práticas e instituições que evidenciavam são constituintes da cultura menonita, e, portanto, estariam presentes na comunidade, independentemente da escola. Ao evocar tais configurações não se pretendeu inferir uma substituição que o grupo fez na ausência da escola. O que se pretendeu mostrar é que tanto a escola, quanto as demais práticas e instituições foram dispositivos, cada qual a sua maneira, para que os processos identitários engrenassem sua dinamicidade.

Após 14 anos no bairro do Boqueirão, os menonitas já estavam enraizados e estabelecidos e, deixando para trás a penúria e necessidades dos primeiros anos, já desfrutavam da estabilidade e apresentavam vestígios de prosperidade. O periódico canadense **Mennonitische Rundschau**, de 20 de abril de 1949, transcrevia o escrito de um menonita de Curitiba, A. Hamm, que, ao relatar a situação da sua colônia no ano de 1948, destacava que os membros da comunidade desfrutavam de descanso e paz, que tinham o pão de cada dia e nada faltava. Hamm também contava que estavam até podendo ajudar os irmãos do Paraguai que não estavam em boa situação. (**Mennonitische Rundschau**, Winnipeg/Manitoba/Canadá, abril de 1949).

Dessa forma, atravessando os anos e com eles estabelecendo construções materiais e reconstruções simbólicas, os menonitas, que a princípio almejavam fugir da Rússia para a Alemanha ou Canadá, vieram, muitos contrariados, para o Brasil, e foi aqui que reconstruíram suas vidas, relembando e praticando tradições centenárias, mas não sem inventar novas práticas e costumes, educando e reeducando seus filhos.

## FONTES

### PERIÓDICOS

**Bibel und Pflug**, Witmarsum/PR, n. 9, junho de 1954.

**Bibel und Pflug**, Curitiba/PR, n. 22, novembro de 1989.

**Bibel und Pflug**, Curitiba, maio de 2001.

**Diário da Tarde**, Curitiba, 29 de janeiro de 1942.

**Diário da Tarde**, Curitiba, 05 de fevereiro de 1942.

**Diário da Tarde**, Curitiba, 29 de janeiro de 1946.

**Diário da Tarde**, Curitiba, 11 de janeiro de 1946.

**Diário da Tarde**, Curitiba, 22 de março de 1948.

**Diário da Tarde**, Curitiba, 13 de abril de 1948.

**Diário da Tarde**, Curitiba, 22 de maio de 1948.

**Diário da Tarde**, Curitiba, 29 de maio de 1948.

**Die Brücke**, Witmarsum/SC, n.16, novembro/dezembro de 1933.

**Die Brücke**, Witmarsum/SC, n. 01, janeiro/fevereiro de 1934.

**Die Brücke**, Witmarsum/SC, n. 02, março/abril de 1934.

**Die Brücke**, Witmarsum/SC, n. 03, maio/junho de 1934.

**Die Brücke**, Witmarsum/SC, n. 05, setembro/outubro de 1934.

**Die Brücke**, Witmarsum/SC, n. 11, novembro de 1934.

**Die Brücke**, Witmarsum/SC, n. 01, janeiro de 1936.

**Die Brücke**, Witmarsum/SC, n. 02, fevereiro de 1936.

**Die Brücke**, Witmarsum/SC, n. 04, abril de 1936.

**Die Brücke**, Wittmarsun/SC, n. 05, maio de 1936.

**Die Brücke**, Witmarsum/SC, n. 06, junho de 1936.

**Die Brücke**, Witmarsum/SC, n. 07/08, julho/agosto de 1936.

**Die Brücke**, Witmarsum/SC, n. 09, setembro de 1936.

**Die Neue Brücke**, Witmarsum/SC, n. 06, junho de 1938.

**Gazeta do Povo**, Curitiba, 26 de abril de 1934.

**Gazeta do Povo**, Curitiba, 01 de maio de 1934.

**Gazeta do Povo**, Curitiba, 28 de abril de 1938.

**Gazeta do povo**, Curitiba, 09 de setembro de 1938.

**Gazeta do Povo**, Curitiba, 13 de novembro de 1938.

**Gazeta do Povo**, Curitiba, 04 de outubro de 1939.

**Gazeta do Povo**, Curitiba, 22 de agosto de 1941.

**Gazeta do Povo**, Curitiba, 19 de novembro de 1942.

**Gazeta do Povo**, Curitiba, 16 de abril de 1943.

**Mennonitische Rundschau**, Winnipeg/Manitoba/Canadá, dezembro de 1948.

**Mennonitische Rundschau**, Winnipeg/Manitoba/Canadá, abril de 1949.

**O Dia**, Curitiba, 01 de julho de 1934.

**O Dia**, Curitiba, 16 de junho de 1936.

## **PANFLETO**

**QUEM são os menonitas**. Adaptado de um artigo de J. C. Wenger e traduzido para o português por Corina Camargo de Rosa. [S.l.: s.n.].

## **LIVROS DE MEMÓRIA**

DYCK, Cornelius J. **Uma introdução à história menonita**. São Paulo: Ed. Cristã Unida, 1992.

DUECK, Abram. Seminar: **The mennonites of Brazil**. Indiana: Goshen College,

1951. Mimeo.

ENS, Henrique. Seminar: **The schoolorganization among the mennonites in Brasil**. Indiana: Goshen College, [195?]. Mimeo.

KLASSEN, J. **MENONITAS... e irmãos**. Curitiba: Instituto e Seminário Bíblico Irmãos Menonitas (ISBIM), 1984.

PAULS JR., Peter. **Mennoniten in Brasilien**: Gedenkschrift zum 50 Jahr – Jubiläum ihrer Einwanderung 1930-1980. Witmarsum: [s.n.], 1980.

## ENTREVISTAS

**A. D.** Entrevista concedida a Silvana Bojanoski e Marcelo Sutil. Curitiba, nov. 1994.

**J. D.** Entrevista concedida a Marcelo Sutil e Silvana Bojanoski. Curitiba, nov. 1994.

**M. F. e H. F.** Entrevista concedida a Karl Friesen. Curitiba, 17 mar. 2001.

**M. M. F.** Entrevista concedida a Karl Friesen, Curitiba, 24 set. 2001.

**K. E.** Entrevista concedida a Karl Friesen, Curitiba, 16 mar. 2001.

**M. F.** Entrevista concedida a Francielly Giachini Barbosa. Curitiba, 26 nov. 2009 (iniciais fictícias).

**E. E. e H. E.** Entrevista concedida a Francielly Giachini Barbosa. Curitiba, 27 nov. 2009 (iniciais fictícias).

## LEGISLAÇÃO

PARANÁ. Decreto Estadual n. 6149, de 10 de janeiro de 1938.

BRASIL. Decreto-lei n. 383, de 18 de abril de 1938.

BRASIL. Decreto-lei n. 406, de 04 de maio de 1938.

## RELATÓRIOS DE MISSIONÁRIOS DO COMITÊ CENTRAL MENONITA

DIE STADTRANDSIEDLUNG Curityba. Relatório enviado ao Comitê Central Menonita de Indiana, Estados Unidos em [193?].

## MÚSICA

ROSA, Noel. **Minha viola**. 1929

## FILME

SIEMENS, Udo; SIEMENS, Irmgrad. **Die Dürksens – Eine Familie von Mennoniten im Curitiba**. Curitiba: [s.n.], 2005.

## FOTOGRAFIAS

Imagens provenientes de acervos particulares, periódico *Bibel und Pflug* (2001),

Atlas Histórico do Mundo (1995), Associação Cultural Menonita, Global Anabaptist Mennonite Encyclopedia online, e dos livros **Mennoniten in Brasilien: Gedenkschrift zum 50 Jahr – Jubiläum ihrer Einwanderung 1930-1980** (1980) e **Abram Dück - Autobiografia: um Peregrino a serviço do Senhor na Igreja e na Comunidade** (2006). Vide lista de figuras.

## REFERÊNCIAS

**Atlas da História do Mundo.** São Paulo: Empresa Folha da Manhã, 1995.

AZEVEDO, Cecília. Identidades compartilhadas: a identidade nacional em questão. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel. **Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologias.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. p. 38-54.

BALHANA, Altiva Pilati. Os menonitas no Brasil. In.: PAULS JUNIOR, Peter. **Mennoniten in Brasilien: Gedenkschrift zum 50 Jahr – Jubiläum ihrer Einwanderung 1930-1980.** Witmarsum: [S.n.], 1980.

BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma.** Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Arquitetura e espaço escolar: o exemplo dos primeiros *grupos escolares* de Curitiba (1903-1928). In: BENCOSTTA, M. L. A. (org.). **História da Educação. Arquitetura e Espaço Escolar.** São Paulo: Cortez, 2005, p. 95-140.

BERTONHA, João Fábio. **Fascismo, Nazismo, Integralismo.** São Paulo: Ática, 2004.

BERTUCCI, Liane Maria. Educar para a saúde e o trabalho. Legislação paranaense, década de 1910. Mimeo, setembro 2009. In: Congresso Ibero-Americano de História da Educação Latino-Americana. IX, 2009, Rio de Janeiro. **Anais do IX Congresso Ibero-Americano de História da Educação Latino-Americana.** Rio de Janeiro: CIHELA, 2009, 11p.

\_\_\_\_\_. Anos 1910: educação e saúde para formar *o povo brasileiro*. In: DINIS, N. F.; BERTUCCI, L. M. (org.) **Múltiplas faces do educar.** Curitiba: Ed. UFPR, 2007, p.115-124.

BERTUCCI, Liane Maria; BARBOSA, Francielly Giachini. Legislar para educar e transformar. Higiene e salubridade no Paraná, final dos anos 1910. In: Congresso Brasileiro de História da Educação, V, 2008, Aracaju. **Anais do V Congresso Brasileiro de História da Educação.** Aracaju: UFS, UNIT, 2008, 11p.

**BÍBLIA Sagrada:** nova versão internacional. São Paulo: Geográfica, 2000.

BLOCH, Marc. **A apologia da história.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.



BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BOSCHILIA, Roseli. Mulheres descendentes de imigrantes e o espaço fabril. In: MARTINS, Ana Paula Vosne; TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. (orgs). **Mulheres na história**: Paraná – Séculos 19 e 20. Curitiba: UFPR, 1997.

BUENO, Wilma de Lara. Um olhar sobre a diferença: polacas ou polonesas em Curitiba. In: MARTINS, Ana Paula Vosne. TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. (orgs). **Mulheres na história**: Paraná – Séculos 19 e 20. Curitiba: UFPR, 1997.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales, 1929-1989**. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

CAPELATO, M. H. R.; PRADO, M. L. C. Introdução In: **O Bravo Matutino. Imprensa e Ideologia**: O Jornal O Estado de São Paulo. São Paulo: Alfa-Omega, 1980.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Caminhos da Identidade**: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo. São Paulo: Ed. da Unesp; Brasília: Paralelo 15, 2006.

CARNEIRO, M. L. T. A imagem do imigrante indesejável. **Seminários: imigração, repressão e segurança nacional**. n. 3., out. São Paulo: Arquivo do Estado. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003. p. 23-44.

CASTELLS, Manuel. Paraísos comunais: identidade e significado na sociedade em rede. In: **O poder da identidade**. Vol. II. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**. Lisboa: DIFEL, 1990.

CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. **Estudos Avançados**. São Paulo: EDUSP, 11 (5), 1991, p.173-191.

CHAVES, Maria Rosa. Cooperativa Mista do Boqueirão: uma obra menonita em Curitiba. **História: Questões & Debates**. Curitiba, dez. 1982. p. 131-138.

CLASSEN, Johann P. Ein Gesangbuch Anhang. In: ENS, Henrique; REIMER, Gustavo E. **Jahrbuch**: der Mennoniten in Südamerika. Curitiba: Santa Cruz, 1961.

I CORÍNTIOS. In: **BÍBLIA Sagrada**. Nova Versão Internacional. São Paulo: Geográfica, 2000. Cap. 14, p. 895-896.

CORSETTI, Berenice. Política educacional, colonização e nacionalização no Rio Grande do Sul (1889-1930). **História, Debates e Tendências**. p.167-181, jul, 2004.

II CRÔNICAS. In: **BÍBLIA Sagrada**. Nova Versão Internacional. Ed: Geográfica, 2000. Cap.7, vers. 11-16, p. 332.

CUCHE, Denys. Cultura e Identidade. In: A noção de cultura nas ciências sociais. Bauru: EDUSC, 1999.

DAMKE, Ciro. A origem/procedência das músicas populares alemãs. **Revista Trama**. Cascavel: UNIOESTE, 2006, p. 35-45.

DÁVILA, Jerry. **Diploma de brancura**: política social e racial no Brasil – 1917-1945. São Paulo: UNESP, 2006.

DÜCK, Abram. **Abram Dück - Autobiografia**: um peregrino a serviço do Senhor na Igreja e na Comunidade. [S.l.: S.n.], 2006.

DÜCK, Elvine Siemens. **Witmarsum, uma comunidade trilingüe**: Plautdietsch,. Hochdeutsch e Português. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPR. Curitiba, 2005.

DÜCK Fº, João. Colégio Erasto Gaertner: resumo histórico. In: PAULS JUNIOR, Peter. **Mennoniten in Brasilien**: Gedenkschrift zum 50 Jahr – Jubiläum ihrer Einwanderung 1930-1980. Witmarsum, 1980.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. Manifesto do Partido Comunista. Dossiê Manifesto Partido Comunista. **Estudos Avançados**: Dossiê Manifesto do Partido Comunista. V. 12, n. 34. São Paulo, set-dez, 1998. p. 7-46.

ENNS, Robert Egon. **Permanecei em mim**: 70 anos da imigração menonita. Curitiba: [s.n.], 2000. *Mimeo*.

FIORI, N. A. Apresentação. In: FIORI, N. A. (Org). **Etnia e Educação**: a escola “alemã” do Brasil e estudos congêneres. Florianópolis: UFSC; Tubarão: UNISUL, 2003, p. 103-125.

FRIESEN, Karl. **Construção da identidade menonita no Boqueirão**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Tuiuti do Paraná,

Curitiba, 2001.

GANZ, Ana Maria. Vivências e falas: trabalho feminino em Curitiba (1925-1945). In: MARTINS, Ana Paula Vosne; TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. (orgs). **Mulheres na história**: Paraná – Séculos 19 e 20. Curitiba: Ed. da UFPR, 1997.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

**Global Anabaptist Mennonite Encyclopedia Online**. Disponível em: <<http://www.gameo.org/>>. Acesso em: 18/12/2009.

GOERZ, Hans; KOOP, David. Anfang der Mennonitischen Siedlung in Boqueirão. In: PAULS JUNIOR, Peter (org.). **Mennoniten in Brasilien**: Gedenkschrift zum 50 Jahr – Jubiläum ihrer Einwanderung, 1930-1980. Witmarsum: [s.n.], 1980. p. 193-195.

GREEN, Nancy L. Time and Study of Assimilation. **Rethinking History**, v. 10, n. 2, june, 2006. p. 239-258.

GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. “Nação e Civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma História Nacional”. **Estudos Históricos**, n. 1. RJ, 1988, p. 5-27.

GUSSO, Sandra de F. K. **Educação e evangelização, principais motivos para o surgimento das escolas protestantes de origem étnica alemã em Curitiba**: um estudo de caso do Colégio Internacional e da Escola do Boqueirão. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, 2000.

HALL, Michael M. História Oral: os riscos da inocência. In: **O direito à memória**. Patrimônio Histórico e Cidadania. São Paulo: DPH, 1992, p. 157-160.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOBSBAWM, Eric J. **Nações e Nacionalismos desde 1780**: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOBSBAWM, Eric. RANGER, Terence (org.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

KOCH, W. A escola evangélica teuto-brasileira. In: FIORI, N. A. (Org). **Etnia e Educação: a escola “alemã” do Brasil e estudos congêneres**. Florianópolis: UFSC; Tubarão: UNISUL, 2003, p. 193-207.

KREUTZ, L. A educação de imigrantes no Brasil. In: LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. G. (Orgs). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 347-370.

\_\_\_\_\_. Escolas étnicas na história da educação brasileira: a contribuição dos imigrantes. In: STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. (orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. v. II., séc. XIX. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 150-165.

\_\_\_\_\_. O professor paroquial católico teuto-brasileiro: função religiosa, sociocultural e política. In: FIORI, N. A. (Org). **Etnia e Educação: a escola “alemã” do Brasil e estudos congêneres**. Florianópolis: UFSC; Tubarão: UNISUL, 2003, p.157-192

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. São Paulo: Autores Associados/SBHE, n. 1, 2001, p. 9-43.

LE GOFF, Jacques. Documento e Monumento. In: LE GOFF, J. **Memória e História**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994.

LENHARO, Alcir. **Nazismo: “o triunfo da vontade”**. São Paulo: Ática, 1990.

\_\_\_\_\_. **Sacralização da política**. Campinas: Papirus, 1986.

LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional: imigrantes. Minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. São Paulo: UNESP, 2001.

LÉTOURNEAU, Jocelyn. Sur l’“état d’êtres” culturel du Québec: essai d'argumentation. **Interfaces Brasil/Canadá**. Porto Alegre: ABECAN, 2002, n. 2, p. 37-46.

LEVINE, Robert M. **O regime de Vargas, 1934-1938: os anos críticos**. Rio de Janeiro: Novas Fronteiras, 1980.

\_\_\_\_\_. **Pai dos Pobres? O Brasil e a Era Vargas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitário da Primeira República. In:

MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (org.). **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996.

LOEWEN, Heinrich. Von Deutschland nach Brasilien. In: PAULS JUNIOR, Peter. (org.). **Mennoniten in Brasilien**: Gedenkschrift zum 50 Jahr – Jubiläum ihrer Einwanderung, 1930-1980. Witmarsum: [s.n.], 1980, p. 23-31.

LOYOLA, Rosita Cordeiro. **A formação de grupos de dominação**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da UFPR. Curitiba, 1979.

LUCAS. In: **BÍBLIA Sagrada**. Nova Versão Internacional. Ed: Geográfica, 2000. Cap. 19, vers. 45-48, p.820.

LUNA, J. M. F. de. **O português na Escola Alemã de Blumenau da formação à extinção de uma prática**: ensinávamos e aprendíamos a língua do Brasil. Itajaí: UNIVALI; Blumenau: FURB, 2000.

MAGALHÃES, Marionilde Brepohl de. **Pangermanismo e nazismo**: a trajetória alemã rumo ao Brasil. Campinas, SP: CMU/UNICAMP; FAPESP, 1998.

MARTIN-FUGIER, Anne. Os ritos da vida privada burguesa. In: Ariès, P.; Duby, G. (dir.) **História da vida privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. Vol. 4, p.193-261

MARTINS, Valter. **Nem senhores, nem caçadores**: os pequenos agricultores em Campinas; 1800-1850. Campinas: Área de Publicações CMU/UNICAMP, 1996.

MASKE, Wilson. **Bíblia e arado**: os menonitas e a construção do seu reino. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1999.

\_\_\_\_\_. **Entre a cruz e a suástica**: a fé menonita e a tentação totalitária no Paraguai: 1933-1945. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2004.

MATEUS. In: **BÍBLIA Sagrada**. Nova Versão Internacional. Ed: Geográfica, 2000. Cap.5, vers. 34-35, p. 754; Cap. 19, p.767-768; Cap. 28, vers. 19-20, p.778.

MENON, Fernando. **Jeunesses Musicales e sua representação civil no Paraná**: Juventude Musical Brasileira 8ª Região PR/SC – Setor do Paraná (1953-1963). Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2008.

MINNICH Jr., Reynolds Herbert. **A sociological study of the mennonite immigrant communities in Paraná. Brazil.** Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade da Flórida. Flórida, 1966.

NADALIN, Sergio Odilon. **As origens dos noivos nos registros de casamentos da comunidade evangélica luterana de Curitiba – 1870-1960.** Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1974.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. **Estrangeiros em sua própria terra: representações do brasileiro, 1870/1920.** São Paulo: Annablume, 1998.

NEUFELD, Johann. Gesangpflege in Boqueirão. In: ENS, Henrique; REIMER, Gustavo E. **Jahrbuch: der Mennoniten in Südamerika.** Curitiba: Santa Cruz, 1961.

NICHOLS, Robert Hastings. **História da Igreja Cristã.** Brooklin: Casa Editora Presbiteriana, 1978.

ODALIA, Nilo. **As formas do mesmo: ensaios sobre o pensamento historiográfico de Varnhagen e Oliveira Vianna.** São Paulo: Ed. UNESP, 1997.

OLIVEIRA, Dennison de. **Os soldados brasileiros de Hitler.** Curitiba: Juruá, 2008.

\_\_\_\_\_. **Curitiba e o mito da cidade modelo.** Curitiba: Ed. UFPR, 2000.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. **A questão nacional na Primeira República.** São Paulo: Brasiliense, 1990.

PAIVA, Cesar. **Die deutschsprachigen Schulen in Rio Grande do Sul und die Nationalisierungspolitik.** Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade de Hamburgo. Hamburgo, 1984.

\_\_\_\_\_. Escolas de língua alemã no Rio Grande do Sul: o nazismo e a política de nacionalização. In: FIORI, N. A. (Org). **Etnia e Educação: a escola “alemã” do Brasil e estudos congêneres.** Florianópolis: UFSC; Tubarão: UNISUL, 2003, p.103-125.

PAULS JUNIOR, Peter; PENNER, Teodoro. Os menonitas no Brasil. In: DYCK, Cornelius J. **Uma introdução à história menonita.** São Paulo: Ed. Cristã Unida, 1992.

I PEDRO. In: BÍBLIA Sagrada. Nova Versão Internacional. Ed: Geográfica, 2000. Cap.2, vers.18-24, p. 947.

PERAZZO, Priscila Ferreira. Prisioneiros de guerra: a reclusão dos imigrantes indesejáveis (Brasil: 1942-1945). **Seminários: imigração, repressão e segurança nacional**. São Paulo: Arquivo do Estado. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, n. 3, out. 2003, p. 45-52.

PERROT, Michelle. Figuras e papéis. In: Ariès, P.; Duby, G. (dir.) **História da vida privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. Vol. 4, p. 121-191

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro: Associação de Pesquisa e Documentação Histórica, v.5, n.10, 1992, p. 200-215.

RABUSKE, A. A Igreja Católica e a colonização teuto-brasileira: o caso do Rio Grande do Sul. In: FIORI, N. A. (Org.). **Etnia e Educação: a escola “alemã” do Brasil e estudos congêneres**. Florianópolis: UFSC; Tubarão: UNISUL, 2003. p.127-156.

RAGAZZINI, Dario. Para quem e o que testemunham as fontes da História da Educação? **Educar em Revista**, Curitiba, n.18, 2001, p.13-28.

RANZI, Serlei Maria Fischer. Fontes orais, História e saber escolar. **Educar em Revista**. Curitiba, n.18, 2001, p.29-42.

RENK, Valquiria Elita. Educação de imigrantes alemães em Curitiba. **Revista Diálogo Educacional**. Curitiba, v. 5, n. 14., jan/abr. 2005, p.101-112.

SALMO. In: BÍBLIA Sagrada. Nova Versão Internacional. Ed: Geográfica, 2000. Cap.39, vers. 5, p. 433; Cap. 84, vers. 1, p. 456.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. Alimentação e seu lugar na história: os tempos da memória gustativa. **História: Questões e Debates**. Dossiê: História da Alimentação. n. 45. Curitiba: Ed. UFPR, 2005.

SCHWARTZMAN, Simon *et all*. A constituição da nacionalidade. In: SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Riebeiro. **Tempos de Capanema**. São Paulo: Paz e Terra; Fundação Getúlio Vargas, 2000, p. 157-185.

SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e identidade étnica**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

\_\_\_\_\_. Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (org.). **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996.

\_\_\_\_\_. A conflituosa história da formação da etnicidade teuto-brasileira. In: FIORI, N. A. (Org). **Etnia e Educação: a escola "alemã" do Brasil e estudos congêneres**. Florianópolis: UFSC; Tubarão: UNISUL, 2003, p. 21-61.

\_\_\_\_\_. A idéia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade. **Horizontes Antropológicos**. [online] vol.10, n. 22, 2004, p. 149-197.

SCHNEIDER, Otto. **Catarina, a grande: Imperatriz da Rússia**. São Paulo: Melhoramentos, [19-?].

SIEMENS, João Udo. **Variedades lingüísticas entre os menonitas de Curitiba**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica do Paraná. Curitiba, 1983.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas: a moda no século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SOUZA, Regina M. S. de. **A estrada do poente: Escola Alemã / Colégio Progresso**. (Curitiba, 1930-1942). 152 f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2002.

\_\_\_\_\_. **Deutsche Schule, a Escola Alemã de Curitiba: um olhar histórico (1884 – 1917)**. 268 f. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2006.

STEIN, Cristiane Antunes. **“Por Deus e pelo Brasil”: a Juventude Brasileira em Curitiba (1938-1945)**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2008.

SUTIL, Marcelo. Boqueirão: o bairro na história da cidade. **Boletim Informativo da Casa Romário Martins**. Curitiba, v. 22, n. 106, ago. 1995.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

\_\_\_\_\_. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TRINDADE, Etelvina M. de C. Uma escola teuto-brasileira em Curitiba: o Colégio



Divina Providência. In: FIORI, N. A. (Org.). **Etnia e Educação**: a escola “alemã” do Brasil e estudos congêneres. Florianópolis: UFSC; Tubarão: UNISUL, 2003. p. 202-232.

VALDEMARIN, Vera Teresa. Ensino da leitura no método intuitivo: as palavras como unidade de compreensão e sentido. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 18, jul/dez., 2001.

\_\_\_\_\_. **Estudando as lições de coisas**. Campinas: Autores Associados, 2004.

VALVERDE, José Maria. **História do pensamento**. São Paulo: Abril, 1987.

VIÑAO FRAGO, Antonio. **Tiempos escolares, tiempos sociales**: la distribución del tiempo y del trabajo em la enseñanza primaria em Espana (1838-1936). Barcelona: Ariel, 1998.

VINCENT, Guy; LAHIRE, Bernard; THIN, Daniel. Sobre a história e a teoria da forma escolar. **Educação em Revista**. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, n. 33, jun. 2001, p. 7-47.

VICENTINO, Claudio. **Rússia**: antes e depois da URSS. São Paulo: Scipione, 2001.

VOTH, Norma Jost. **Mennonite foods & folkways from South Russia**. [S.l.]: Good Book, 1990. p. 35-55.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira; Brasília: Ed. Unb, 1981.

WEBER, Max. **Economia y sociedad**. Mexico: Fondo de Cultura, 1994.

WIENS, Helena. Erste Mennonitenfamilie im Curitiba. In: PAULS JUNIOR, Peter (org.). **Mennoniten in Brasilien**: Gedenkschrift zum 50 Jahr – Jubiläum ihrer Einwanderung, 1930-1980. Witmarsum: [s.n.], 1980, p. 193-195.

WIENS, João. Entstehung der Siedlung Xaxim. In: PAULS JUNIOR, Peter. (org.). **Mennoniten in Brasilien**: Gedenkschrift zum 50 Jahr – Jubiläum ihrer Einwanderung, 1930-1980. Witmarsum: [s.n.], 1980, p. 195-197.

WILLEMS, E. A escola. In: \_\_\_\_\_. **A aculturação dos alemães no Brasil**. São Paulo: Nacional, 1980, p. 270-300.